REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO



AGOSTO DE 1887

NUMERO 33



RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

1887

ASSEMBLÉA GERAL

ACTA DA SESSÃO SOLEMNE DO 25.º ANNIVERSARIO DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO EM 27 DE JANEIRO DE 1887

Presidencia do Exm. Sr. Conselheiro

João José Pinto Junior.

A uma hora da tarde, depois de recebida a continencia da guarda de honra postada em frente do edificio, os Exms. Srs. Rvm. Bispo Diocesano, Drs. Presidente da Provincia, Primeiro Vice Presidente e o General Commandante das Armas, são acompanhados pela respectiva commissão, ao som de uma musica marcial, collocada á entrada do salão, até o logar que lhes é destinado; e estando presentes os Exms. Srs. Chefe de Divisão Inspector do Arsenal de Marinha, Commandante da Escola de Imperiaes Marinheiros, Ajudantes de Ordens da Presidencia e do Commando das Armas da Provincia, Rvm. Vigario desta freguezia de Santo Antonio, os Srs. Consules de Portugal, do Perú e outros, Deputados Geraes e Provinciaes, Dezembargadores, Juizes de Direito, Lentes da Faculdade, Professores, Chefes e Empregados de differentes Repartições, Advogados, Medicos, Jornalistas, Academicos, distinctas senhoras e muitas outras pessoas gradas, commissões do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica de Pernambuco, dos Conselhos Directores da mesma sociedade, nas parochias do Poço da Panella e da Boa-Vista desta cidade, do Club Litterario Pinto Junior, da Associação dos Funccionarios Publicos, do Gremio dos Professores Primarios, do Instituto dos Professores, da Imperial Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e da Sociedade Onze de Agosto,

grande numero de cidadãos de todas as classes; verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto: Commendador Antonio Gomes de Miranda Leal, Conselheiro Quintino José de Miranda, Dr. José Hygino Duarte Pereira, Conselheiros Manoel do Nascimento Machado Portella e João José Pinto Junior, Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva, Monsenhor Joaquim Arco-Verde de Albuquerque Cavalcanti, Dr. Maximiano Lopes Machado, Dr. João Baptista Regueira Costa (1.º secretario), Major José Domingues Codeceira (2.º secretario), Chefe de Divisão José Manoel Picanço da Costa, Drs. Ignacio Joaquim de Souza Leão, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, José Eustaquio Ferreira Jacobina, Josê Joaquim de Oliveira Fonseca, Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque, Paulo José de Oliveira, Joaquim Antonio de Castro Loureiro, José Isidoro Martins Junior, João Alfredo de Freitas, Commendador Manoel Camillo Pires Falcão, Majores Luiz Coêlho Cintra, Manoel Heraclito de Albuquerque e Leopoldo Borges Galvão Uchôa, Francisco Augusto Pereira da Costa e Augusto Cesar da Cunha.

O Exm. Sr. Presidente do Instituto, leu um discurso analogo ao acto e declarou aberta a sessão.

Em seguida dada a palavra ao Primeiro Secretario Dr. Baptista Regueira, leu este o seu relatorio sobre o movimento litterario, economico e administrativo do Instituto, durante os dous ultimos annos; coube depois a palavra ao segundo orador do Instituto Dr. Lopes Machado, que, memorando as datas solemnisadas por esta associação, fez o elogio historico dos socios fallecidos durante o biennio social.

Occuparam em seguida a tribuna e felicitaram o Instituto, os Srs.: Dr. José Isidoro Martins Junior, por parte do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica; Dr. Paulo José de Oliveira, como orador do Conselho Director da mesma sociedade na parochia do Poço da Pa-

nella; Dr. Virginio Marques Carneiro Leão, por parte da mesma sociedade e do corpo docente da Escola Normal da parochia da Boa-Vista; a Exm.ª Sr.ª D. Anna Isabel de Oliveira, como oradora do Club Litterario Pinto Junior e Lindolpho Campello, por parte da Associação dos Empregados Publicos Provinciaes e do corpo academico.

Esgotada a lista dos oradores inscriptos, o Exm. Sr. Presidente, agradecendo a todas as autoridades nacionaes e estrangeiras, assim como as Exm.ªs Familias e mais pessoas que honraram a festa com as suas presenças, declarou encerrada a sessão.

Depois da musica tocar o hymno da Independencia, como já havia feito na abertura da sessão, o mesmo Exm. Sr. Presidente convidou e acompanhou as pessoas que se dignaram aceitar o convite para visitar a bibliotheca, o archivo e o museu do Instituto; feito o que as primeiras autoridades da provincia retiraram-se com as mesmas formalidades com que haviam sido recebidas, e bem assim os outros convidados, sendo mais de quatro horas da tarde.

Ao levantar-se a sessão recebeu o Instituto o seguinte telegramma do Exm. Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella:

« Saúdo jubiloso o Instituto, que completa hoje um quarto de seculo. »

Foi respondido nos seguintes termos:

« Sessão esplendida. O Instituto agradece as felicitações do seu socio benemerito »

E por nada mais haver occorrido fiz a presente em que assigno com o Exm. Sr. Conselheiro Presidente e Dr. 1.º secretario. — Dr. *João José Pinto Junior*, presidente —*João Baptista Regueira Costa*, 1.º secretario.—*José Domingues Codeceira*, 2.º secretario.

———

Discurso do Presidente do Instituto

Senhores.—A' conhecida bondade dos meus illustres consocios devo a honra de occupar, ha um anno, esta cadeira.

Não pude esquivar-me á subida consideração com que me distinguiram, e no desempenho de tão honrosa missão, sou hoje obrigado a solicitar vossa esclarecida attenção, de conformidade com o que preceitúa o artigo 28 da lei organica deste Instituto.

Lamento apenas não poder ser n'este momento o interprete fiel desta associação, nem tão pouco traduzir, em phrases bem expressivas, tudo quanto de enthusiasmo me agita o coração de pernambucano.

Festejamos hoje, senhores, um duplo anniversario: o da installação do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, e o da cessação do ominoso dominio hollandez nesta e em outras provincias do norte do Brasil.

Esses dous anniversarios despertam as mais vivas e duradouras impressões.

O primeiro—o da fundação do Instituto—recorda o esforço de alguns pernambucanos benemeritos que entenderam congregar-se em torno do glorioso estandarte das nossas tradições, e conseguiram erigir este templo. onde, durante vinte e cinco annos, temos vindo pagar o tributo da nossa fé civica, fazendo a apotheose do passado e glorificando os que trabalharam e morreram pela patria.

D'entre esses distinctos pernambucanos folgo de poder fazer aqui menção do Exm. Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella pelos relevantissimos serviços que desde a fundação prestou e continúa a prestar a este Instituto.

O segundo—o da restauração de Pernambuco recorda a seu turno, a inolvidavel empreza daquelles grandes patriotas do seculo XVII, que de 1630 a 1654, sacrificaram-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, na reivindicação desta terra que lhes haviam usurpado, e despenderam os seus cabedaes, a sua saùde, o seu sangue, as suas vidas na elaboração do futuro nacional.

Senhores, depois do dia 7 de Setembro de 1822, precedido do 6 de Março de 1817, não ha para esta provincia outro que mereça ser tão festejado como o 27 de Janeiro de 1654.

Sim, senhores.—A' duzentos e trinta e tres annos, nesse dia que despontava radiante de esplendores, como si a natureza quizesse sorrir aos vencedores para lhes compensar as amarguras soffridas, João Fernandes Vieira (1), como um dos chefes intrepidos e destemidos, que conseguiram supplantar o inimigo, tomou posse da cidade e das fortalezas, segundo refere o insuspeito Netscher (2) considerando-o um homem extraordinario, a quem o Brasil poderia collocar com orgulho no rol de seus maiores cidadãos.

As 11 horas da noite do dia antecedente tinham sido assignados por Sigismundo Van-Scop, Gisberto Vvit, Vanderval e Vanlôo os artigos da capitulação em virtude dos quaes se realisava aquella

---

(1) João Fernandes Vieira, como é sabido, foi o primitivo chefe dos *Independentes*, e os seus esforços muito concorreram para que, depois de uma luta de 8 annos, 7 mezes e 14 dias, os hollandezes fossem obrigados a desoccupar esta terra, que o dito Vieira tinha adoptado como patria desde os seus dezesete annos de idade.

(2) Les Hollandais au Bresil. edit. em 1853 pag. 164

José Bernardo Fernandes Gama—Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco, ediç. 1864, tomo 3, pag. 265 à 267.

General José Ignacio de Abreu e Lima.

—Synopsis dos factos mais notaveis da Historia do Brazil—ediç. de 1845 pag. 119.

occupação, e effectuada ella o General Francisco Barreto de Menezes(3) póde no dia 28 fazer a sua entrada triumphal na cidade do Recife.

Estes acontecimentos que eram as ultimas estrophes de uma grande Iliada, escripta com o sangue de bravos, não arrancaram somente do poder batavo a capital de Pernambuco.

Vós todos sabeis, senhores (porque de certo conheceis as Epanáphoras de D. Francisco Manoel) que a capitulação da campina do Taborda (4) continha, além dos artigos 19 e 29, o seguinte preambulo:

« *Assento e condições, com que os senhores do Conselho Supremo, residentes no Arrecife entregam ao Sr. Mestre de Campo General Francisco Barreto, Governador em Pernambuco, a cidade Mauricea, Arrecife, e mais forças e fortes junto a ellas e mais praças que tinham occupadas na banda do Norte,* a saber: *a Ilha de Fernam de Noronha, Ceará, Rio Grande, Parahiba, Ilha de Itamaracá: acordado tudo pellos commissarios de huma, e outra parte, abaixo assinados.* »

Não foi, pois, unicamente a nossa provincia que logrou subtrahir-se ao jugo estrangeiro; toda a immensa porção de territorio, que abrange as provincias da Parahyba, do Rio Grande do Norte, Ceará e da actual provincia das Alagôas até a

---

(3) O General Francisco Barreto de Menezes, commandante em chefe do exercito libertador, foi o organisador de todo o plano de ataque ao Recife, então occupado pelos Hollandezes, e a elle deve-se a moderação com que foram tratados pelos vencedores os Hollandezes vencidos e prisioneiros.

(4) « Campina fronteira ao forte das Cinco Pontas, então chamada do Taborda por ahi ter morado um pescador de nome Manoel Taborda » (Historia das Lutas com os Hollandezes no Brazil desde 1624 a 1654 pelo Barão de Porto-Seguro, ediç. de 1872 pag. 367.)

Essa antiga campina do Taborda é o lugar actualmente denominado—Cabanga.

(Fernandes Gama, citadas Memorias Historicas, tomo 3º pag. 253.)

margem esquerda do rio S. Francisco, foi redimida comnosco e deve a sua existencia politica de hoje aos inarraveis esforços dos patriotas que a 27 de Janeiro de 1654 penetraram n'esta cidade.

Esse facto é bastante para que no dia de hoje quasi todo o norte do Brasil exulte, cheio de glorias e de recordações enthusiasticas.

Sim, senhores—Esta data que festejamos parece que devia ser saudada por enviados especiaes de todas essas provincias que, como Pernambuco, tiveram a ventura de libertar-se do jugo hollandez.

Entretanto só o *Insttuto Archeologico* desta provincia se lembra de commemorar o glorioso facto da extincção do dominio hollandez!

E aqui estamos nós, em nosso posto, em quanto muitos outros sentem escoar-se o dia de hoje, sem se aperceberem de que elle representa um marco mieliario na estrada da nossa vida collectiva!

Devo ficar aqui, senhores.—Os discursos que se vão seguir dos illustrados 1.º secretario e orador desta associação, hão de inteirar-vos dos nossos trabalhos e das evoluções porque passou o *Instituto* no biennio que agora termina.

Haveis de ver que si não fizemos tudo o que deviamos, fizemos, ao menos, aquillo que pudémos.

Basta olhar para as nossas *Revistas* e para a preciosa collecção de documentos geographicos e historicos trazidos da Hollanda pelc nosso benemerito consocio Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, afim de que se comprehenda que não desanimamos na faina que nos impuzemos.

Anima-nos a mesma corajosa fé que entumescia os peitos de Champollion e de Rawlinson quando se debruçavam sobre os caracteres mysteriosos das ruinas egypcias e babylonicas.

E se os hieroglyphos e cuneiformes foram decifrados, porque razão não havemos nós de des-

cobrir, nos documentos que folheamos. a vida intima de Pernambuco colonial, para escrever-lhe a historia como ella deve ser escripta?

Havemos de trabalhar ininterrompidamente e o *Instituto* poderá dizer com o poeta portuguez (5):

« Os que depois de nós vierem vejam
Quanto se trabalhou por seu respeito. »

Está aberta a sessão.

27 de Janeiro de 1887.

DR. JOÃO JOSÉ PINTO JUNIOR.

---

(5) Dr. Antonio Ferreira, notavel jurisconsulto portuguez e autor dos *Poemas Luzitanos*.

Relatorio

APRESENTADO PELO 1º SECRETARIO DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO NA SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DE 27 DE JANEIRO DE 1887.

Meus senhores. — A confiança, revelada pelos vossos suffragios, collocou-me, pela terceira vez, na cadeira de 1º secretario, cuja missão, no presente dia, é relatar-vos o que de mais importante occorreu nesta associação, durante os annos sociaes de 1885 e 1886.

Celebra hoje o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano o 25º anniversario de sua installação.

Ha 25 annos que cinco homens, sentindo baterlhes no peito um coração amante das glorias patrias, pozeram hombros á empreza de fundar uma associação, que tivesse por fim colligir, verificar e publicar os documentos, monumentos e tradições, que lhes fosse possivel obter e de que tivessem noticia, pertencentes á historia das provincias, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, desde a epoca de seu descobrimento até os nossos dias.

Entre os homens de força de vontade pensar é obrar, e, dentro em pouco, tão patriotica idéa era traduzida em facto, com a installação de uma *Sociedade Archeologica*, aos 27 de Janeiro de 1862, data esta que recorda o dia, em que cessaram a invasão e o dominio hollandez no Brasil, com a entrega da cidade do Recife e da fortaleza das Cinco Pontas.

Muito solemne é, por conseguinte, o anniversario que hoje celebra o Instituto, pois que não só lembra o dia em que Pernambuco varreu do seu solo o invasor, embora trocando jugo por jugo,

como o em que começou a libertar-se de um inimigo, não menos prejudicial em seus effeitos, qual era a ignorancia das nossas tradições, o desconhecimento das nossas glorias, o desprezo dos nossos monumentos.

Já lá vão annos que, em identica solemnidade, ouvia-se, em primeiro lugar, no recinto do Instituto, a voz autorisada do seu venerando presidente, monsenhor Muniz Tavares, que, com a gravidade do ancião, carregado de serviços feitos a patria, abria a sessão, prendendo a attenção do selecto auditorio com o desenvolvimento de uma these sobre os indigenas da America.

Após elle, levantava-se desta cadeira, para lervos o seu relatorio, o não menos illustrado secretario perpetuo, dr. Soares de Azevedo, esse velho instruido, a quem se poderiam applicar as palavras de Mavire: de que era como uma estufa, onde apezar do inverno acham-se flores odoriferas e arbustos raros e uteis.

Finalmente subia á tribuna o nosso sympathico orador, dr. Aprigio Guimarães, que derramava flores sobre a sepultura dos socios fallecidos, rememorando-lhes os serviços e fechando sempre com chave de ouro a presente solemnidade.

Si, porêm, no dia de hoje a palavra do digno presidente desta associação não destôa, como acabais de verificar, do accento grave e solemne, que revestia o verbo de Muniz Tavares, esse ultimo Abencerrage dos patriotas de 1817, si, como tereis occasião de reconhecer daqui a poucos minutos, a eloquencia do nosso orador tem se mantido na mesma altura, a que elevaram na Aprigio Guimarães e os que lhe succederam, a palavra do 1º secretario do Instituto, sem as roupagens classicas do estylo de Soares de Azevedo e despida dos atavios de phrase, que distinguiam os que, depois delle, occuparam esta tribuna, é por certo uma nota desafinada, no meio das harmonias desta festa patriotica.

Dizia Luiz XI de França aos que o censuravam de ter feito do seu parlamento um homem indouto:

Pois um congresso de tantos homens entendidos não poderá fazer entendido a um só?

Muito embora, com relação á minha admissão no gremio desta sociedade, póssais justificar-vos com as palavras de Luiz XI, constituindo, como constituis, uma corporação de homens eruditos-jamais, senhores, deixará de reflectir sobre vós a culpa de terdes elevado a esta cadeira o ultimo de vossos consocios.

Entretanto não será isso um motivo para que não procure eu corresponder á confiança, que em mim depositastes, pois, como dizia Cicero, na sua oração pro Roscio Amerino: Eu antes quero ficar opprimido sob o peso desta incumbencia, do que desprezar e abandonar com infidelidade o que me foi encarregado com confiança: *Opprimi me onere officii malo, quam id, quod mihi cum fide semel impositum est, aut propter perfidiam abjicere, aut propter infirmitatem animi deponere.*

Passarei, portanto, a expor-vos o estado economico, administrativo e litterario do Instituto, durante os annos academicos de 1885 e 1886.

Celebraram-se nesse espaço de tempo, entre ordinarias e extraordinarias, 41 sessões, das quaes 3 foram em assembléa geral, sendo 2 para a eleição dos membros da mesa administrativa e das differentes commissões, e outra a 27 de Agosto de 1885 para a reforma dos estatutos.

No correr do biennio engrossaram-se as fileiras desta associação com a admissão de mais 7 socios honorarios, 15 correspondentes e 12 effectivos e, sob proposta da mesa, foram unanimemente elevados á cathegoria de socios benemeritos, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, o commendador Antonio Gomes de Miranda Leal, o conselheiro Quintino José de Miranda e os drs. José Hygino Duarte Pereira e Joaquim Pires Machado Portella.

Mencionando os novos operarios que, com suas luzes, esforços e dedicação vieram ultimamente auxiliar-nos na afanosa jornada por entre as ruinas do passado, seja-me licito commemorar tambem os nomes daquelles que, fazendo parte desta associação, pagaram á natureza o tributo da vida.

Si não temos entre nós o Juizo dos Mortos, essa instituição egypcia, que submettia a seu exame a vida dos homens distinctos e que só os honrava com funeraes quando verificava haverem cumprido o seu dever, temos esta corporação, que, no dia de hoje, inicia, por assim dizer, o processo biographico de seus consocios, pagando-lhes a homenagem devida ao seu merecimento ; si, como entre os romanos, não é o irmão pela natureza, que vem aqui tecer o elogio funebre do finado, é o irmão pela confraternidade das idéas, é o nosso orador, a quem compete proclamar as virtudes civicas e moraes e os titulos de benemerencia de cada um dos socios, que a morte arrebatou, na sua destruidora carreira.

Ainda bem que essa missão é confiada a uma palavra ungida de todos os perfumes da eloquencia, palavra que os fará reviver em nossa memoria, porque, na phrase do grande orador romano : *A vida dos mortos consiste na memoria dos vivos.*

E de feito, senhores, d'aqui a poucos instantes ouvireis dos labios inspirados do orgão do Instituto que o dr. José Bernardo de Figueiredo foi um cidadão por todos os titulos digno do respeito dos contemporaneos ; que o consul portuguez dr Claudino de Araujo Guimarães á amenidade do cavalheiro alliava o fino tacto do diplomata, com o qual procurou sempre estreitar os laços que prendiam a dous povos irmãos ; que o dr. Antonio Epaminondas de Mello, esse pernambucano distincto, filho de uma das glorias da provincia, comprehendendo perfeitamente o sabio preceito da legislação de Solon, de que a nenhum cidadão era licito conservar-se indifferente nas publicas dis-

sensões de sua patria, abraçou desde a mocidade a carreira politica, onde representou papel saliente; que o commendador Emilio Xavier Sobreira de Mello foi um funccionario de inexcedivel honestidade e cuja intelligencia corria parelhas com o seu zelo pelo serviço publico; que o desembargador Marcos Correia da Camara Tamarindo soube honrar a toga que vestio e a elle se poderiam applicar as palavras de Horacio, de que era dotado de prudencia e se distinguia por sua rectidão, quer nos tempos prosperos, quer nos adversos—*Rerum prudens et secundis temporibus, dubiisque rectus*; que o dr. Joaquim José da Fonseca 1° vice presidente, que foi, desta associação, á amabilidade, que o distinguia, reunia uma solida illustração juridica que conquistou-lhe posição eminente entre os advogados dos auditorios desta cidade; que o dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, emquanto permaneceu entre nós concorreu com a sua assiduidade para a boa marcha dos trabalhos desta associação, occupando posteriormente os mais altos cargos de administração em diversas provincias do imperio; que o dr. João Francisco Dias Cabral, incansavel mineiro dos nossos archivos, era a alma e a vida do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano onde distinctamente occupou o lugar de secretario perpetuo; que o conselheiro José Liberato Barroso, ex-presidente desta provincia e um dos socios mais illustradosdo Instituto, elevou-se por seu merecimento ás alturas do ministerio, tendo antes deixado luminosos vestigios de sua passagem, em uma cadeira de lente de nossa Faculdade de Direito; que o Dr. Aristarcho Cavalcanti de Albuquerque, que aqui prestou-nos relevantes serviços, na qualidade de segundo orador, foi um cidadão notavel pela honradez de seu caracter e vigor de sua intelligencia, que se escondia por entre a modestia, como, para servir-me da comparação de um poeta, a violeta humilde se esconde por entre os fios d'agua que lhe

serpenteiam em torno; que o commendador Paulino Pires Falcão foi um agricultor laborioso, o qual viveu dos recursos que lhe proporcionava o seu trabalho, guiado por uma intelligencia esclarecida, que elle poz ao serviço da industria; que o dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida occupou por seu talento e illustração um lugar saliente entre os nossos litteratos, e, durante o tempo, em que permaneceu nesta provincia, imprimio um grande impulso á marcha desta associação, que lhe é devedora de innumeros trabalhos sobre archeologia e historia patria; que o engenheiro dr. José Tiburcio Pereira de Magalhães, dispondo de uma actividade não vulgar, deveu o que foi á sua perseverança, aos seus esforços e a sua força de vontade, no exercicio da profissão que abraçara; que o desembargador Francisco Domingues da Silva percorreo todos os gráos da escala judiciaria, destacando-se sempre pela sisudez do seu caracter e cultura de sua intelligencia, na difficil sciencia de julgar e que finalmente o dr. Gaspar Drummond que, pelos seus dotes intellectuaes era destinado a representar uma figura superior nos destinos do paiz, teve, ao contrario, por sorte rolar o rochedo da montanha, qual novo Sisipho, e quando se lhe abriram as portas do parlamento, foi para illuminar a tríbuna da camara temporaria com um clarão de sol em seo zenith, elle que alquebrado pela enfermidade já caminhava para o occaso da vida.

Tudo isso vos será dito, mas em phrase eloquente, pelo nosso distincto orador, que porá em relevo os traços biographicos de cada um dos socios fallecidos, durante o biennio, e que, por certo, apagará a desagradavel impressão das palavras que aqui ficam consagradas á sua memoria, porque, no dizer do poeta de Venusa: Um tom humilde avilta os grandes objectos :*Magna parvis tenuare modis*.

Diversas foram as deliberações do Instituto

durante os dous ultimos annos, presidindo o maximo criterio ás medidas por elle adoptadas para a boa marcha de seus trabalhos.

Sob proposta do nosso consocio e 2º vice-presidente, dr. Cicero Peregrino, resolveu o Instituto reformar os seus estatutos e convocada para esse fim a assembléa geral, que reunio-se a 6 de Agosto de 1885, foi apresentado pela commissão de redacção o projecto de reforma, que, depois de discutido convenientemente, mereceu a vossa approvação.

Contém os novos estatutos as alterações que a experiencia aconselhava como mais necessarias para attingir a nossa associação aos fins, a que se propõe.

Uma das disposições, que a nova lei reformou, é relativa ao objecto do Instituto, que, sendo anteriormente restricto á historia, remonta-se hoje á prehistoria tambem das provincias, que formavam as capitanias de Pernambuco e Itamaracá, offerecendo dest'arte um campo mais largo, um horizonte mais vasto para as vossas investigações.

Passaram igualmente os estatutos antigos por notavel reforma com relação á direcção dos nossos trabalhos, que foram divididos em trabalhos administrativos e trabalhos scientificos.

Para os primeiros ficaram reduzidas a tres as commissões existentes : *commissão directora* composta dos membros da mesa, de *contas* e de *redacção*.

Para os segundos crearam-se quatro secções : de *archeologia*, de *historia colonial*, de *historia nacional* e de *geographia*, ás quaes pertencerão os socios, conforme a escolha que fizerem, de accordo com as suas aptidões.

Encerram ainda os novos estatutos outras disposições, que consultaram os interesses litterarios e economicos desta associação, como fossem a creação da classe de socios benemeritos, titulo este que só póde ser conferido aos que prestarem

serviços relevantes ao Instituto, a reducção da joia dos socios effectivos, que foi equiparada a dos correspondentes, a dispensa desta contribuição aos que fizerem alguma offerta importante e diversas outras medidas, relativas á bibliotheca, ao archivo e ao museu do Instituto.

Deliberou ainda esta associação, na sessão de 17 de Dezembro, sob proposta de nosso ex-presidente e socio benemerito o exm. sr. conselheiro Quintino de Miranda, que se representasse ao Governo Imperial acerca da resolução, contida no aviso do Ministerio do Imperio, de 29 de Novembro de 1885, mandando suspender, de Dezembro em diante, os vencimentos, que, na qualidade de lente de nossa Faculdade de Direito, percebia na Europa o dr. José Hygino Duarte Pereira.

Achando-se então o nosso consocio examinando, em commissão do Instituto, os documentos mais importantes relativos á lucta hollandeza, que se ferio entre nós, não podiam deixar de reflectir sobre esta associação os effeitos daquelle aviso, pois que a suspensão dos vencimentos do illustrado professor, privando-o de continuar a manter-se no estrangeiro, traria a interrupção das pesquisas a que, com tanto proveito para o Brazil e especialmente para esta provincia, estava elle procedendo nos archivos de Haya.

Muito acertada, portanto, foi a deliberação do Instituto, dirigindo ao Governo Imperial uma representação, em que, abundando em considerações da maior relevancia, pedia que revogasse o aviso de 29 de Novembro, marcando um prazo razoavel, dentro do qual podesse o nosso consocio concluir os seus trabalhos, aliás já muito adiantados.

Infelizmente, porém, essa representação, em que depositava o Instituto as mais bem fundadas esperanças, não foi tomada em consideração pelo Ministerio do Imperio, que, em aviso de 30 de Janeiro do anno passado, declarou não poder revogar a sua resolução anterior; restando-nos apenas

a satisfação de havermos cumprido o nosso dever, na difficil situação, em que se vio collocado o Instituto.

Na sessão de 5 de Agosto do mesmo anno, sob proposta de grande numero de socios, deliberou tambem esta associação que se pedisse á Assembléa Provincial da Parahyba a approvação do projecto de lei, que concede ao dr. Maximiano Lopes Machado uma subvenção para a publicação de sua obra *Historia da Parahyba do Norte.*

Nunca é de mais para encarecer a importancia dessa obra, com que o nosso eloquente orador pretende levantar um monumento *œre perennius* á heroica provincia que lhe dera o berço.

A historia, reduzida primitivamente ás civilisações helenica e italica, como nos faz ver um escriptor, era representada entre os gregos por Herodoto de Halicarnasso e Thucydides e entre os romanos por Fabio Pictor e Catão o Censor, que perpetuaram as tradições de suas patrias !

Mais tarde Sempronio Azelio, apartando-se do estylo dos pontifices, contribuia para que consistisse ella não na simples enumeração dos acontecimentos, mas no conhecimento de suas causas, na explicação de seu espirito.

Era como que o preludio da importante conquista, que, seculos depois, devia fazer o bispo de Meaux, o insigne Bossuet, o qual, muito antes que as portas do oriente se abrissem aos estudos de Anquetil Duperron e de Fauche, havia assentado as bases de um novo processo, de um novo plano, escrevendo a historia universal.

Só então, como observa Alberto Pimentel, depois que a attenção do historiador se fixou sobre toda a humanidade, foi possivel crear o que se chama, com muitissima propriedade, a *philosophia da historia* e, traçado esse novo caminho, appareceram Vico, Montesquieu, Cantu, Cousin, Michelet, Edgard Quinet e muitos outros.

Animado do mesmo espirito philosophico que

esses escriptores, que elevaram a historia á sua verdadeira altura, e guiado pelos processos modernos, não limitou-se o dr. Maximiano Lopes Machrdo, ao compôr a obra de que me occupo, a uma simples chronica dos factos, de que foi theatro a sua provincia natal.

Ao contrario, collocando-se n'um ponto de vista, d'onde podesse apreciar as causas, as relações e as consequencias dos acontecimentos, que ahi tiveram lugar desde os tempos primitivos até os nossos dias, folheou os documentos, que lhe foi possivel consultar, combinou as asseverações dos differentes escriptores acerca de certos pontos duvidosos, corrigio as inexactidões, de que se resentiam as chronicas da epocha e de todos esses elementos extrahio a verdade, escrevendo, com *aquella brevidade correcta* e *uminosa*, de que nos falla Cicero, a importante — *Historia da Parahyba do Norte.*

Reconhecida a essa prova de patriotismo, por parte de um de seus filhos mais distinctos, a heroica terra de Vidal de Negreiros sentio pulsar-lhe no peito um coração amante das suas glorias no passado e esse sentimento inspirou-lhe a apresentação de um projecto na sua Assembléa Provincial, concedendo uma subvenção para a publicação daquella obra.

Não applaudir o Instituto os generosos impulsos dessa corporação, não vir mesmo ao encontro dos intuitos nobilissimos que a animavam, seria faltar a um dos seus mais imperiosos deveres.

E de feito, si um dos fins desta associação é publicar os documentos, monumentos e tradições, relativas ás provincias, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, com maioria de razão é concorrer para que esses elementos se publiquem, quando se acham reunidos, á luz da critica, em uma obra de grande folego, como a *Historia da Parahyba do Norte* e tratando-se de uma provincia, que tem sido a co-participante da

de Pernambuco, nas suas luctas e nos seus heroismos, nas suas glorias e nos seus infortunios

Foi, por conseguinte, de elevadissimo alcance a deliberação, que tomou o Instituto, dirigindo-se para esse fim á Assembléa da Parahyba, a qual acaba de dar arrhas do seu patriotismo, approvando em 2ª discussão a subvenção que se projecta conceder para a publicação da historia de sua provincia e dest'arte honrando as tradições gloriosas de seus antepassados.

Varios de nossos consocios occuparam, durante o biennio, a attenção do Instituto com os fructos de suas elocubrações, nos dominios da archeologia e historia patria.

Na sessão de 19 de Fevereiro de 1885 foi lida por mim a traducção de uma *Memoria*, intitulada *Inscripções em rochedos do Brazil.*

Escripta em lingua ingleza pelo professor da Universidade de Indiana e hoje nosso consocio, o dr. João Carlos Branner, é esse trabalho, segundo elle declara, a continuação do que encetou em 1871 o chorado professor Hartt, sob cuja direcção servio o mesmo dr. na *Imperial Commissão Geologica Brazileira.*

Occupando-se de inscripções, existentes nos sertões de Pernambuco e Alagôas, foi meu intuito, trasladando a portuguez a Memoria do distincto americano, concorrer para que cada vez mais se accentúem esses estudos, a que aliás tão poucos se consagram entre nós.

Si ha um assumpto, que deva interessar a attenção dos eruditos, e ao serviço do qual abalisados escriptores estrangeiros têm posto a sua actividade, os seus esforços e a sua dedicação, já individualmente, já reunidos em sociedades, das quaes se destaca o *Congresso Internacional dos Americanistas*, é, sem duvida alguma, a historia dos habitantes primitivos deste vastissimo continente e sobretudo do Brazil, esse *presente do seculo XVI*,

offerecido pelo acaso ao futuro, na phrase de um eximio litterato.

A vida especial do nosso selvagem, a qual apresenta muitos pontos de affinidade com a dos povos do Velho Mundo, as differenças anatomicas que o distinguem das outras raças, a sua classificação, filiação e evolução, o seu progresso e a sua decadencia, tudo isto são pontos de interrogação que pedem uma solução immediata ás sciencias anthropologicas, ethnographicas e ethnologicas, tudo isto são esphinges que esperam o seu Edipo e que só podem encontral-o no espirito investigador do homem de lettras, que á luz dessa lampada, que se chama critica, consegue devassar-lhes os mysterios em que se envolvem.

Mas, para chegar a esse resultado, é incontestavel a utilidade que resulta do conhecimento dos escriptos, tradições e monumentos e entre estes o das inscripções, não só as que consistem em caracteres alphabeticos como as symbolicas e phoneticas; pelo que mui relevante foi o serviço que prestou o dr. Branner á archeologia prehistorica, copiando e reunindo no pequeno volume, que traduzi, os hieroglyphos que poude salvar das mãos destruidoras do tempo.

Nesse interessante opusculo occupa-se o illustrado americano das inscripções que descobrio em Aguas Bellas desta provincia na fazenda *Cacimba Cercada*, no lugar conhecido por *Pedra Pintada* distante 10 leguas daquella villa e em *Sant'-Anna*, da provincia das Alagôas.

Diz o dr. Branner que todas ellas se acham em rochedos elevados; a maior parte em massiços de gneiss de decomposição, parecendo terem sido feitas com instrumentos de pedra; e que, em geral, são coloridas de uma tinta vermelha escura, ou antes parda.

Assignala o autor da Memoria a semelhança desses hieroglyphos com os que deparou o professor Hartt na região amazonica, especialmente os

que são representados por uma espiral e por um circulo, com um ponto no centro; sendo que, no seu conceito, as unicas figuras que symbolisam objectos conhecidos são a assignalada com a lettra *r* que parece um grosseiro ferro de lança e com a lettra *o*, parte da qual poder-se-hia suppor um peixe; cumprindo accrescentar que uma dellas representa tambem uma tartaruga e algumas outras a lua e as estrellas; attrahindo principalmente a attenção a que se acha gravada n'uma pedra de *S'Anna* cuja collocação sobre outras dir-se-hia artificial, e indicar pela configuração de todo o grupo algum *mound* que alli se construisse.

Affirma o dr. Branner que a versão geral entre os habitantes d'aquelles lugares é que esses desenhos alludem á existencia de algum thesouro. occulto nas suas proximidades, idéa esta, que aconselhou a um antigo proprietario, residente perto de *Pedra Pintada*, a fazer diligentes pesquisas, afim de ver si o descobria.

Observando, porem, que taes inscripções se acham quasi sempre em paragens proximas d'agua ou de algum lugar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão, conclue o douto professor que é possivel que estejam nessas localidades por ser ahi que viviam naturalmente os primeiros habitantes do paiz, durante o verão, que reina quasi todo o anno, inclinando-se a suppor que alguns senão todos esses desenhos se referem ao supprimento d'agua, que é tão incerto nessas regiões de grandes seccas ou para servirem de registro das estações, ou para dirigirem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva.

O nosso consocio dr. Maximiano Lopes Machado, na sessão de 21 de Maio, occupou a attenção do Instituto com a leitura de um capitulo da *Historia da Parahyba do Norte*.

Nessa interessante parte de sua obra, occupa-se o nosso consocio dos indios da America, da

chegada dos primeiros portuguezes á Parahyba e da fundação de diversas ordens religiosas.

Pondo em contribuição as sciencias, que, no dizer de um escriptor, brotaram da historia, como de uma fonte abençoada, estuda elle os traços caracteristicos, os costumes e a linguagem dos selvagens em geral e especialmente dos que povoavam o territorio de sua provincia, na época do descobrimento do Brazil.

Não admittindo que elles fossem autocthones, mas que habitassem o continente americano, em virtude de emigrações realisadas em tempos remotissimos, aprecia o dr. Machado as hypotheses figuradas pelos diversos escriptores, não só com relação ao ponto do globo, d'onde teriam partido, como á região, atravez da qual poderiam chegar ao nosso continente.

Falla na possibilidade de sua vinda ou do norte ou do oriente pela Atlantida, essa terra, segundo Platão, maior que a Lybia e a Asia reunidas, cuja existencia, em épocas prehistoricas, diz o marquez de Nadaillac, parece ir sahindo do dominio das hypotheses ; e, tratando do cataclysma que a submergio, fazendo em seu lugar correr o Atlantico, torna saliente uma circumstancia, aliás já observada por Cornell, na sua *Geographia Physica*, qual é a configuração da costa d'Africa e do Brazil, que dir-se-hia estiveram unidas primitivamente e parece terem sido separadas pela força das aguas, as quaes, correndo de permeio e n'uma certa direcção, determinaram a forma, que uma e outra apresentam actualmente.

Aceitando tambem como provavel que os indios procedessem d'Asia, o berço da humanidade, é inclinado a suppor que se tivesse effectuado a sua passagem pelo estreito de Berhing, que nesse tempo talvez fosse um isthmo ; e, por ultimo, estabelece tambem a hypothese de haverem elles emigrado do oriente pelo sul, para o que admitte a possibilidade da existencia de uma vastissima terra,

que, como a Atlantida de Platão, tivesse sido invadida pelas aguas, deixando vestigios na *Terra do Fogo*, cuja denominação indica alguma erupção vulcanica e nessa multiplicidade de ilhas e archipelagos, que constituem a Oceania.

Após estas considerações geraes, descreve o nosso consocio a chegada dos portuguezes á Parahyba.

Na sua opinião vieram elles na flotilha, que em 1501 enviou D. Manoel para explorar a costa do Brazil e o primeiro ponto dessa região, em que aportaram, depois de sahirem de Portugal, foi a bahia de Acejutibiró.

Assim opinando, aparta-se entretanto o nosso consocio de todos os escriptores que trataram daquella expedição, os quaes assignalam o Rio Grande do Norte, como a primeira paragem do Brazil, em que ancorou a esquadrilha de Gonçalo Coelho; pensando uns, como o visconde de Porto Seguro, que foi junto ao cabo de S. Roque, e outros, como o senador Candido Mendes, que foi na enseada dos Marcos.

Funda-se, porem, o nosso consocio para se pronunciar pela bahia de Acejutibiró na denominação que veio posteriormente substituir o nome primitivo.

Com effeito refere Americo Vespucio que, na *primeira terra*, em que aportou a esquadrilha de 1501, foram victimas os portuguezes de uma grande traição por parte dos indios, que, attrahindo a si tres marinheiros, devoraram um delles cruelmente a vista de todos, dando a entender, por meio de acenos e de uma vozeria infernal, que a mesma sorte haviam tido os outros dous.

Ora, combinando esse facto, do qual aliás não fazem cabedal os demais escriptores, com o nome de *Traição*, imposto á bahia de Acejutibiró, conclue o nosso consocio que foi ella o primeiro ponto, em que a flotilha ancorou, pois essa denominação recorda, sem duvida alguma, a scena de anthro-

pophagia, de que constituio-se theatro a primeira terra do Brazil, em que desembarcaram os da esquadrilha de Gonçalo Coelho; fazendo observar que, por occasião da distribuição das capitanias pelos diversos donatarios, já tinha aquella bahia nome portuguez, como consta da carta de doação de Pero Lopes de Souza.

Termina o nosso consocio o interessante capitulo, de que nos deo leitura, com uma noticia da fundação das differentes ordens religiosas na Parahyba do Norte, ora seguindo, ora refutando os diversos autores, que têm escripto sobre a materia, como Manoel de Sá, Rocha Pitta, Jaboatão e Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Occupa-se, em primeiro lugar, dos frades de Santo Antonio, os quaes tendo fundado o seu convento em Olinda, passaram a Iguarassú e d'ahi foram chamados a Parahyba, onde já os padres da Companhia exerciam notavel influencia no espirito dos indios, accusando a mais pronunciada tendencia para o dominio temporal.

Alli chegando, dentro em pouco ferio-se a lucta entre Franciscanos e Jesuitas, os quaes, para attrahirem os indios ao seu gremio, crearam uma especie de theogonia, a semelhança da que tinham estabelecido no Japão; mas, recrudescendo a animosidade, que contra elles havia, teve lugar a sua expulsão.

Em seguida trata o nosso consocio dos Carmelitas, que vieram após os frades de Santo Antonio, contestando nesta parte, com solido fundamento, a opinião de Fr. Gaspar da Madre de Deus, que pensa terem elles se estabelecido na Parahyba depois dos Benedictinos.

Estes, como prova o dr. Machado, vieram em terceiro lugar e dividiram entre si o serviço da catechese, nas differentes aldeias, ficando os de Santo Antonio encarregados dos indios das fronteiras.

Concluindo, aprecia o nosso consocio, com

raro criterio, as datas e os factos, os serviços e as luctas, o florescimento e a decadencia dessas communidades religiosas, que se estabeleceram em o solo parahybano, nos tempos coloniaes.

Na sessão de 5 de Novembro leu o nosso consocio ó sr Francisco Augusto Pereira da Costa uma—*Breve Noticia*— sobre a creação do Tribunal da Relação desta provincia.

No intuito de publicar um *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico* da provincia de Pernambuco, tem o nosso consocio consagrado ultimamente as suas vigilias á composição dessa obra monumental e a ella pertence o interessante artigo, com que occupou a attenção do Instituto.

Nesse trabalho recorda-nos o nosso consocio que, antes da reorganisação, determinada pela lei n. 2,342 de 6 de Agosto de 1873 reduziam-se a quatro os Tribunaes de Relação do Imperio, dos quaes o mais antigo era o da Bahia, creado por Felippe III em 2 de Março de 1609; seguindo se-lhe o do Rio de Janeiro, o do Maranhão, cuja creação data de 23 de Agosto de 1811 e finalmente o de Pernambuco.

Este Tribunal, o mais moderno dos que então funccionavam e cada um dos quaes comprehendia em sua jurisdicção diversas provincias, foi creado, como nos lembra o nosso consocio, por alvará de 6 de Fevereiro de 1821.

A sua séde era na villa do Recife e tinha por districtos os territorios, não só de Pernambuco, que n'aquella época contava tres comarcas, Recife Olinda e Sertão, como das provincias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, tendo a mesma alçada e graduação que o do Maranhão e devendo ser presidido pelo governador e capitão general da provincia.

Apezar de creado em Fevereiro de 1821, só, anno e meio depois, foi inaugurado, o que teve lugar a 13 de Agosto de 1822, sob a presidencia do seu primeiro chanceller, o desembargador Lucas An-

tonio Monteiro de Barros; terminando nesta parte a Memoria do nosso consocio, que, incontestavelmente, offerece a vantagem de se encontrarem nella reunidos todos os dados relativos aos nossos Tribunaes de 2.ª instancia e especialmente ao desta provincia.

Leu ainda o mesmo sr. Augusto Costa um importante trabalho sobre o lugar, em que repousam os restos mortaes de João Fernandes Vieira.

Si a falta de um epitaphio, essa voz dos tumulos, na phrase de Hervey, não tem conseguido estender por sobre aquelle nome o manto do esquecimento, que, no dizer de Lamartine, é uma segunda mortalha, tem, entretanto, contribuido poderosamente para que se levantem duvidas sobre o verdadeiro local da sepultura do illustre madeirense.

Essas duvidas, porem, parecem agora resolvidas com a descoberta, que acaba de fazer o sr. Augusto Costa, na bibliotheca do convento de S. Francisco, em Olinda.

No interessante trabalho, de que nos deu leitura, depois de traçar o historico das pesquisas e excavações, a que procedeu o Instituto em 1864 e 1865 na igreja da Misericordia d'aquella cidade e das diligencias, que para o mesmo fim promoveu o sr. major Codeceira, na ilha da Madeira, declara o nosso consocio haver verificado que o local da sepultura do heróe de S. Jorge não foi outro, senão a igreja do Carmo de Olinda.

Funda-se elle para assim se pronunciar n'um trecho da preciosa obra de Fr. Manoel de Sá, que encontrou na referida bibliotheca, intitulada —*Memorias Historicas dos illustres arcebispos, bispos e escriptores da ordem carmelita*, a qual, no capitulo 11, menciona que *o restaurador de Pernambuco descança em humilde sepultura na capella-mór d'aquella igreja, do lado do Evangelho*.

E as razões que actuaram no espirito do nosso consocio, para se louvar na affirmativa desse escriptor, nascem da combinação da verba 6ª do tes-

tamento de Vieira com o resultado das pesquisas que se fizeram em 1875, na ilha da Madeira.

Com effeito, no seu testamento, pedio elle que o depositassem na igreja do Carmo de Olinda, em quanto não se contruisse um carneiro, que mandara fazer na *capella mór da Santa Casa da Misericordia daquella ilha*, para seu encerro e de sua mulher D. Maria Cesar.

Ora, não se tendo realisado a construcção desse carneiro, nem até a morte de sua esposa, porque esta, que lhe sobreviveu, foi sepultada na igreja de Santa Thereza de Olinda, nem d'ahi em diante, como se verificou das pesquisas, a que se procederam na ilha da Madeira, conclue o nosso consocio ser por demais admissivel, que, na propria igreja do Carmo, em que, de accordo com o seu pedido, fôra Vieira depositado, lhe dessem sepultura os seus testamenteiros, cumprindo dest'arte, na parte que lhes foi possivel, as suas disposições de ultima vontade.

A essas considerações, que põem em relevo a veracidade do que affirma Fr. Manoel de Sá, addiciona o nosso consocio judiciosas reflexões a respeito do credito, que nos deve merecer esse escriptor, o qual, compondo um livro, como as *Memorias Historicas*, destinado a proclamar os meritos e a reputação dos homens celebres da sua ordem, deveria ter á sua disposição os mais veridicos e valiosos subsidios e as informações mais exactas e fidedignas ; pelo que não se comprehende, que, sem fundamento, assignalasse a igreja do Carmo de Olinda, como o local da sepultura de João Fernandes Vieira.

Concluida pelo Sr. Costa a leitura de sua interessante Memoria, que foi ouvida com attenção pelo Instituto, deliberou esta associação, sob proposta sua e mediante previa licença, que se mandasse proceder a excavações na capella-mór daquella igreja, e ahi, no lado do Evangelho, descobriram-se effectivamente, envoltos em espessas ca-

madas de cal e de mistura com outros fragmentos, diversos ossos humanos, na sua maior parte já destruidos pelo tempo, os quaes resolveu o Instituto submetter ao conhecimento de uma commissão medica, para esse fim nomeada.

N'uma sessão especial, celebrada a 9 de Maio do anno passado, sessão a que, por convite do Instituto, compareceu o que de mais selecto havia na sociedade pernambucana, procedeu o dr. José Hygino Duarte Pereira á leitura de um minucioso relatorio, em que deu conta do resultado da commissão, de que esteve ultimamente incumbido na Hollanda.

Não havendo o Governo Imperial attendido á representação que lhe dirigio o Instituto, pedindo que fosse marcado um prazo razoavel, dentro do qual podesse o nosso consocio concluir as suas investigações nos archivos de Haya, vio-se elle forçado a interromper os seus trabalhos e a voltar a esta provincia, de cuja gratidão constituira-se credor, pelo relevante serviço que lhe acabava de prestar.

Abre o nosso consocio o seu importante relatorio com uma rapida apreciação sobre o gráo de desenvolvimento, a que attingio a Hollanda nas armas, nas lettras, na navegação e no commercio; expellindo de seu solo as tropas hespanholas, conquistando um lugar entre as nações independentes e por fim reduzindo a orgulhosa Hespanha a representar um papel secundario na politica européa e a implorar a paz.

Observa o nosso consocio que a conquista de Pernambuco e das capitanias visinhas, effectuada no seculo XVII, nada mais foi do que um episodio dessa lucta prolongada, que se travara na Europa entre os reis de Hespanha e os seus subditos rebellados das provincias neerlandezas; e que o mesmo conjuncto de causas, que os levara ao oriente, impellira-os para o Brazil, onde o odio ao jugo estrangeiro e o antagonismo de crenças religiosas

jamais permtttiram que fundassem uma colonia prospera e duradoura, nem mesmo no periodo, que decorreu da conquista á restauração, e durante o qual empunhou, com vantagem, as redeas do governo um illustre principe da casa de Nassau.

Passando a tratar do objecto da commissão, de que estivera encarregado nos archivos de Haya, refere o nosso consocio haver ahi verificado a existencia da volumosa collecção de documentos, de que faz menção o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, no seu relatorio apresentado em 1874 ao Ministro do Imperio; e que, si esta importante fonte de informações escapou ás pesquisas feitas de 1850 a 1854 pelo general Netscher e pelo dr. Joaquim Caetano da Silva, aquelle para compor a obra *Hollandezes no Brazil*, e este para extrahir copias por conta do Instituto Historico Brazileiro, foi porque só em 1856, isto é, depois que Nestcher publicou o seu livro e Joaquim Caetano deu por finda a sua missão, entraram para o real archivo de Haya os papeis pertencentes á Companhia das Indias Occidentaes, que se suppunha perdidos, mas que desde 1851 se achavam em Amsterdam, para onde haviam sido removidos da capital da Zelandia.

Sem deixar de occupar se tambem com os documentos, que provieram de outros archivos, como o do Tribunal da Hollanda e o dos Estados Geraes, os quaes todos se acham presentemente em Haya, chamou especialmente a sua attenção o archivo da Companhia das Indias Occidentaes.

Consta este repositorio de duas volumosas collecções, sendo uma intitulada: *Cartas e mais papeis, procedentes do Brazil, 1630 a 1654*, e compondo-se de 19 in-folios, cada um dos quaes contem centenas de peças, e outra: *Actas ou Notulos Diarios do Conselho Supremo e Secreto do Brazil, de 1635 a 1654*, e constando de 8 in-folios.

Apreciando essas duas collecções, faz o nosso consocio judiciosas considerações sobre os documentos principaes, de que mandou extrahir co-

pias e que consistem em officios, relatorios, cartas, jornaes, diarios ou noticias de expedições militares ou para descobrimento de minas, peças de processos judiciaes, actas de ássembléas synodaes e politicas, providencias sobre os indios, diversas ordens e instrucções, e deliberações secretas do governo colonial; documentos estes que interessam á historia civil, militar, economica e ecclesiastica, não só de Pernambuco, como da Bahia, Sergipe, Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Além dessas duas interessantes collecções, que constam de peças em manuscripto, menciona o dr. José Hygino um grande numero de livros e volumes que pertenceram a Companhia das Indias Occidentaes e dos quaes, na impossibilidade de adquiril os para o Instituto, mandou extrahir copias dos mais importantes.

Emitte o nosso consocio a sua opinião sobre cada um desses livros, os quaes contém valiosissimos dados acerca da situação administrativa e economica do Brazil hollandez, sendo ferteis, sobretudo, de informações no que concerne á geographia das provincias do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco até o rio S. Francisco.

Após o archivo da Companhia das Indias Occidentaes, que até então não havia sido explorado, occupa-se o illustrado professor do archivo dos Tribunaes da Hollanda.

A provincia da Hollanda tinha dous Tribunaes sendo o mais moderno instituido por Guilherme o Taciturno, para conhecer das appellações interpostas das decisões do mais antigo e ambos elles estendiam a sua jurisdicção sobre as provincias da Hollanda, Zelandia e Frisa.

Entre os papeis procedentes daquelles Tribunaes, encontrou o nosso consocio a collecção que contém as peças do processo intentado contra dous membros do Supremo Conselho do Brazil, que as-

signaram a capitulação da praça do Recife a 26 de Janeiro de 1654; não figurando ahi o que foi instaurado ao tenente-coronel van Schop, pelo mesmo facto, por haver elle comparecido não perante aquelle Tribunal, mas no Conselho de guerra instituido pelos Estados Geraes da republica, onde foi condemnado a 20 de Março de 1635, decisão esta que não consta houvesse sido proferida com relação aos outros dous membros do Conselho.

Attrahiram ainda a sua attenção, entre os papeis deste archivo, algumas peças do processo do portuguez Dias Ferreira, incurso em crime de traição, o qual, tendo sido condemnado, evadira-se da prisão em que, havia tres annos, se achava recolhido, deixando uma carta em latim dirigida aos Estados Geraes.

Neste archivo observa o dr. Hygino a falta do processo que se mandou intentar contra os tres ex-governadores do Brazil, Bas, Hamel e Bullestraten, accusados de *graves abusos e excessos de poder*, pelos Estados Geraes, a Camara de Amsterdam e o conde Mauricio, e que devia lançar muita luz sobre a sua administração, falta esta que torna tambem saliente com relação ao que devia instaurar-se ao ex-accessor Johannes Van Walbeck, a quem se attribuia o haver-se locupletado a custa dos moradores e com prejuizo da Companhia, o que não obstante, mandou o nosso consocio extrahir copias das peças avulsas que encontrou, bem como dos demais processos, a que se refere no seu relatorio.

Apezar de já ter sido o archivo dos Estados Geraes o objecto especial das investigações do general Netscher e do dr. Joaquim Caetano, declara o digno commissario do Instituto haver ahi aproveitado os documentos que, por sua extrema importancia, não podiam deixar de fazer parte do seu peculio de copias.

Em tal caso diz elle acharem-se as cartas que o conde Mauricio dirigio aos Estados Geraes, du-

rante os oito annos de seu governo no Brazil e que elle fez copiar para o nosso archivo, não só pela riqueza de informações e apreciações que contém, como por ser a collecção que nos trouxe ainda mais abundante do que a que organisou o dr. Joaquim Caetano para o Instituto Historico Brazileiro.

Neste archivo fez ainda o nosso consocio diversos extractos na volumosa collecção dos registros das resoluções dos Estados Geraes, os quaes contêm numerosas noticias e utilissimas informações sobre os negocios do Brazil; mandando copiar textualmente, ao retirar-se de Haya, as resoluções mais importantes, attenta a impossibilidade de concluirem-se os extractos na sua ausencia, e bem assim trazendo copias de uma volumosa collecção impressa composta de leis, ordenanças, regimentos e outros actos officiaes e na qual se encontram todos os regulamentos relativos ao Brazil, que foram organisados pela Companhia e approvados pelos Estados Geraes.

Pertencem ainda ao real archivo de Haya os mappas, plantas e aquarellas que o nosso consocio fez copiar para o Instituto dos proprios originaes manuscriptos e que, segundo elle declara, foram organisados pelos engenheiros ou empregados da Companhia, com excepção apenas de alguns de origem portugueza; cumprindo observar que aquelles, de que nos trouxe copias, são os mais importantes e representam diversos lugares e fortificações não só de Pernambuco, como da Bahia, da Parahyba, do Ceará e do Pará.

No intuito de alargar a esphera de suas investigações, refere o dr. Hygino haver visitado tambem o archivo particular do rei da Hollanda, onde achou muitas peças relativas ao conde Mauricio, umas de interesse historico e outras meramente curiosas.

Esses papeis formam duas collecções: a primeira tem por titulo—*Peças relativas ao governo de João Mauricio no Brazil*, e contem relatorios,

roteiros, descripções de varios paizes, editaes, petições, cartas do marquez de Montalvão, etc., sendo notaveis as diversas cartas em latim e portuguez, dirigidas por Gaspar Dias Ferreira ao conde Mauricio, em cujo animo exerceu notavel influencia, distinguindo-se pela sua lucidez, vigor da argumentação e justeza das conclusões, os dous pareceres que lhe são attribuidos e que o nosso consocio considera superiores ao celebre *Papel Forte*, do padre Antonio Vieira, sendo, no seu conceito, sufficientes para resgatarem aos olhos da posteridade os defeitos de caracter de Gaspar Ferreira.

A segunda collecção, que se encontra no archivo particular do rei, é propriamente um registro, no qual se contém a correspondencia em francez acerca dos quadros ou pinturas do Brazil, com que Mauricio presenteou a Luiz XIV.

Consta de uma escriptura e um inventario que a acompanha, existentes nesse archivo, que um grande numero de desenhos, pinturas e quadros sobre o Brazil, pertencentes a Mauricio, foram por elle vendidos em 1652 ao eleitor de Brandenburgo, averiguando o nosso consocio ser erronea a supposição de haverem as demais curiosidades artisticas daquelle principe se perdido nas chammas do incendio que em 1704 devorou todo o interior do seu palacio de Haya; porque da curiosa correspondencia, que alli deparou o digno delegado do Instituto, se verifica que 40 quadros foram offertados por Mauricio a Luiz XIV, em 1679.

Apreciando esse facto, admira o nosso consocio que ao glorioso Guilherme III ou ao eleitor de Brandenburgo houvesse Mauricio preferido, para presentear, o autocrata da França, que invadira caprichosamente a Hollanda e a quem não duvidara elle obsequiar por essa forma, antes do tratado de Nimégue e ainda quando as tropas francezas occupavam o ducado de Cléves; notando-se que a aceitação da offerta por Luiz XIV coincidira

com a resolução tomada por elle de conceder a paz ao eleitor de Branderburgo

Entretanto respeita o nosso consocio os motivos que levaram o principe a fazer aquelle presente, uma vez que, da carta escripta por Mauricio, 15 dias antes de morrer, se conclue que, só depois de collocados na sala do Louvre, manifestara elle a intenção de vender os seus quadros a Luiz XIV, como já o fizera em 1652.

Além das copias de valiosissimos documentos, extrahidos dos archivos de Haya, refere o dr. Hygino haver trazido da Europa uma interessante collecção não só de livros, sobre assumptos que interessam á historia, geographia e ethnograhia, especialmente da America, como de opusculos hollandezes do seculo XVII, relativos ao Brazil, e que, pelo grande numero dos que foram publicados na Hollanda, pode-se dizer que formam alli uma litteratura, versando elles principalmente sobre as luctas entre hollandezes e portuguezes, a debatida questão de saber si devia ser livre ou não o commercio entre a metropole e a colonia e ás questões diplomaticas, a que deu lugar a occupação do nosso paiz no seculo XVII, accrescendo a essa preciosa acquisição uma collecção de retratos, formada pelo nosso consocio, dos hollandezes, que militaram com distincção no Brazil ou que se tornaram notaveis por haverem escripto chronicas, memorias ou quaesquer outros trabalhos sobre a historia e a geographia do paiz.

Occupa-se finalmente o dr. José Hygino do Museu Britannico, que declara haver visitado na sua passagem pela cidade de Londres.

Ahi encontrou o nosso consocio um vastissimo campo ás suas investigações, pois o archivo daquelle Museu contém um avultadissimo numero de manuscriptos de origem hespanhola e portugueza.

Os documentos referentes ao Brazil que, de accordo com as suas instrucções, foram por elle

copiados, são na sua maior parte desconhecidos e consistem em pareceres do Conselho de Estado de Madrid, do Conselho de Portugal e outras juntas, de cartas e jornaes acerca do Brazil durante o periodo da occupação da Bahia pelos hollandezes e de um grande numero de officios, cartas e pareceres, roteiros e itinerarios, noticias e descripções, não só a respeito de Pernambuco, como das provincias do Amazonas, Bahia, S Paulo, Santa Catharina e Matto Grosso, documentos estes que, unidos aos que foram copiados em Haya, constituem um abundante manancial que vem enriquecer o nosso archivo.

Eis, Senhores, o resumo do minucioso relatorio com que, na sessão de 9 de Maio, occupou o nosso consocio a attenção do Instituto por cerca de tres horas, deixando uma grata impressão no selecto auditorio, aqui reunido.

Aos que ouviram a leitura dessa importantissima peça, aos que leram-na posteriormente publicada em nossa *Revista* não terá, sem duvida, escapado a consideração de que não esteve inactivo na Europa o dr. José Hygino e que não foi inutil, nem destituida de importancia uma nova investigação nos archivos da Hollanda; ao contrario, como elle nos annunciara, havia ahi innumeros materiaes para se escrever a historia do Brazil hollandez, os quaes não tinham sido ainda explorados com vantagem, nem podiam sel-o sem muito tempo e trabalho, mas que, por um milagre de força de vontade, foram convenientemente aproveitados pelo digno commissario do Instituto, durante o pouco tempo em que permaneceu naquelle reino.

Não é, porém, somente com relação ao dominio batavo entre nós que deve ser considerada de grande alcance a missão de que esteve encarregado na Europa o nosso consocio.

Entre as instrucções, com que elle d'aqui partio, instrucções que foram approvadas pelo Presidente da provincia, figurava tambem a incumben-

cia de extrahir copias de quaesquer outros documentos, que julgasse de utilidade para a historia do Brazil e especialmente desta provincia.

Já dizia Tacito que os factos mais importantes permanecem sepultados na incerteza; de um lado a credulidade adopta os boatos mais vagos; do outro a desconfiança rejeita os factos mais provados e dest'arte cada vez mais se condensam as nuvens para a posteridade: *Maxima ambigua sunt, dum alii quoquo modo audita pro compertis habent, alii vera in contrarium vertunt et gliscit utrumque posteritate.*

E de feito, si folhearmos a nossa historia, veremos que ella se resente de innúmeros erros e que torna-se preciso recolher o maior numero de documentos, afim de servirem de base á critica que tenhamos de exercer sobre os acontecimentos, afim de offerecermos os materiaes necessarios ao futuro historiador; pelo que é incontestavel a relevancia do serviço, que prestou-nos na Europa o dr. Hygino, pois não limitou-se ao periodo da dominação hollandeza entre nós, mas consultou os archivos, copiando os manuscriptos mais valiosos, relativos a outros pontos da nossa historia e geographia e estendendo as suas investigações ás demais provincias do Imperio, nenhuma das quaes quasi que deixou de ser contemplada no seu peculio de copias.

Si entretanto, com relação ás difficuldades, que venceu, em pouco menos de um anno, decifrando os caracteres da velha escripta hollandeza, poderia o nosso consocio exclamar, como o general romano: *Veni, vidi, vici*, não se lhe podem, com certeza, applicar as palavras dirigidas ao vencedor de Pharnacio: *Tu sabes vencer, Annibal, mas não sabes aproveitar-te da victoria*, porque, em vez de descansar á sombra dos louros do primeiro successo, que obteve, procura tirar vantagem das riquezas que colheu, no desempenho de sua commissão, traduzindo, apreciando e entregando aos

dominios da publicidade os documentos principaes, de que extrahio copias nos archivos de Haya e cuja leitura não deve ser privilegio de eruditos.

Nesse intuito apresentou-nos elle, na sessão de 20 de Maio, a traducção das *Actas da Assembléa Geral* convocada pelo principe Mauricio de Nassau, documento este que encontrou entre os *Noulos* de 1640 e que nos revela todas as particularidades do que alli se passou.

Essa Assembléa, da qual nos transmittiram noticia Barleus e Fr. Raphael de Jesus, e de que só Fr. Manoel do Salvador tratou mais largamente, trabalhou no palacio das *Torres* do Recife, desde o dia 27 de Agosto até 4 de Setembro daquelle anno e compunha-se de 55 membros entre escabinos portuguezes e moradores de todas as freguezias, os quaes, sob a presidencia do conde Mauricio, alli se reuniram para deliberar acerca dos negocios peculiares do Brazil hollandez ; versando as propostas sobre o culto, a administração da justiça, a policia, assumptos economicos e especialmente sobre a administração local.

Apreciando esse documento, diz o nosso consocio, que elle põe em relevo a attitude nobre, leal e independente, que assumiram os nossos antepassados perante aquella corporação, recommendando-se ainda ao nosso estudo por ser talvez o que nos dê a medida mais ajustada da situação do Brazil hollandez, em 1640, pois ahi se acham indicados todos os males que padecia o corpo social e os remedios que, a juizo dos conquistados e dos conquistadores, se lhes deviam oppor, sendo que entre as differentes peças, de que constam as actas distingue se a falla de encerramento da Assembléa, da qual se evidencia que Mauricio, desejando ver o porto do Recife aberto a todas as nações, aproveitou se do ensejo para inspirar aos moradores vistas mais largas sobre a agricultura do paiz.

Não é menos interessante uma monographia, intitulada—*Descripção geral da capitania da Pa-*

rahyba, de que apresentou-nos tambem o dr. José Hygino uma traducção, na sessão de 26 de Junho do anno passado.

Esta Memoria foi publicada em Hollanda, na *Chronica do Instituto* de *Utrech*, e tem por autor Elias Herckman.

Director da capitania da Parahyba, em cujo caracter teve de empenhar-se nos combates que se travaram, Elias Herckman sabia manejar, com a mesma habilidade, a espada e a penna e deixou-nos diversos trabalhos de sua lavra.

Traduzindo a descripção daquella capitania, por elle composta, contribuio o dr. José Hygino para fazer-nos conhecida essa monographia do illustre escriptor, a qual, na realidade, contem curiosas informações a respeito de todas as aldeias e engenhos, ilhas e cabos, rios e lagôas da Parahyba, além de uma noticia sobre as suas producções naturaes e os costumes dos tapuyas.

O nosso consocio, dr. Joaquim Loureiro, leu, como relator, na sessão de 28 de Outubro do anno passado, o parecer da commissão medica, nomeada pelo Instituto para emittir a sua opinião sobre os ossos exhumados da presumida sepultura de João Fernandes Vieira.

Antes de responder aos quesitos propostos, faz a commissão a descripção geral dos ossos, submettidos ao seu exame, os quaes, segundo declara, resumem-se em fragmentos de tamanhos tão diminutos que é impossivel determinar a que parte do esqueleto pertencem, sendo pequeno o numero d'aquelles que pode-se dizer a que osso estiveram unidos e muito menor ainda o dos que permittem um estudo mais ou menos completo; cumprindo observar que, nos fragmentos de pequeno tamanho, apenas existe do tecido osseo a substancia esponjosa, tendo desapparecido a substancia compacta, e ficando todos reduzidos pela pressão digital a uma substancia pulverulenta, devido a ter o esqueleto permanecido por muito tempo debaixo

da terra e á acção lenta, continua e prolongada do calorico, que desenvolvia-se no lugar.

Descrevendo os ossos, que permittem um estudo mais ou menos completo, assignala a commissão: 1.° *a clavicula direita*, a qual mede 15 centimetros de comprimento, notando-se nella diversas rugosidades, que em alguns pontos são bastante salientes, 2.° *a omoplata*, da qual a escapula direita é a que se acha menos deteriorada e mede do angulo superior ao inferior 16 centimetros, sendo largo este osso e de tamanho não pequeno; 3.° *os dous femures* que são bem expressos e de igual espessura, estando o esquerdo bastante estragado, tendo o direito 10 centimetros de circumferencia, sendo o canal medullar bastante largo e medindo 30 centimetros de comprimento, sem fallar nas extremidades superior e inferior que não existem; 4.° *o coxal*, que não está completo e do qual só pode ser estudada uma parte do illeo esquerdo, onde se encontra a fossa illiaca interna, que vê-se claramente ser concava e não achatada; 5.° *o maxillar inferior*, do qual a parte esquerda é de pequeno tamanho, deixando ver a direita, de um modo bem saliente, o tuberculo mentoniano, o orificio do mesmo nome mais proximo do bordo alveolar, que do inferior, o estado deste bordo e a estreiteza do canal dentario, estando igualmente bastante gastos os cinco dentes encontrados; 6.° *os parietaes*, que são de grande espessura, apresentando a sutura bi-parietal ou sagital já ossificada; 7.° por ultimo *algumas phalanges*, que, si não são de grande tamanho, tambem não são pequenas; nada mais apresentando ellas digno de menção.

Depois desta descripção geral e especial dos ossos submettidos a seu conhecimento, entra a commissão em considerações scientificas de grande alcance, com as quaes responde, pela maneira seguinte, aos quesitos propostos pelo Instituto:

1.° Quanto *a serem de um ou mais individuos* os ossos encontrados, que o exame minucioso de

6

todos elles, a comparação entre os fragmentos de todos os tamanhos e dimensões, os pontos symetricos, a igualdade de espessura e desenvolvimento, nenhuma duvida deixam pairar de que pertencessem a um só individuo.

2.º Quanto ao *sexo* que o seu grande desenvolvimento em tamanho e espessura, as circumstancias que revelam terem deixado as inserções musculares fortes impressões, o não achatamento da fossa illiaca interna, a proeminencia da curva da clavicula, a pouca convexidade da curva do femur, tudo leva a affirmar que fossem de pessoa do sexo masculino.

3.º Quanto *á idade*, que a ossificação das suturas craneanas, o estado gasto do bordo alveolar do maxillar inferior, a approximação do orificio mentoniano do bordo superior da maxilla inferior, o estado gasto dos dentes, o phenomeno da rarefacção da substancia ossea, particularmente nos femures e na clavicula e por fim a largura do canal medullar dos femures, autorisam a dizer que pertencessem a individuo de idade superior a 50 e mesmo a 60 annos.

4.º Quanto *ao tempo da inhumação do cadaver*, que attendendo ao estado de pulverisação, em que está a maioria dos ossos, á falta da cabeça dos humeros e ainda á destruição da maior parte do esqueleto, é de presumir que fosse de longa data, podendo ser de muito mais de seculo.

5.º Quanto finalmente *a existencia de metaes na sepultura, de envolta com a substancia calcarea, ahi encontrada*, que, interpretando-se as reacções resultantes do emprego dos processos chimicos, verifica-se, de mistura com aquella substancia, a existencia de cal, zinco e ferro, sendo este em pequena quantidade e os dous primeiros em proporções equivalentes.

Foi este, em resumo, o parecer que, sobre os ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira, apresentou nosso consocio o

dr. Joaquim Loureiro, como relator da commissão, para esse fim nomeada, a qual tirou-se com vantagem da incumbencia, que lhe foi confiada.

Concluida a leitura, deliberou o Instituto que se lhe agradecesse o serviço prestado, bem como se remettesse o seu trabalho á secção, a quem compete afinal pronunciar-se sobre si o restaurador de Pernambuco do poder hollandez está sepultado, como se presume, na igreja do Carmo de Olinda.

Alem dessa commissão especial, a de contas e a de redacção apresentaram tambem, durante o biennio, diversos trabalhos sobre assumptos de interesse economico e litterario, a respeito dos quaes foram ouvidas pelo Instituto.

A commissão de contas emittio pareceres acerca dos balancetes trimensaes e dos orçamentos feitos nos fins dos annos de 1885 e 1886 pelo thesoureiro, regulando a receita e a despeza dos annos vindoaros e consultou sobre a demonstração apresentada pelo dr. José Hygino, relativamente á quantia que lhe foi entregue pelo Instituto e á applicação que lhe deu no desempenho da sua commissão á Hollanda ; concluindo pela approvação de suas contas.

Não menos valioso foi o concurso, que nos prestou a commissão de redacção, já organisando o projecto de estatutos, pelos quaes se rege actualmente esta associação, já publicando, o anno passado, dous numeros da nossa Revista trimensal.

Contém o primeiro numero desse orgão do Instituto o relatorio de suas investigações nos archivos de Haya, apresentado pelo nosso consocio dr. José Hygino, na sessão de 9 de Maio, e os discursos de abertura e encerramento daquella sessão, proferidos pelo exm. sr. conselheiro Pinto Junior e pelo nosso eloquente orador.

A impressão, aqui produzida pela leitura do minucioso relatorio do nosso consocio, accentuou-se ainda mais pelo interesse, com que foi arocu-

rado esse numero da Revista ; sendo-me grato annunciar-vos, na presente occasião, as manifestações de apreço, que, ao receberem essa publicação do Instituto, nos dirigiram as associações litterarias, os homens de lettras e a imprensa jornalistica de algumas provincias.

Não foi recebido com menos interesse o segundo numero da Revista trimensal, publicado o anno passado, o qual se recommenda pela importancia das materias que contém, pois, além dos *Dialogos das grandezas do Braizl*, obra esta attribuida ao nosso primeiro poeta Bento Teixeira Pinto, encerra as diversas traducções feitas pelo dr. José Hygino dos documentos por elle copiados, nos archivos de Haya.

A par das commissões de contas e de redacção, as secções de archeologia e historia colonial, ultimamente creadas, emittiram tambem pareceres, que foram approvados pelo Instituto, a primeira acerca de uma *inscripção* em latim, encontrada na igreja de Nossa Senhora de Nazareth do Cabo e a segunda sobre a *Noticia dos vinculos e capellas existentes nesta provincia*, trabalho este, bem como a inscripção, que nos foi offertado pelo nosso consocio, o sr. dr. Ferrer de Araujo.

Apezar de não serem prosperas as nossas finanças, nenhuma alteração tem soffrido o Instituto no seu movimento economico, graças ao zelo e actividade do nosso thesoureiro, o sr. commendador Antonio Gomes de Miranda Leal.

A bibliotheca, o archivo e o museu, que se acham sob a minha direcção, passam agora a funccionar n'uma sala mais vasta, com a remoção do pluviometro, que occupava um dos compartimentos da sala immediata.

Resentindo-se a bibliotheca da falta de estantes para accommodar o grande numero de livros, que lhe têm sido offerecidos, ou que foram adquiridos por compra, mandou o Instituto fazer outras

com o material, que para ellas forneceu o nosso prestimoso consocio dr. José Hygino.

Devemos á solicitude do 1º vice-presidente desta associação, o sr. desembargador Adelino, uma relação das obras e opusculos que possuimos, relação que muito me auxiliará na confecção do respectivo catalogo.

Durante o biennio foi a nossa bibliotheca enriquecida por offertas de inestimavel valor historico, geographico e ethnographico, o que põe em evidencia o interesse que desperta a nossa associação, tanto no paiz como no estrangeiro.

Além dos *Annaes do Parlamento*, que nos remetteu a secretaria da Camara dos srs. deputados dos *Boletins* e *Revistas*, com que nos presentearam as sociedades de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisboa e o Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro, e do 1º tomo das *Publicações do Archivo Publico doImperio*, que nos enviou o seu digno director, o socio benemerito dr. Joaquim Portella, cumpre-me destacar algumas offertas, com que distinctos cavalheiros penhora ram a gratidão do Instituto.

Figura entre estas a que nos fez o ex-presidente do Amazonas, dr. José Jansen Ferreira Junior, da importante obra de S. Anna Nery, intitulada *Le Pays des Amazones* e de cuja composição fôra elle incumbido pela Assembléa daquella provincia.

« Quem não entrou ainda nesse mundo novo, diz o illustrado dr. Franklin Tavora, onde ao homem, que pela primeira vez nelle penetra, se afigura não ter sido precedido por um unico se quer de seus semelhantes, onde ha leguas e leguas, que ainda não foram pisadas por homem civilisado e onde ha rios que só a canôa do indio tem fendido, não póde formar idéa dessa esplendida maravilha »

Reconhecendo esta verdade escreveu Sant'Anna Nery um livro completo sobre a região amazo-

nica, pois, ao passo que os demais escriptores, que o precederam, se tem limitado a um ponto somente :—o naturalista, ás particularidades da flora e da fauna, o geographo aos dados topographicos, o commerciante aos phenomenos da producção, o homem de lettras ao pittoresco das descripções —o autor do *Pays des Amazones*, como elle proprio confessa—estudou essa região debaixo de todos os pontos de vista, e em sua harmoniosa unidade; e depois de La Condamine e Humbold, de Castelnau e Agassiz, de Coutinho e Barbosa Rodrigues disse em um só volume o que elles disseram em muitos, suscitou energias, inflammou coragens, imprimio a resolução de ver e colonisar o mais bello, o mais rico, o mais fertil paiz do mundo, o paiz do caoutchouc, o El-Dorado legendario, as terras virgens que esperam a semente da civilisação.—

Merece tambem menção especial uma obra sobre a provincia do Espirito Santo, que nos foi offerecida pelo seu autor, o sr. Bazilio Carvalho Demon.

Escripta, nas duas primeiras partes, no estylo da *Synopse* de Abreu e Lima, das *Datas Celebres* do nosso consocio José de Vasconcellos e das *Ephemerides Nacionaes* de Teixeira de Mello, recommenda-se o livro do sr. Carvalho Demon não só por se acharem ahi consignados dia por dia todos os acontecimentos, de que tem sido theatro aquella provincia, e que são por elle apreciados á luz da critica, como por conter na terceira e ultima parte uma descripção topographica, que nada deixa a desejar com relação á geographia da provincia do Espirito Santo.

Presenteou-nos o erudito sr. João Capistrano de Abreu com um interessante opusculo, por elle editado, sob o titulo : *Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta*.

Vendo no catalogo da bibliotheca publica eborense a menção de manuscriptos anonymos relati-

vos ao Brazil e aos Jesuitas, obteve copia dos mesmos o sr. Capistrano de Abreu, que verificou só ter sido um delles publicado na *Revista* do Instituto Historico da côrte.

Depois de um estudo consciencioso, chegou o douto professor á conclusão de terem por autor o celebre padre José de Anchieta.

Publicando-os primeiramente no *Diario Official*, reunio depois no folheto, que nos offereceu, os referidos manuscriptos, que contêm noticias precisas, variadas e curiosas sobre as cousas do Brazil e os Jesuitas, fornecendo, sobretudo, elementos para se escrever a nossa historia moral.

Prestou, portanto, o sr. Capistrano de Abreu um valioso serviço ás nossas lettras, já salvando do esquecimento esses thesouros de informações e noticias, que se achavam ineditos, já acompanhando-os de preciosas notas sobre diversos pontos, que elle discute, já reivindicando um lugar entre os chronistas do Brazil para o venerando José de Anchieta, o apostolo, a quem se poderia applicar o *pertransit beneficiendo*, o cathechista, para quem a brandura era uma força, o missionario, que entre os selvagens realisava o pensamento de Lossiéres, citado por um seu biographo de *que um cenobita vale mais que um exercito contra anthropophagos*.

O nosso consocio o sr. major Cintra remetteu-nos da côrte uma numerosa collecção de livros e folhetos sobre historia, geographia, commercio e industria do paiz; o sr. desembargador Adelino obsequiou-nos com diversos relatorios da presidencia do Piauhy e alguns volumes da collecção de leis desta provincia, e o sr. conselheiro dr. Pinto Junior com a traducção do livro de Ferdinand Denis, intitulado o—*Brazil*.

Recebemos do sabio archeologo portuguez e hoje nosso consocio, Estacio da Veiga, o riquissimo presente das obras que tem publicado sobre a

sciencia de sua predilecção, as quaes são ornadas de curiosissimas gravuras.

Não obstante deixarem de occupar-se do Brazil, comtudo, versando sobre archeologia, objecto principal dos estudos, a que nos dedicamos, são dignos de figurarem em nossas estantes as *Antiguidades de Mafra*, a *Memoria das antiguidades de Mertola* e a *Carta Archeologica do Algarve*.

Distinguem-se, pela sua importancia, entre os livros adquiridos por compra para a nossa bibliotheca, o *Diccionario Universal de Historia Natural* por D'Orbigny, o qual é illustrado de finissimas estampas coloridas, representando os reinos da natureza, e os cento e vinte nove volumes entre livros e folhetos, que comprou na Europa o dr. José Hygino e da maior parte dos quaes, havendo-nos sido remettidos de Londres em Dezembro de 1884, tive occasião de occupar-me no meu relatorio de Janeiro de 1885.

D'entre, porém, os que nos trouxe ultimamente da Hollanda o nosso consocio, destaca-se um precioso Atlas, contendo 57 mappas manuscriptos de varias capitanias do Brazil e de todo o littoral, desde o Rio da Prata até o cabo de Nassau, atlas este que encerra tudo quanto os hollandezes conheciam acerca da geographia do nosso paiz, e que o dr. Hygino comprou ao successor de Frederico Muller, livreiro de Amsterdam.

Mais do que a bibliotheca, foi o nosso archivo enriquecido, nos dous ultimos annos, com a acquisição de numerosos documentos, uns em original, outros por copia, outros impressos, alguns offertados por distinctos cavalheiros e quasi todos relativos á lucta hollandeza que se ferio entre nós no seculo XVII e mandados copiar por conta do Instituto.

Entre as offertas, sobresae a que nos fez o nosso consocio o sr. dr. Joaquim Portella, da cópia do decreto de 2 de Março de 1821, pelo qual foi dispensado Caetano Pinto de Miranda Montenegro

do processo, que deveria correr, para justificar-se dos successos de se terem apoderado do governo de Pernambuco, no anno de 1817.

Por parte do coronel Francisco Benicio foi-nos tambem offerecida uma interessante descripção do Bonito em 1811 e uma narração do combate havido entre as forças legaes e os bonitenses, reunidos na Serra do Rodeador.

Apresentou-nos igualmente o sr. major Codeceira, como offerta sua, não só o original dos decretos de amnistia, concedida aos revoltosos de 1848, como o inventario impresso das fazendas, dinheiro e mais objectos existentes no palacio do governo desta provincia e apprehendidos por occasião do saque havido na cidade do Recife, em Setembro de 1831.

O sr. dr. Cicero Peregrino offereceu-nos alguns numeros antigos do *Diario de Pernambuco*, e o ex-presidente da Parahyba, dr. Bandeira, os *Jornaes da Parahyba*, contendo o relatorio em que o engenheiro de minas, Francisco Soares da Silva Retumba, deu conta do resultado de sua excursão ao interior da provincia.

De todos os documentos, porém, que entraram, nos dous ultimos annos, para o nosso archivo, os que avultam pelo numero e pela importancia são os que o dr. José Hygino copiou na Hollanda e na cidade de Londres, em desempenho de sua commissão, os quaes interessam á geographia e á historia civil, administrativa, ecclesiastica, militar, diplomatica, litteraria e das artes desta provincia e do Brazil em geral.

Como a bibliotheca e o archivo, recebeu o nosso museu algumas offertas de grande valor.

A esforços do nosso consocio, o sr. chefe de divisão José Manoel Picanço da Costa, foi para elle transportada do Arsenal de Marinha e assentada na competente carreta, uma peça de bronze que se fundio em 1629, a qual tem tres metros de comprimento e pesa tres tonelladas.

Havendo servido na guerra hollandeza, achava-se naquelle Arsenal e foi cedida para o nosso museu pelo exm. sr. Ministro da Marinha, a quem pedio o Instituto a guarda dessa preciosa reliquia.

O nosso consocio, sr. desembargador Oliveira Maciel, offertou-nos diversas moedas de cobre, antigas e modernas, e o ex-presidente da Parahyba, dr. Herculano Bandeira, o *fac simile* da inscripção, copiada pelo engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba, de um rochedo da povoação de *Pedra Lavrada*.

Embora não tenhamos ainda um Champollion, que possa decifrar esses hieroglyphos e assim esclarecer, na phrase de Burton, muitos pontos obscuros dos tempos prehistoricos do Brazil, comtudo é incontestavel a utilidade que resulta da copia e conservação de todas as inscripções, existentes nos rochedos de nossa provincia e das que nos ficam visinhas, e nesse sentido já foi apresentada e approvada pelo Instituto uma proposta do nosso consocio dr. Cicero Peregrino.

Sem querer prevenir o juizo da secção de archeologia, que, a respeito, tem de interpor a sua opinião, parece-me que a inscripção, que nos remetteu da Parahyba o dr. Bandeira, fôra gravada sobre algum monumento prehistorico, porque, tendo por costume os *mound builders* ou constructores de monumentos, dar ás suas construcções a forma de qualquer animal irracional ou mesmo de um ser humano, verifica-se claramente que a pedra, em que se acham os caracteres da inscripção, representa uma cabeça vista de perfil, com uma notavel depressão na fronte.

Fez-nos tambem o nosso consocio, dr. Irineu Joffily, uma offerta de grande valor paleontologico.

Refiro-me a alguns ossos fosseis de um animal gigantesco, descoberto na comarca de Campina Grande e que elle nos enviou da Parahyba para o nosso museu, por intermedio do dr. Maximiano Lopes Machado.

A sciencia de Cuvier, a quem, como nos mostra Cortambert, bastava ter sob os olhos um osso, uma maxilla, uma parte qualquer do corpo de um animal, para reconstruir o ser com todas as suas peças e poder dizer os seus habitos, seus instinctos e sua habitação, não tem sido devidámente cultivada no Brazil, pois, além do sabio Lund e do professor Hartt, que nos deixaram preciosissimos trabalhos, rarissimos são os que hoje se dedicam entre nós aos estudos paleontologicos.

Entretanto, conforme nos refere o dr. Irineu, na carta que acompanha o seu presente, só na comarca de Campina innumeros são os fosseis que se tem desenterrado nas fazendas do *Campo Formoso*, *Piabas*, *Aldeias* e *Olho d'agua das bestas* e aos quaes não se tem ligado o valor scientifico, que merecem.

Os ossos, que nos remetteu o nosso consocio. foram encontrados naquella ultima fazenda, no centro de uma rocha immensa, em uma especie de tanque, que actualmente se acha entulhado e onde é vigorosa a vegetação; parecendo-lhe que as aguas, violentamente impulsionadas por qualquer causa, tivessem acarretado para aquella grande cavidade os animaes mortos pelo cataclysma, assim como pedras e terra, que obstruiram o tanque.

Qualquer que seja, porém, a opinião que se forme a esse respeito, não se póde contestar que os ossos, que hoje possue o nosso museu, fossem de um animal de proporções gigantescas e de uma especie já extincta, pois só um de seus dentes pesa pouco mais ou menos um kilo e, pela forma mamillosa que apresenta, indica ter pertencido a um mastodonte.

Reconhecendo a importancia da offerta do dr. Irineu, resolveu o Instituto que se lhe consagrasse na acta um voto de louvor, e se officiasse ao Presidente da Parahyba, chamando a sua attenção, no interesse scientifico, para as jazidas fosseis de Campina Grande.

Faltaria a um imperioso dever, si, mencionando os donativos, com que, durante o biennio, foram enriquecidos a bibliotheca, o archivo e o museu do Instituto, deixasse em esquecimento a valiosa offerta que nos fez o sr. desembargador Gonçalves Pires.

Quero fallar do retrato em busto de Gervasio Pires Ferreira, o primeiro presidente constitucional que vio o Brazil, o qual nos foi offerecido por aquelle distincto cavalheiro.

Diz Dumourtier, citado por um notavel biographo, que *todo o elogio d'um grande homem se encerra no seu nome.*

E, realmente, pronunciar o nome de Gervasio Pires Ferreira é tecer o elogio do martyr da revolução de 1817, o martyr desses tempos, em que o querer ser livre importava ter um pé no cadafalso; é tecer o elogio do patriota que, comprehendendo com Levis que o patriotismo consiste em auxiliar a patria com sua pessoa e bens, pessoa e bens por ella sacrificou, já pagando no carcere o crime de tentar libertal-a, já abrindo a sua bolsa para animar aquella gloriosa revolução e soccorrer os seus companheiros de infortunio; è finalmente tecer o elogio do cidadão que, ao ver caminhar o sol da republica para o occaso, como que perdeu o uso da falla, e só quebrou o silencio, que se havia imposto, quando o povo, reconhecendo-lhe os serviços, elegeu-o, em 1821, para presidente da Junta Provisoria do Governo desta provincia.

E, si em sua vida era digno o benemerito pernambucano da honra que o cidadão romano merecera, vendo o seu busto, por ordem de Pollion, collocado entre as imagens dos mortos celebres, hoje, que se lhe abriram as portas da immortalidade, tem elle o incontestavel direito de occupar um lugar distincto ao lado de Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, João Damasceno e Francisco Muniz Tavares.

Não me é licito, senhores, abusar, por mais tempo, da vossa attenção.

A benevolencia com que me tendes ouvido, constituindo-me para comvosco devedor de immensa divida, como que me está impondo silencio.

Antes de concluir, porém, permitti que, mais uma vez, vos dirija algumas palavras, acerca dos fins desta associação e da somma de esforços que é preciso empregar para attingirmos ao nosso desideratum.

Si, no espaço de um quarto de seculo, pois tanto é o que conta de existencia o Instituto Archeologico, alguma cousa temos feito, muito nos resta ainda a fazer.

Como os pontifices romanos, que guardavam cuidadosamente, no fim de cada anno, os extractos dos quadros brancos, onde escreviam, dia por dia, os acontecimentos publicos mais notaveis, não tenhamos nós do Instituto, por unica missão, archivar os documentos, monumentos e tradições, que podermos salvar do esquecimento.

Ao contrario, escolhendo os assumptos mais dignos de memoria, procuremos desenvolvel-os á luz da critica que exercermos sobre esses elementos, que enriquecem os nossos archivos, dandolhes um valor scientifico.

Façamos, com relação aos nossos estudos, para apropriar-me de uma comparação de Pierron, o que fazem os lapidarios, que tomam um diamante e o cortam, que passam em seguida a outro, depois a outro, e os vão afeiçoando com o mesmo cuidado.

Mas, na reunião desses materiaes para o futuro historiador, não attráia sómente a nossa attenção a historia militar desta provincia.

Não se diga das nossas investigações o que dizia Agesiláo dos limites da Lacedemonia : que elles chegavam até onde chegava a sua lança

Não, não é somente até onde tem chegado a

nossa espada, a espada de nossos heróes, que devem terminar os estudos, a que nos consagramos.

Nem limitemos as nossas elocubrações a um passado tão proximo, como até hoje temos feito.

Si, para attenuar aquella especie de patriotico egoismo, podem ser applicadas a nós do Instituto as palavras de Tacito, com relação aos gregos, de que elles só admiram os seus feitos : *qui sua tantum mirantur*, applique se-nos tambem o que diz o severo historiador, acerca dos romanos, de que são indifferentes ao que é moderno e só presam o que é antigo, *recentium incuriosi, dum vetera extollunt.*

Qual um rio caudal, que se alimenta de innumeros tributarios, a historia recebe os elementos que lhe fornecem diversas sciencias e mais do que nenhuma a archeologia, que é a que construe as civilisações pelo estudo dos objectos antigos.

« De todas as sciencias, diz o sabio Masselin, cujo dominio é mais vasto e mais variado, nenhuma é mais interessante, mais profunda e mais util do que a archeologia.

« Pelo estudo dos monumentos, das habitações, das medalhas, dos desenhos, dos utensilios, etc., etc., esta sciencia nos revela o gráo de civilisação dos povos, suas linguas, seus costumes, suas crenças e seus usos. Ella nos inicia em sua vida intima, em suas ceremonias particulares e publicas e nos ensina, melhor que a tradicção, a causa e a data precisa dos acontecimentos, assim como seu justo valor, fazendo reviver para nós os povos, entre os quaes elles se deram e fornecendo á historia os materiaes mais verdadeiros e mais precisos, quando completamente a não substitue. »

E si estes são os horisontes da archeologia, estes devem ser os nossos horisontes, porque é nos dominios dessa sciencia e da geographia, que, pela lei da nossa creação, procuramos os elementos necessarios para offerecermos ao futuro historiador.

Si, porém, no meio das explorações, que fizermos, apossar-se de nós o desanimo, pela indifferença dos contemporaneos e pela frieza com que forem recebidos os nossos esforços, lembremo-nos que tambem os navegantes dos mares polares, cuja missão é toda scientifica, são muitas vezes cercados pelos gelos que vitrificam as suas ondas, são entorpecidos pelo frio daquellas regiões glaciaes; mas afinal, desapparecendo as inclemencias da estação, proseguem elles nas explorações que encetaram e em resultado conta quasi sempre a sciencia uma nova conquista.

Assim pois, aquecidos pelo sol do patriotismo, zombemos dos gelos da indifferença; reunidos em torno dessa especie de lareira, que se chama Instituto Archeologico, affrontemos a frieza glacial dos contemporaneos.

Refere Boichot um curioso phenomeno, que se observa nas eminencias do Broken.

Quem se achar de manhã na montanha, diz aquelle escriptor, e voltar-se para o occidente, verá uma figura colossal que repetirá todos os seus movimentos.

Como na ordem physica, na ordem moral dir-se-hia que da-se o mesmo phenomeno.

E, applicando ao Instituto a comparação que faz a esse respeito um litterato distincto, direi: que quando galgarmos o cume da montanha, o que symbolisará termos attingido ao nosso desideratum, si parecermos pequenos para os que estiverem no valle, a nossa figura projectar-se-ha além em proporções colossaes: será a nossa estatura moral perante a posteridade.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1887.

João Baptista Regueira Costa.

DISCURSOS

Proferidos na assembléa geral do anniversario, em 27 de Janeiro de 1887

Do bacharel Maximiano Lopes Machado, orador do Instituto Archeologico e Grographico Pernambucano.

Senhores.—O dia de hoje lembra o facto mais saliente e predominante da historia brazileira.

O dia 27 de Janeiro recorda o termo da guerra tremenda com que a Hollanda nos sorprendeu no regaço da paz, sob o tecto da familia.

Recorda 24 annos de combates, de assaltos, de correrias e evoluções estrategicas; 24 annos de esforços empregados na dominação por parte dos invasores, na repulsa por parte dos invadidos; 24 annos, emfim, de sorpresas, de incendios e de exterminio, como são as guerras entre povos de raças differentes, de outra religião, de outra linguagem, de outras tradições e costumes.

Guerra em que o sentimento nacional tornou-se em furia, em que os soldados invasores, aguerridos e amestrados, conseguem apenas que a fortuna das armas se equilibre; e só por ultimo se supponham vencedores quando Mathias d'Albuquerque, chamado pela metropole, se recolhe á côrte de Madrid, quando o general Rojas y Borja, seu substituto no commando do exercito, succumbe no começo da batalha da Mata Redonda.

Engano completo!

Nunca de duas nacionalidades naquellas condições pôde sahir um povo homogeneo. O direito do mais forte é um absurdo; a força póde comprimir, mas a fusão é impossivel pelo antagonismo rancoroso das raças.

Não tardou, por isso mesmo, que o povo pernambucano apparentemente submettido, se erguesse como um só homem, levasse de rojo os vencedores de hontem, e os obrigasse, vencidos hoje, a depor as armas, a deixar esta terra que não era sua e a retirar-se para o seu paiz, envergonhados e confusos como os soldados carthaginezes expellidos de Capua.

Senhores, a patria e a familia são forças immensas, irresistiveis, que no meio das grandes catastrophes levam o homem acima de todos os interesses, para redobrar o sentimento moral em energias na lucta entre os principios da liberdade e da escravidão, entre a justiça e o crime, entre as doutrinas e as acções, entre a intelligencia e a força bruta.

Separae do homem as affinidades da vida intima com as inspirações religiosas e politicas, as tradições populares, as superstições originaes e pittorescas de infinitas legendas, as crenças, usanças e abusos até, outras tantas flores com que o pensamento do povo se adorna, e vereis o que fica delle ?

Nada absolutamente, excepto o fatalismo, que vem a ser a descrença nos principios da religião e a indifferença na vida publica e particular.

Luctar, pois, contra aquellas forças, expressão de todo o sentimento, no intuito de apagar o caracter e feição de um povo para sobre elle imprimir a força, o cunho de uma outra individualidade, é cousa que não está na vontade, nem no poder do homem.

Vede o exemplo na emigração heroica dos habitantes de Serinhãem á noticia da aproximação do inimigo, orgulhoso com a queda do Arrayal e de Nazareth.

Mathias d'Albuquerque protege com o seu pequeno exercito a mais de oito mil pessôas que abandonam os seus lares, os seus commodos, as suas alegrias, o brilho e a suavidade da luz da-

quelle céo formoso, que presta ineffavel encanto ás varzeas, aguas e montes, e seguem a pé por matas espessas e fraguedos não conhecidos ainda.

E' admiravel, senhores, a resolução com que mãis e filhas das principaes familias, acostumadas a todos os commodos e recatos, investem com heroica firmeza os precipicios, as correntes dos rios e lamaçaes das varzeas. Não esqueçamos entretanto, a disposição do pequeno exercito com os seus exploradores na vanguarda, corpo de batalha no centro, seguindo após os emigrantes e immediatamente o generoso e valente Camarão, cobrindo a retaguarda com os soldados de seu terço, soldados de dedicação até o heroismo, e de vingança até a ferocidade.

O que exprime essa agglomeração de familias, protegidas por uma pequena força em marcha arriscada por mais de quarenta leguas em terrenos ingratos, senão a antipathia da raça, o horror invencivel desse outro povo, ao mesmo tempo herege e sacrilego, que transformava em estabulo a casa de Deus e profanava os vasos sagrados, servindo-se delles em abominaveis orgias, mais escandalosas e abominaveis do que as do ultimo rei de Babylonia ?

Um outro exemplo, senhores, e ainda mais frisante, nos offerece essa mesma Hollanda tão admiravel na resistencia pela sua independencia, quanto violenta na compressão da independencia alhela.

O moto—*a união faz a força*—, erguido por ella á altura de um principio politico, de resistencia nacional nos seus dias de amargura contra a Hespanha dos Filippes que arremeçaram ás fogueiras da inquisição milhares de cidadãos, como exemplo tremendo para a submissão imposta pelas armas do duque d'Alba, Farnése e D. João da Austria ; aquelle moto, dizemos, nunca teve applicação mais contraria ao sentimento intimo da alma e da justiça do que quando ella por esforços de uma

companhia de armadores cahiu de improviso sobre um povo longiquo, desconhecido e inerme para trucidal-o, e, extranho phenomeno! imitando os agentes hespanhoes, para escravisal-o da mesma fórma á sua desmesurada ambição.

Senhores, as memorias de heroicidade da pequena nação neerlandeza não attenuam o horror deste facto, senão figurando-se o homem adormecido, e paralysada a seiva generosa do coração para ficar em lugar delle o animal com a sua natureza organica, com todos os seus instinctos ferozes em lucta pela raça.

Não, o povo pernambucano não estava submettido, apezar dos seus desastres.

Mauricio de Nassau, o chefe hollandez que mais fizera com a politica do que nenhum outro conseguira pelas armas, não aventurou uma prophecia temeraria, quando disse ao embarcar para a Europa « o Brazil hollandez não se poderá manter, está irremissivelmente perdido. »

Portugal voltara ao dominio dos seus legitimos soberanos. A guerra reappareceu e progrediu com furor indescriptivel. Os campos cobriram-se de chamas, o sangue correu a jorros, succederam-se peripecias terriveis, uma prolongada alternativa de acções magnanimas e de reprezalias atrozes.

Os povos meridionaes são assim, levam sempre ao extremo as paixões e as virtudes. Como que o sol lhes infiltra com o calor excessivo aquellas qualidades até a ultima fibra do coração. Em taes temperamentos não ha sacrificios parcimoniosos, tudo é grande, assombroso e em harmonia com a natureza de seu solo.

Portugal não era extranho á lucta, applaudia-a em segredo. Mas nas condições excepcionaes em que se achava para a Hollanda e a Hespanha, nada podia fazer. A guerra da independencia nacional absorvia-lhe todos os recursos e attenção. Pernambuco ficou entregue ao valor dos seus filhos, as suas crenças e aos seus brios; á todos

os riscos, á todos os revezes nos combates, nos assedios, nas marchas cortadas de exterminios e assolações.

Quanta abnegação, quanta serenidade, quanta gentileza nesses atrevidos movimentos e audaciosas entreprezas!

Todo o territorio que gemia sob a planta do conquistador foi sendo aos poucos libertado.

Cae primeiro Nazareth do Cabo, depois Itamaracá, cae Olinda, S. Lourenço, Muribeca, e as duas grandes e sanguinolentas batalhas de Guararapes, nas quaes o inimigo empenha as suas melhores tropas e os seus mais experimentados generaes, são intimações formaes ao governo do Recife para que se renda.

Avaliae o furor daquellas batalhas, entre os dous pequenos exercitos, de perto apenas de sete mil homens, e julgae pelas perdas do inimigo o valor dos nossos soldados.

Depois de troar a artilheria de parte a parte, principiaram as cargas de infanteria com subido arrojo, levando os nossos ao inimigo á confusão e á morte na escalada da montanha.

Seis horas de peleja, em que ora uns, ora outros, vacillavam ao choque dos terços, parecendo os chefes dizer aos soldados, como Larochejaquelein na passagem do Cynca: *si j'avance, suivez moi, si je recule, tuez moi, si je meurs, vengez moi*, e voltavam á carga.

O inimigo envolvido. não pôde resistir, poz-se em fuga ao crepusculo da tarde, deixando em nosso poder artilheria, bandeiras, bagagens e papeis do quartel-general, algumas centenas de prisioneiros, e no campo, entre mortos, o general em chefe, e todos os chefes das suas brigadas!

Os restos fugitivos recolheram-se á esta cidade, trazendo a noticia da sua completa derrota. Foi uma noite de tribulação, de lagrimas e de rancores a que aqui se passou.

O porto da cidade não estava bloqueado, e por

isso podia ainda resistir ao cerco, que se estendia do Giquiá á Olinda, e a lucta continuou ainda por algum tempo, até ser aquelle fechado pela esquadra de Magalhães, de accordo com os chefes do exercito brazileiro, sobre as operações, que não podiam demorar-se.

As fortificações avançadas ao sul da cidade foram atacadas e tomadas. A população do Recife amotinou-se, gritavam as mulheres, choravam as creanças e os soldados flamengos recusavam-se a combater.

André Vidal, o illustre general parahybano, alma de todo o movimento da guerra, marcha com a risonha placidez, com que costumava encarar a morte, á escalada do forte das Cinco Pontas; levanta trincheiras e rompe a primeira canhonada. Approximam-se os momentos de avançar, quando de repente a bandeira branca tremúla na fortalezá, pedindo a suspensão das hostilidades, e a cidade rende-se, por fim, aceitando as condições impostas pelo vencedor.

Neste dia, no dia 27 de Janeiro, o exercito libertador entra triumphante pelas ruas desta capital, com bandeiras desfraldadas e ao som dos hymnos da patria.

O Brazil era dos brazileiros!

———

Alguns illustres pernambucanos da actual geração, sahindo da indifferenca glacial, que abate os animos e só os deixa despertar para os estimulos da existencia convencial, conseguiram a custa de immensos sacrificios e de admiravel perseverança fundar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano neste dia em que a historia commemora a restauração da provincia e os feitos gloriosos dessa época.

Rememorando a vitalidade desses homens e o seu entranhado patriotismo na conquista desta terra que, sem os esforços e generosidade do heroismo não existiria para nós, procuraram nas

grandezas do passado despertar todos os elementos viçosos e robustos que surgem, para tornal-a ainda maior, conquistando pela cultura intellectual o logar que lhes parece reservado no movimento geral da civilisação.

E' o nosso vigesimo quinto anniversario, e se ainda pouco se tem feito, vamos conseguindo romper o scepticismo e a indifferença, obstaculos poderosissimos ao movimento das lettras nas suas graciosas e proficuas manifestações.

Honra e gloria, pois, aos fundadores desta instituição, que á despeito de todas as difficuldades creadas pelo desanimo, conseguiram lançar na terra a semente, que germina viçosa e promette á posteridade sazonados e saborosos fructos.

A' memoria desses homens e dos que lhes fosuccedendo no termo da vida, paga o Instituto uma divida de gratidão neste dia, recordando os seus nomes, e algumas das qualidades com que se distinguiram.

Senhores, depois da ultima commemoração, tamaram logar na ordem dos que existiram:

O dr. Francisco Manoel Raposo d'Almeida, engenho culto, illustração reconhecida e rigidez de animo. Batalhador irreductivel, a sua phisionomia retratava os dotes de sua alma.

Parece que Deus lhe rasgara aquella fronte espaçosa para os grandes pensamentos e grandes infortunios; lhe talhara aquella nobre cabeca, tanto para a inclinar no estudo como para a erguer nos dias da adversidade.

O clarão da sua intelligencia superior, cuidadosamente cultivada, apparece como um raio do sol dos tropicos na feição do estylo viril das suas obras litterarias, nas memorias publicadas na *Revista* do Instituto, especialmente na biographia do nosso mallogrado poeta e litterato José Soares de Azevedo.

Neste magnifico estudo o leitor acha-se insen-

sivelmente na Grecia de Pericles a ouvir a voz de Demosthenes.

O dr. Raposo d'Almeida era formado em direito e canones pela Universidade de Coimbra, e acabou desconhecido em S. Paulo, como acabam os grandes homens, para resurgir na posteridade, acatado pelas suas lettras. —

O dr. João Francisco Dias Cabral acompanhou-o nessa jornada, sem o deter as lagrimas e os affectos dos seus concidadãos.

Formado em medicina pela escola da Bahia, estabeleceu a sua residencia na cidade de Maceió, onde era reverenciado por todos pela sinceridade do seu caracter e nobreza de coração.

Attrahido pelo aspecto das ruinas, especie de enlevo que namora os espiritos, o dr. Dias Cabral, versado na historia patria, e convidado pelas solidões das margens do grande rio da sua provincia, onde se pelejaram renhidos combates entre os defensores do solo nacional e invasores hollandezes, procurou arrancar das ruinas das fortificações alli existentes o segredo do passado.

E esses vestigios, onde em outros tempos luzia inteira a quadrella das muralhas, dentro das quaes as sentinellas observavam dia e noite o movimento inimigo, lhe segredavam maravilhas que deviam ser logo registradas, antes de se esvairem e perderem-se na sombra dos seculos.

Auxiliado pelas sympathias de alguns moços estudiosos e de fé, fundou com elles o Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, onde se vão guardando os titulos de perpetuidade dessas confidencias historicas, condemnadas a perpetuo esquecimento pela indifferença e pela desidia, se não fossem os seus esforços.

Foi um benemerito o illustre consocio, cuja perda deploramos. A imprensa do paiz lastimou-a tambem em sentidas phrases de reconhecimento e saudade, tanto soube aquilatar os seus serviços, talentos e virtudes.—

O dr. Claudino de Araujo Guimarães, consul de Portugal nesta provincia, e ultimamente transferido para os Estados-Unidos, ahi falleceu, longe da patria e no serviço do seu paiz.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi encarregado pelo governo portuguez de promover no estrangeiro os interesses commerciaes do seu paiz e proteger a pessoa dos concidadãos. Commissão importantissima, que desempenhou com prudencia e capacidade, reconhecida pelo mesmo governo, segundo as provas de distincção com que o honrou.—

Perdas tão sensiveis foram ainda mais aggravadas pela renovação de outras que se seguiram em curto periodo.

O desembargador Marcos Corrêa da Camara Tamarindo, respeitabilissimo pelas suas virtudes particulares e civicas.

O conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo Junior, tão modesto como notavel na existencia publica.

O dr. Joaquim José da Fonseca, alma angelica, consciencioso e crente, foi um desses poucos homens que appareceram e desappareceram sem deixar um desaffecto, mas ao contrario disto muita consideração, muito respeito entre os seus concidadãos pelas suas nobilissimas qualidades. Formado em direito pela Academia de Olinda, o dr. Fonseca entregou-se ao fôro, onde colheu palmas juridicas que sempre lhe refloresceram.

A sua inabalavel perseverança, o valor intrinseco dos seus meritos, o conceito geral que o levantavam aos olhos dos seus concidadãos, fizeram-no geralmente estimado adquirindo certa unanimidade de apreço e estimação que só elle parecia ignorar, e entretanto não era isso mais do que o natural tributo do senso moral ao timbre que realça a lealdade, a lealdade que realça a intelligencia. Foi vice-presidente deste Institu.o, onde, como em todas as occasiões, obteve predilecções novas.

O conselheiro Francisco Domingues da Silva, magistrado consumado, o typo respeitavel da honra e do dever.—

O dr José Tiburcio Pereira de Magalhães, homem de fé, de estimulos, perseverante, applicado e previdente podendo-se dizer da sua insistente vontade o que se observa nesses rios de pequena nascença, que engrossam no seu transito pelos tributarios adquiridos, e vão lançar suas aguas opulentas na vastidão dos mares.—

O commendador Emilio Xavier Sobreira de Mello, empregado zeloso, atilado e investigador, que soube elevar-se na escala do funccionalismo de terceiro escripturarto da fazenda a director do Thesouro Nacional.—

O vigario Firmino José de Figueiredo, sacerdote estimavel pela mansidão do caracter e virtudes do coração.—

O dr. Aristarcho Cavalcante de Albuquerque, um dos nossos mais dedicados collaboradores; modesto, singelo, de uma existencia desambiciosa e tranquilla, de intelligencia brilhante e concepções elevadas.

O dr. Gaspar de Drummond, espirito perspicaz, eloquencia imaginosa e abundante.

Se encontrasse campo vasto em que podesse dar forma ás flores da sua fantazia, teria conquistado lugar distincto entre os que mais primam na tribuna.

Não pôde... lutou e morreu duas vezes!

Eis as perdas lamentaveis que o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano soffreu nestes ultimos tempos.

Cidadãos distinctos todos pelas suas virtudes e talentos cahiram ao sopro da morte; transmudaram-se de repente no que haviam de ser para não voltarem ao que foram!

A successão é uma regra immutavel e geral do mundo: mas as nossas predilecções não estão essencialmente sujeitas aos individuos, porque não

são como elles, transitorias. Os que chegam hoje, advertem aos que chegarem amanhã, do que se deu na ordem dos tempos e das idéas.

E' tambem uma successão, mas uma successão, inversa, de cima para baixo, que não extingue, nem esquece, mas, antes reconstrue e aviva as acções generosas dos antepassados, como seremos tambem lembrados por nossa vez quando formos antepassados das novas gerações.

E' o que fazemos agora, recordando os nomes e as qualidades dos nossos consocios, que se desfizeram em pó, obedecendo a regra immutavel e geral á que estamos sujeitos.

O Instituto, inclinando-se reverente ante a cruz que assignala os seus jazigos, deposita sobre elles uma corôa de saudades.

Isto, Srs., que não passa de uma demonstração de acatamento e respeito á memoria dos que hontem desappareceram d'entre nós, está muito longe da immovel magestade dos seculos que se occultaram nas sombras do passado.

Precisamos erguer dos mausolèos, carcomidos e derrocados pelo tempo, as cinzas que elles encerram, para se encorporarem e viverem com a época que resurge á imaginação. Tudo tem seu logar na ordem em que existira ; é de necessidade unir o passado ao presente.

Nas nossas modestas estantes temos o necessario para reerguer e repovoar esses templos desertos, essas praças ermas e essas arcarias tombadas ; importantissimos documentos, desenterrados dos archivos da Europa pelo zelo infatigavel de um nosso benemerito consocio que alli foi catar e descobrir magnificencias da nossa antiguidade relativa, dessa antiguidade que nos falla e nos domina.

Ajudai-nos, senhores, com as vossas luzes, com o vosso patriotismo.

Illm. exm. e rvm. sr.— V. Exc., tão bondoso,

tão illustrado e tão amante do seu paiz, como particularmente venerado nesta diocese, que tão paternal e sabiamente dirige, consinta lhe beijarmos as mãos em signal do acatamento e respeito que devemos ao chefe da igreja pernambucana, e como penhor de agradecimento pelo auxilio generoso que tem prestado as investigações historicas e archeologicas deste Instituto, já facilitando-lhe com manifesto prazer os archivos da camara episcopal, e já permittindo-lhe que no fundo das campas, nos ossuarios dos templos fosse receber as confidencias sobre a identidade dos restos mortaes dos nossos maiores.

Este nosso reconhecimento só aqui podia ser manifestado para ser olhado e medido pela grandeza da benevolencia de v. exc.

Fazendo votos pela preciosa saude do seu preclaro Pastor, o Instituto tem fé em Deus de que não hade desmerecer da sua generosa confiança.—

Illm. exm. sr. presidente da provincia.—A visita com que v. exc., logo á sua chegada, se dignou honrar a este Instituto, assim como o acolhimento á commissão encarregada de convidal-o para esta festa anniversaria, e ainda mais a cooperação que no pouco tempo do seu governo lhe tem prestado, são motivos para o seu profundo reconhecimento.

Fortalecido com estas provas de confiança e interesse que v. exc. mostra tomar pela cultura e progresso das letras, não duvida apresentar-lhe neste momento uma supplica que, deferida, será um grande serviço prestado por v. exc. á provincia e ao paiz.

Consiste ella, senhor, em mandar recolher ao archivo da secretaria do governo ou ao deste Instituto, os preciosos documentos dalli retirados por concessão á particulares, e que não mais voltaram ao seu lugar, apezar do tempo decorrido e do nenhum proveito conhecido.

E' natural que esses individuos tivessem pas-

sado termo de responsabilidade á secretaria do governo, e por ahi não será difficil a sua arrecadação.

Depois da remessa de uma parte do archivo da provincia para a côrte, depois do fogo a que foram condemnados os *papeis velhos* da Thesouraria de Fazenda, entre os quaes um bom numero de documentos officiaes, nomeadamente o inventario dos bens dos jesuitas e o que produziram em hasta publica, depois de uma administração perniciosa de mais de dez annos, resta-nos apenas dessa horrorosa devastação os documentos alludidos.

Os esforços empregados para esse fim serão applaudidos, pelos homens convencidos de que na voz do passado ha conselhos e lições, e por todos quantos se interessam pelo progresso intellectual do paiz, como prova irrecusavel do alto patriotismo de v. exc.

—

Do bacharel Isidoro Maatins Junior, orador da commissão do conselho superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica.

Exmas. senhoras e meus senhores; senhores do Instituto Archeologico.—O conselho superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica incumbio-me de vir hoje comprimentar-vos pelo duplo e brilhante anniversario que se solemnisa aqui, neste momento.

Cumpro, portanto, o meu dever de mandatario daquella Associação, subindo agora a esta tribuna, que tão exalçada foi pelo orador que me precedeu, e que me parece ainda vibrar ao echo dos vossos applausos.

Meus senhores. Os dous gloriosos acontecimentos, que se commemoram hoje nesta casa são a restauração desta provincia que me foi berço e a fundação deste benemerito Instituto, a cuja grande personalidade moral eu me dirijo nesta occasião.

E ao considerar esta festa duplamente digna e duplamente fecunda, eu me sinto deslumbrado e sem forças para desempenhar a incumbencia de dizer aqui algumas palavras por parte do conselho superior da Sociedade Propagadora. E' que as grandes emoções fulminam como uma faisca electrica; neste momento eu sinto mais do que penso, e a força psychica que me está dominando todas as outras é o desejo fetichista de atirar-me, como os crentes indianos de Jagernath, sob as rodas desse carro triumphal, em que vejo, com o translu-zido olhar da imaginação, passar todo o deslumbrante conjuncto das heroicas tradições pernambucanas!

Mas... eu devo chamar a reflexão em meu auxilio, e chamo-a, para que possa desempenhar o meu dever sem vos cansar o espirito e abusar da vossa condescendencia.

Senhores. Eu comparo os notaveis successos historicos que tiveram lugar em Pernambuco de 1630 a 1654 a um desses grandes phenomenos telluricos, que ao mesmo devastam e fecundam a região onde se manifestam ou se produzem.

Vós sabeis que as forças, as energias naturaes, filhas das condições sidereas e physico-chimicas do nosso planeta, são incoerciveis, são indomaveis, como tambem o são as condições biologico-sociaes a que se submettem todos os seres vivos, desde os protozoarios até os homens.

Sabeis perfeitamente que si houvesse um homem bastante insensato e bastante heróe para pretender, por exemplo, fechar um oceano dentro de um carcere formado de diques,—fosse esse homem um descendente dos antigos Titães fabulosos, e fossem esses diques mais elevados que os cumes do *D*apsang e do Everest—tal homem seria victimado pela sua empreza, sacrificado pela sua tentativa, esmagado pela sua obra, submergido pelo oceano que elle houvesse buscado encarcerar!

Xerxes não conseguio atemorisar o Mediterra-

neo, com as correntes que lhe mandou pôr, nem com as chicotadas que lhe infligio!

Pois bem, meus senhores; a Hollanda do seculo XVII representou, na America, o papel desse homem insensato a que eu me referi.

Afigura-se-me que em 1630 a vida pernambucana era um grande rio caudaloso, um Amazonas sussurrante que se espraiava orgulhoso sob os iris e chamalotes do céo tropical, neste pedaço de terra que estremecemos.

Um dia, no dia 16 de Fevereiro de 1630, o hollandez invasor, julgando que podia arrancar este solo ás aguas soberanas, como havia outr'ora conquistado o chão das Provincias Unidas ás vagas do mar do norte,—arrojou aqui os seus exercitos, os seus fuzis, os seus canhões e as suas balas, como outros tantos diques ou reprezas destinadas a fazer recuar a onda pernambucana.

A onda recuou, recuou muito; teve um momento de repouso—momento que durou 15 annos —mas depois avolumou-se, encapellou-se, subio pelas encostas, e despenhou-se dos montes Tabocas e dos Guararapes com o fragor de uma avalanche, vindo outra vez espraiar-se no Recife a 27 de Janeiro de 1654, e levando em suas bavas ensanguentadas as ultimas esperanças do predominio hollandez!

O batavo tinha sido humilhado. O grande mar da alma pernambucana tinha sido mais indomavel do que as vagas do mar do norte...

Mas como aquelle outro diluvio da legenda mosaica, a inundação pernambucana havia deixado uma arca na superficie da terra... Era a arca das nossas tradições, o santuario de todas as reliquias patrioticas que nos haviam legado os batalhadores d'aquelle tempo, os soldados d'aquella guerra!

E vós, Srs. do Instituto Archeologico, encontrando, muito tempo depois, os destroços dessa arca, os membros dispersos desse grande corpo

combalido mas sempre veneravel,—fizestes com esses destroços o monumento em que hoje se rememoram as lutas e as glorias dos nossos bravos, construistes com aquelles restos o Pantheon onde devem viver eternamente aquelles nossos heróes!

Honra, portantto a vós!

Senhores. O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, com estas e outras commemorações, com as suas pesquizas archeologicas, com o seu amor pelo passado e a sua fé no futuro, é uma benemerita associação cujos labores eu cada vez mais aprecio, porque vejo que delles ha de sahir alguma tentativa no sentido de uma comprehensão scientifica da Historia—esse nobre ramo dos conhecimentos humanos que tão largos subsidios offerece a Sociologia.

Além disso, eu noto tão sensivelmente em nosso paiz a falta, a ausencia absoluta de uma *Historia do Brazil* completa e bem orientada, que não me canço de fazer votos para que surja o mais depressa possivel esse historiador que nos ha de honrar e orgulhar a todos, immortalisandose a si.

Quando eu me recordo de que, desde aquelle celebre livro de Salviano *De Gubernatione Dei* até os ultimos trabalhos dos sociologistas modernos, os methodos e a Philosophia da Historia têm percorrido um brilhantismo do caminho que ficou assignalado com os esforços e os nomes de Vico, de Herder, de Montesquieu, de Condorcet, de Augusto Comte e de tantos outros valentes espiritos; eu lamento que ainda hoje a minha patria não tenha um historiador que, com uma concepção positiva do mundo, e de posse de todos os fios da nossa vida nacional, nos apresente uma grande obra onde esteja feita a *Historia do Brazil*, sem outra preoccupação que não a da verdade.

E por isso é que eu me volto para vós, Srs. do Instituto Archeologico. Vós tendes obrigação de

impulsionar uma tentativa qualquer no sentido da construcção da nossa *Historia Geral*, ou pelo menos, de uma grande e bella *Historia de Pernambuco*. Envidae para isto todos os esforços e tereis prestado mais um grande serviço social.

Permitti, porem, que eu vos peça o seguinte:

Fazei com que o vosso futuro historiador seja: «bastante *naturalista* para, no portico de seu livro distender a discripção vasta e exacta da terra e das zonas nacionaes, com a determinação dos climas, aspectos e de todos os cem modos diversos pelos quâes os *meios* collaboram com os homens; bastante *ethnologista* para comprehender e amar as diversas raças que armaram neste paiz as suas tendas e que teem contos, lendas, instinctos e aspirações dignas de estudos; bastante *philanthropo* e *democrata*, para rir e chorar com o povo, e seguil-o na sua formação e transformações progressivas; bastante *economista*, para surprehender o povo no seu trabalho, tomando nas mãos os fios da riqueza publica e particular e mostrando a irradiação desse polypo de nova especie—a Escravidão, o qual ainda hoje faz com que a nossa historia seja uma obra de privilegio e de iniquidade; bastante *philosopho*, para ter uma idéa nitida da cultura e dos destinos humanos; bastante *erudito*, para conhecer a fundo todos os factos e todas as peripecias do passado nacional; bastante *poeta*, emfim, para construir com tudo isso uma obra artistica, viva, palpitante de seiva e de enthusiasmo!»

Estes requisitos que não foram imaginados por mim, mas que eu encontrei em um magnifico trabalho de um dos melhores criticos brazileiros, o illustre escriptor Sylvio Romero, —são tambem os que vós deveis exigir do futuro historiador do Brazil.

Só assim tereis concorrido para um bom monumento historico digno de vós e dos vossos antepassados.

Vou deixar a tribuna, Srs do Instituto Archeologico: tenho muito abusado da vossa attenção. Poucas palavras mais e terei terminado.

Dizem que a estatua de Memnon, no Egypto antigo, saudava todos os dias a aurora com um canto mysterioso mas suavissimo .. Eu comparo a digna Associação que promoveu esta festa áquella estatua sonora que parecia amar o sol e, por isso, saudava-o quando elle apparecia no levante. Tambem o Instituto Archeologico, tambem este edificio em que vós funccionaes, canta, e parece desfazer-se em hymnos, quando a aurora do 27 de Janeiro illumina-lhe todos os annos o tecto glorioso.

Que esse canto se propague pelo espaço e se prolongue no tempo, honrando a vós e ao luminoso Passado pernambucano -- é tudo o que eu desejo.

—

Do DR. PAULO JOSÉ DE OLIVEIRA, ORADOR DA COMMISSÃO DO CONSELHO DIRECTOR DA SOCIEDADE PROPAGADORA DA INSTRUCÇÃO PUBLICA DO POÇO DA PANELLA.

Senhores do Instituto Archeologico! — A Sociedade Propagadora de Instrucção da freguezia do Póço da Panella, que, como vós, porfia na diffusão do ensino ao povo; que, como vós, persevera em demonstrar praticamente que a dedicação daquelles que se interessam pela propagação de ideias uteis triumpha sempre dos preconceitos; a Sociedade Propagadora, digo, associa-se ao jubilo de que vos achaes hoje possuidos, commemorando o vigesimo quinto anniversario de vossa gloriosa installação.

Cinco lustros já têm perpassado na ampulheta do tempo depois da installação do vosso Instituto; isto diz eloquentemente que durante um quarto de seculo tendes batalhado com ardor, que jámais foi

desmentido, na indagação da verdade historica da nossa vida colonial.

Durante esse longo periodo tendes esquadrinhado, coordenado e accumulado elementos importantissimos, que constituem hoje a preciosa collecção, que ornamenta o vosso valioso archivo, desse archivo, que mais tarde servirá como um contingente de summa valia, para enriquecer as paginas da nossa historia, illustrando o nome brasileiro e collocando este imperio a par das nações mais adiantadas.

Enunciar o que venho de dizer, meus senhores, é proclamar o acrysolado patriotismo desse punhado de luctadores, que concretisa a nobre instituição que se denomina Instituto Archeologico Pernambucano; é mais ainda, Senhores, é demonstrar por factos quanto póde a dedicação e a perseverança de poucos contra o indifferentismo de muitos.

O nosso archivo, onde tendes enthesourado o fructo de tantas locubrações, se é pequeno pelo espaço que elle occupa, é grande, é immenso pelo seu valor historico e scientifico.

O historiador, o geographo, o ethnographista, o geologo, o mineralogista, o paleontologista e tantos outros, que cultivam os diversos ramos dos conhecimentos humanos, ahi podem colher as mais proveitosas lições, ahi podem elucidar os pontos mais controvertidos de nossa historia, desde a época em que o Batavo pisou este solo da America, até a sua expulsão pelos lusitanos alliados aos naturaes desta provincia.

O vosso archivo, pois, enriquecido largamente ainda com as preciosas collecções trazidas da Hollanda pelo infatigavel e illustrado investigador a quem confiaste tão importante missão, o vosso archivo, repito, é a prova a mais inconcussa de que tendes bem comprehendido a missão de que vos encarregastes, e melhor ainda correspondido á confiança dos que depositaram em vossas mãos a direcção deste importante Instituto.

Prosegui, perseverae na senda gloriosa que tendes trilhado até hoje, e os posteros bemdirão dessa pleiade que com tão minguados recursos, mas possuindo em alto gráo o amor pelo estudo e pelo trabalho, dotaram a nossa chara patria com thesouros inestimaveis. São estes, senhores do Instituto Archeologico Pernambucano, os votos que vos trago em nome da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica da freguezia do Poço da Panella.

—

Do bacharel Virginio Marques Carneiro Leão, orador da commissão do conselho director da sociedade propagadora da instrucçáo publica da parochia da Boa-Vista.

Senhores do Instituto Archeologico. - O conselho director da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica na parochia da Bòa-Vista, incumbiome de, no dia de hoje, em que commemorais o vigesimo quinto anniversario de vossa benemerita e patriotica associação, comprimentar vos pelo modo porque interpretais os sentimentos do povo pernambucano ou antes do povo brasileiro.

Sim, senhores da Sociedade Archeologica, do povo brasileiro! A festa que hoje solemnisaes, não pertence exclusivamente ao povo pernambucano; ella vae além, porque tem encontrado abrigo em todos os corações brasileiros.

27 de Janeiro de 1654 é uma estrella. cujos raios attingem a todos os que. dominados de sentimentos elevados e generosos, não podem ser indifferentes ás grandes causas, como incontestavelmente são as dos feitos patrios.

27 de Janeiro de 1654 é uma data brilhante em que se reflectem os serviços prestados por uma pleiade gigante de homens, que entenderam dever anniquillar o grande valor que a Hollanda ostentava no Brazil.

27 de Janeiro de 1654 é uma data que merece os vossos festejos, porque lembra os esforços empregados por um povo nascente para conseguir o seu mais sagrado direito—*o direito de liberdade*, que, havia tempo, jazia opprimido pelo jugo despotico de uma companhia a que a Hollanda dava força e importancia; é uma data que merece o nosso respeito, porque symbolisa uma victoria, obtida a custo, por um povo fraco mas altamente brioso.

O conselho director da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, na parochia da Bôa-Vista, e o corpo docente da Escola Normal a cargo da mesma sociedade, curvam-se reverentes ante á memoria d'aquelles heróes que tão grandes serviços prestaram á restauração de Pernambuco e felicitam ao Instituto Archeologico pelo modo brilhante porque solemnisa o seu vigesimo quinto anniversario.

—

DA EXMª. SRª. D. ANNA ISABEL DE OLIVEIRA, ORADORA DA COMMISSÃO DO CLUB LITTERARIO PINTO JUNIOR

Senhores do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.—O Club Litterario «Pinto Junior» a que vos dignastes convidar para vossa festa, manda agradecer o vosso convite e significar bem alto a consideração em que vos tem como guardas fieis, que sois, das glorias, monumentos e tradições de nossa cara e heroica provincia.

Apezar de reconhecer-me pobre de talentos e dotes oratorios, julgo-me todavia rica de sinceridade e convicção, por isso acceitei a tarefa de que me incumbiram, porque tanto basta para servir de interprete aos sentimentos d'aquella modesta associação.

Sim, meus senhores, dizendo-vos que nós, do Club « Pinto Junior » estamos acostumadas a reconhecer-vos como naturezas superiores a quem a

historia gloriosa de Pernambuco muito deve, fallamos com toda a convicção, e declarando que o nosso enthusiasmo por vós crepita-nos no coração como as lavas de um vulcão, fazemol-o com toda a sinceridade. Nós, umas desprotegidas dos bens da fortuna, que frequentamos a Escola Normal da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, na Boa-Vista, mas umas admiradoras enthusiasticas de tudo que é grande, nobre e generoso, reunimo-nos na associação litteraria a que demos o nome de « Pinto Junior » como reconhecimento do muito que esse cidadão respeitavel tem feito a bem da instrucção e alli discutimos com toda tensão das nossas fracas forças, pontos da historia do Brazil e especialmente de Pernambuco

Por ahi já vedes que não desconhecemos os grandes serviços que haveis prestado ao nosso paiz e particularmente á nossa provincia, dos quaes ainda ha bem pouco tempo déstes eloquente prova, mandando um dos vossos mais illustres membros colher nos archivos de Haya documentos relativos á occupação do Brazil pelos hollandezes. Permitti, pois, senhores, que no dia de hoje, data memoravel que faz lembrar a restauração desta provincia do poder dos hollandezes, em nome do Club «Pinto Junior» eu faça os mais ardentes votos pelo vosso engrandecimento e prosperidade, que são o engrandecimento e prosperidade da nossa provincia e da nação brazileira.

—

DO ACADEMICO E EMPREGADO PUBLICO PROVINCIAL, SR. LINDOLPHO CAMPELLO, ORADOR DA COMMISSÃO DA SOCIEDADE DOS EMPREGADOS PUBLICOS PROVINCIAES E DO CORPO ACADEMICO.

Exm^as^. senhoras, Exm^os^. senhores. — E' na verdade e nos erros das gerações que desapparecem na eternidade dos seculos, que aprendem as ge-

rações que surgem : é no grande livro da humanidade que se educa a mesma humanidade.

Os mortos são os mestres dos vivos ..

E' na historia que o homem vai ver a quanto se póde elevar e a quanto se póde degradar.

Não é tomando os factos isoladamente que se avalia do gráo de evolução porque ha passado a humanidade ; é estudando-os á luz da philosophia, procurando o meio em que elles se manifestaram, o estado mental da sociedade que os produzio, que se póde com justiça aprecial os.

Sem attenção a essas circumstancias, a Grecia antiga educando seus filhos na pilhagem, e Roma matando atrozmente os seus escravos, seriam hoje apresentadas ao grande tribunal das idéas novas e dos sentimentos humanitarios, como dous povos, onde o coração do homem não estivesse ainda formado ; no entretanto, pelo estudo dos factos e das condições vitaes de então, nós reconhecemos que aquellas nações, que deram, por assim dizer, as leis ao mundo, obedeciam a um phenomeno sociologico, porquanto ellas passavam pelas primeiras phases da actividade social—o militarismo.

A actividade humana passa por tres phases : a militar de conquista, a militar de defeza e a phase de industria. Ora, aquellas nações estando nessas primeiras phases, se alimentando, portanto, da guerra, não pediam deixar de preparar seus filhos nos exercicios physicos para assim lhes adquirir a agilidade e a estrategia necessaria ás batalhas e empedernecer-lhes os corações por meio das scenas de sangue nos combates dos amphitheatros.

A sociedade tem suas leis : e o homem por mais poderoso não póde impedir a manifestação de seus effeitos. E assim como, diz Mignet, o *passado não se refaz*, assim tambem o futuro ha de ser a expressão exacta do material de civilisação conduzido pelos povos atravez dos seculos e do espaço.

E' verdade que e possivel accelerar ou retar-

dar a marcha dos povos; mas, nunca impedir definitivamente a manifestação dos phenomenos.

Sem se procurar scientificámente a correlação dos phenomenos sociaes, as mutações que o tempo com a sua mão firme tem feito no immenso scenario da humanidade, a historia não passará de um insondavel abysmo, onde a vista intellectual do homem vae perder-se na densidade das trevas, sem encontrar explicação para esse amontoado de factos que se nos apresentam muitas vezes contradictorias e sem realidade objectiva.

A bussola trouxe á posse do mundo civilisado terras então ignoradas, quando pensava-se mesmo que o nosso planeta estava de tode conhecido; a historia de mãos dadas com a sciencia transpoz o homem biblico e reconheceu pela paleontologia que a idade da terra estende-se a uma época immemoravel e que a humanidade tem a sua origem na noite dos tempos.

A historia, pois, é fonte segura de conhecimentos indispensaveis para felicidade de um povo.

Assim, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano tem missão elevadissima no nosso meio social.

A nova geração pernambucana a vossos esforços já tem o sentimento vivo da sua solidariedade com o passado desta provincia.

Immortalisar, divinisar mesmo, os grandes homens, que desappareceram de entre nós cobertos de gloria, é accender no coração da geração que passa o fogo sagrado do amor da patria.

Convencido desta verdade, não só pela Associação dos Funccionarios Provinciaes de Pernambuco, como tambem pela corporação academica a a que me honro de pertencer, congratulo-me comvosco pelo faustoso dia 27 de Janeiro.

E' impossivel ser pernambucano, e não sentir-se o coração palpitar-lhe de uma fórma desconhecida ao contemplar-se tanta abnegação, tanta va-

lentia personificadas nos quatro heróes que constituem a pagina mais gloriosa de nossa historia.

E' verdade que a lucta a mão armada, o derramamento de sangue humano, não se compadecem mais com o espirito moderno ; mas a humanidade no seu vagaroso caminhar na estrada da civilisação, ainda não pôde substituir inteiramente a espada pela palavra. A guerra ainda é a consequencia forçada nas altas questões sociaes.

E ainda quando o aperfeiçoamento das relações sociaes já não fosse um dos objectivos da philosophia moderna, ainda assim essas individualidades excepcionaes, que se encontram nos annaes de nossa historia, devem ser por nós contempladas com orgulho, porque ellas constituem a grande cadeia das tradicções historicas e foram um elemento de civilisação.

O homem actual, no pensar de Pascal, representa a sequencia de homens durante o caminhar do tempo ; de sorte que si os primeiros homens ainda hoje vivessem, não estariam mais adiantados do que a geração presente.

E' portanto, concludente que a nossa civilisação, que a nossa liberdade assentam nos materiaes accumulados pelas gerações que se succedem ; e é como se explicam as diversas formas que revestem a historia de um povo.

Assim, nós devemos reverentes curvar a nossa fronte diante dos heróes que por feitos em 1654 nos abriram caminho á conquista de novas liberdades.

DIALOGO QUINTO

Bran.—Não quero que me agradeçaes o haver vindo a este posto mais cedo do que costumava; porque quiz nisto fazer força á minha vontade, o que é tão valorosa façanha, como a que David fez em vencer o gigante.

Alv.—E de que causa nasceo fazerdes vós essa força?

Bran.—Determinava alçar-me com a menagem de não cumprir a palavra, que vos tinha dado, de vos relatar todas as grandezas do Brazil, porque, imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundancia dos fructos, como por elles se faziam os moradores desta terra ricos, examinei a memoria pera decorar o que havia mais que dizer, e achei que fôra o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais difficultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos pera haver de tratar; porque se me representam tantas aves de diversas calidades, tantos incognitos pescados, differentes na natureza e fórma, desconhecidos no mundo, tantas silvestres feras, extranhas nas figuras e inclinações, que requeriam grandes volumes pera se haver de tratar de todas ellas. Estas cousas me faziam grande carranca pera me haver de retirar do promettido; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrazei-me a passar avante, com descorrer por aquellas cousas que os elementos que rodeam a terra do Brazil encerram dentro em si, sem tratar do mais alevantado do fogo, porque de todo o tenho por esteril, que a salamandra, que se diz cri-

ar-se nelle, entendo ser fabulosa; (1) porque, quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brazil, que sempre ardem em fogo vivo, se deveram de achar. E como o seu consorte mais vizinho é o ar, quero começar por elle, o que pretendo que será tratar das aves, assim domesticas, como agrestes, que se acham por todo este terreno. As domesticas são innumeraveis gallinhas, das quaes são algumas maiores das ordinarias; muitos e bons gallipabos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto pera a criação delles; pombas, patos e adens de excellente comer, e estas são as aves, que neste Brazil se criam em casa, as quaes abundam com grande multidão de ovos.

ALV.—Pois em que parte do mundo se poderão achar, pera effeito de se criarem á mão, mais dessas que tendes nomeadas? Ao menos eu nunca as vi em Hespanha, posto que das agrestes achamse muitas de differentes castas e muita estima.

BRAN.—Neste particular lhe sobrepuja summamente toda esta provincia, que, se me derdes attenção, e a mim me occorrer á memoria o nome e natureza dellas, vos causará espanto; posto que, por muito que diga, sempre deve de ficar curto.

ALV.— Dou-vos minha palavra de não distrair o pensamento em outra cousa senão em vos escutar.

BRAN.—Além das aves domesticas, de que tenho feito menção, se acham pelos bosques e campos grande multidão de *jacús*, que são como gallinhas silvestres, de tanta estima, que lhe não fazem ventagem as mesmas gallinhas, posto que sejam muito gordas; e outra ave, chamada *aquaham*, da mesma maneira, e não de menos estima; ou-

---

(1) Lêa-se: ...sem tratar do mais alevantado *delles, que é o fogo*, porque de todo o tenho por esteril, *poisque* a salamandra, que se diz criar-se nelle, entendo ser fabulosa.

N. do R.

tras a que chamam *mutús*, que são do tamanho de um grande gallipabo, não menos prezados que elles ; *jaburú* que é muito maior que um pavão, bastante pela sua grandeza a abundar meia duzia de companheiros, posto que famintos, com ser carne assaz saborosa. Outra ave a que chamam *uruis*, que não desmerece o nome de boa ; *inhapupé*, semelhantes ás perdizes de nossa Hespanha e não sei se me alargue a dizer que são melhores ; *inhambu* (1), tambem como as mesmas perdizes. E do seu tamanho *nambús*, não maiores que as codornizes, as quaes não invejam em bondade, gôsto e sabor aos tão estimados faisões da Europa. Rolas sem conta, assaz gordas, que a pouco trabalho se tomam ; da mesma maneira codornizes e pombas torcazes. Em todas estas aves agrestes se faz preza á custa de pouco trabalho ; e assim ficam servindo, case como as domesticas, aos moradores da terra.

ALV.—E que modo se tem na caça dellas ?

BRAN.—Tomam-se com armadilhas e laços, e tambem á espingarda e frecha ; porque neste Brazil não se uza de caça das aves, como em Portugal, por não se quererem os homens dar a isso. Acham-se tambem pelos campos uns passaros, a que chamam *amuns*, de uma calidade estranha, que, além do seu canto semelhar a chôro, não tem nenhum modo de sangue, nem nunca se lhe achou, e são de uma côr preta tristonha.

ALV.—Nova cousa é pera mim a natureza desse passaro ; porque nunca ouvi dizer de outro que carecesse totalmente de sangue.

BRAN.—Pois assim passa, que estes passaros o não tem. *Hyendayas* são outros passaros que se criam no sertão ; e, ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem ás fraldas do mar pera se aproveitarem do cevo del-

---

(1) Escripto assim ; riscado e emendado para—*inambuuasú*.

N. do R.

las, e nisto são tão importunas que custa muito trabalho o defendel-as delles; porque não basta grandes gritos nem estrondos de bacias, nem o matarem-nas ás pancadas, pera se desviarem das milharadas; em tanto que já vi alguns homens postos em affronta com ellas.

ALV.—Desse modo deviam de ser as harpias.

BRAN.—Si tiveram o rosto da feição que os poetas as pintam, não duvidára que eram as proprias. Outro passaro se acha, chamado *sabiá*, da feição do *melro* (1) de Hespanha, e antes cuido que é o proprio, porque cantam como elles, sem lhes faltar mais que um dobrete; *roxinoes*, posto que não tão musicos como os da nossa terra, por carecerem daquelle doce dobrar e requebros, que os outros têm, porque todos os passaros do Brazil são faltos de semelhante suavidade; *cujujuba* é um passaro pequeno e de bico revolto, o qual, em se vendo preso, cerra voluntariamente o sesso, sem fazer mais por elle purgação até morrer.

ALV.—Tambem morrerá de não comer, que, pois sente tanto a prisão, deve de fugir disso.

BRAN.—Parece que quer escolher antes semelhante maneira de morrer, porque se sabe delle que não deixa de comer; *macugagá* é uma ave que dá grandes e continuos brados, repetindo muitas vezes este seu proprio nome; *tucano*, ave fermosissima, emplumada de varias côres, de sorte que alegra a vista a contemplação dellas; *canidés* se chama a um passaro, que, com ser pequeno de corpo, tem o rabo muito comprido. *Apeçu* (?) é ave que tem quatro esporões, a modo dos de gallo; *gurainheté*, passaro de pennas amarellas e pretas; *garateuma*, ave de côr loura, fermosissima; *anacans*, de feição de papagaio, mas não são da mesma especie. Outro passaro chamado pelo nome da terra *guraingaetá*, cuja estranha ca-

---

(1) Diz por cima em outra letra—tordo.

N. do R.

lidade quero deixar em silencio, por me não alargar em referil-a.

ALV.—Antes vos peço que me digaes tudo o que souberdes a respeito.

BRAN.—Este passaro tem tão grande amor aos filhos, que, pera os não furtarem, vae lavrar o seu ninho de ordinario a par de alguma toca, aonde as abelhas lavram mel, as quaes, por esta maneira, lhe ficam servindo de guardas dos filhos; porque, como todos arreceiam de se avizinhar a ellas, temendo o seu aspero aguilhão, ficam os filhos livres de perigo; aos quaes mostram tanto amor, que, pera effeito de os sustentar, se vão lançar por entre alguns bichos, que se lhe apegam nas carnes, sem arreceiarem que lh'a comam, havendo por cousa suave padecerem as dores que elles lhe causam a troco de terem, por esta via, a sustentação certa pera os filhos, a que os dão a comer, quando têm fome, e só pera isso, os trazem tanto á mão; e estes passaros são emplumados de varias côres.

ALV.—Não se escreve mais dos pelicanos pera encarecimento do amor que tem aos filhos.

BRAN.—Tambem ha outros passaros, aos quaes chamamos *pica-páo*, por dar uns golpes com o bico nos troncos das arvores, tão grandes, que toda a pessoa que os ouvir, si ignorar a calidade do passaro, julgará sem duvida ser machado, com que se corta madeira. Outra ave povoa os campos desta terra, de bellissimas pennas, chamada *tamatianguassú*, a qual voa sempre muito por alto, por onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. E da mesma maneira ha outra que lhe não é inferior na fermosura da plumagem, chamada *euriquaqua*, um passarinho, que com não ser maior de um ovo, tem o bico de mais de meio palmo de comprido, ao qual dão por nome *arassari*. Outra ave, chamada *migua*, semelhante a pato. *Girubas* são uns passaros, que criam por barrocas, que têm as pennas de verde côr de mar; e da mes-

ma maneira outra chamada *pirarigua*. Os dias passados me trouxeram a amostrar um passaro, que me disseram chamar-se *japú*, de uma côr amarella, digna de estimar. *Guirejuúba* são umas aves azues, assaz prezadas da gente da terra; e assim outra ave chamada *tiquarem*, e outra de côr vermelha, chamada *guaxa*. Tambem ha outra sorte de passaros, cujo canto forma o choro de uma criança, que tem por nome *cunhatainape*. *Tucanossú* é outra sorte de ave, que tem o bico do tamanho de um palmo, com o corpo não ser grande; e outro passaro a que chamam *taraba*. E entre estes se acham as *arveloas* e *andorinhas* do nosso Portugal.

ALV.—As andorinhas tenho eu por africanas, e que de lá se passam pelo verão á Hespanha a fazer seus ninhos; e maravilho-mo darem-se desta parte.

BRAN.—Sim, dão em muita cantidade. Outra ave, por nome *peitica*, a qual é tão molesta e agorenta pera o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra. Tambem se acham grandissimas *emas*, das quaes tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, posto que tenho visto muitas. Estas *emas*, quando correm, abaixam uma aza, e a outra dão ao vento, cruzando-a a modo de vela latina, e assim correm mais que um cavallo; da mesma casta ha outras a que chamam *siriemas*, as quaes se ajudam dos pés e azas pera o correr, com o que ficam sendo velosissimas, sem nunca se alevantarem da terra.

ALV.—Em Africa se acham muitas, e a mesma calidade ouvi já relatar dellas.

BRAN.—De *papagaios* ha innumeravel cantidade, que andam em bandos, como as pombas o fazem na nossa terra, com fazerem por onde passam grande gralhada, e são bons pera se comerem;

e destes ha differentes castas, como são os que chamam *papagaios reaes*, conhecidos pelos encontros das azas, que tem vermelhas, e são os mais estimados pera se ensinarem a fallar. Outra casta, a que chamam *coriquas*, que, ainda que não são tão fermosos, quando dão em fallar, o fazem muito bem. Outros, que se tem por estrangeiros, chamados *cyia*. E da mesma maneira *araras*, grandes e fermosas, que tambem fallam, quando são ensinadas. E outra especie, case desta mesma calidade, a que dão o nome de *toins*, de pequeno corpo e mui lindos, que explicam arrezoadamente tudo o que lhes ensinam; e destes taes os mais estimados são os que se chamam *quaiquaiais*, de pennas pardas, pretas e verdes.

ALV.—Tenho visto em Portugal alguns papagaios, que se levaram de cá, de côres differentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas á mão.

BRAN.—Assim o são; porque, pera se haver de dar essas côres aos taes papagaios, os despem das pennas, e na carne, que ao tirar dellas lhe fica envolta em sangue, lhe accommodam, pelas partes que querem, certas pelles de rans, que tem propriedade de lhes communicar as taes côres.

ALV.—Folgo de saber isso; porque entendia que erão naturaes, com vos affirmar que me tendes maravilhado com tantas sortes de passaros e aves, quantas me tendes nomeadas, de tão varias e estranhas calidades, do que infiro que em nenhuma das partes do mundo se poderão achar mais copia d'ellas, e é muito poder-vos alembrar os seus nomes com serem tão arrevesados.

BRAN.—Pois ainda me ficam outras tantas por nomear, por me não ser possivel fazer conserva na memoria de tanta diversidade d'ellas, que ainda não tratei das muitas sortes de aves de volataria, que se acham nesta terra; as aves são todas de tanta bondade, que as melhores, criadas em Irlanda, não poderão ter nunca com ellas compa-

ração. A de mais estima destas aves é uma sorte dellas a que chamão *garata urana* que, como a rei lhe criou a natureza corôa na cabeça, caze ao modo de crista de galo, que entre todas as aves de volataria póde levar o preço em ligeireza e agilidade, que tem para caçar; e porque pelo pouco venhaes em conhecimento do muito, vos quero contar o caso que vi succeder a uma ave d'estas. Um homem assaz nobre, capitão-mór por Sua Magestade de uma das capitanias do Estado, tinha um passaro destes já domestico, que criava em casa, o qual, alevantando-se acaso da alcandora, se foi pôr sobre um monte de pedras que estavam juntas d'alli perto; ouve vista d'elle um grande gato e, cuidando que tinha a presa certa, se foi chegando pera o passaro mui alapardado com tenção de o atropellar e levar nas unhas; mas elle, tanto que sentio vir o gato, alevantou uma perna, ficando sobre a outra; e ambos estiveram assim por um pequeno espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; e até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião, e desta sorte engarrafou nelle com as unhas, que, a pouco espaço abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quizerão acudir, já o estava.

ALV. - Cousa estranha é essa pela fereza desse animal e forças de que é dotado

BRAN.—Pois ainda vos direi mais que dalli a poucos dias trouxeram de presente ao senhor da casa um leitão arrezoadamente grande, o qual, soltando-se nella, deu o gavião sobre elle, e em breve espaço lh'o tiraram das unhas morto.

ALV.—Não deve ser de pequena bondade o passaro que a tanto se arroja, e folgára de saber de que modo se caça com elle nesta terra.

BRAN.—Não se aproveitam destas aves pera caça, e em parte tem desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos, e não é possivel poderem-se soltar sem se

perderem. Afóra os desta casta, ha outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que especie seja, tambem mui agil pera caça, mas não tão grande, como os de que fiz menção, de que um dos taes se chama *piron*, e outro *ganbia piruéra*, e outra casta a que chamão *eixua*, e outra semelhante, que tem por nome *taguató*, e outros *quaráquará*, e tambem *guaquaque;* e do mesmo modo *jaquereta*, o qual é assaz feio na composição. E, entre estes todos, ha uma casta chamada *tuinda*, que caça de dia e de noite. Todos estes passaros, que tenho nomeado, são de bico revolto e de unha retorcida.

ALV.—Muitas mais aves de volataria ha logo nesta terra do que em Irlanda nem em outra parte do mundo.

BRAN.—Todas as que tenho nomeado são excellentes pera o uso da caça; porque levam na unha qualquer gallinha, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem. Outros passaros ha que não se mostram senão ao pôr do sol, já case noite, em grandes bandos, e não pequena gralheada, a que chamam—*burahú*. E eu os comparo aos aivões da nossa terra. *Kacum* se chama uma ave, que nunca dorme, e faz da noite dia.

ALV.—Acham se desta parte por ventura aves nocturnas?

BRAN.—Sim; porque ha dessa casta todas as que se conhecem em Portugal, e ainda outras que nunca lá se viram; e tambem ha buitres (abutres), que cá se conhecem com o nome de urubú, maiores que os de Europa. Demais das aves de que tenho tratado, ha infinidade de outras, que se sustentam de pescados, e pastam sobre os rios e alagôas, todas de maravilhoso gosto no comer, como são patas e adens fermosissimas, e outra sorte desta calidade, a que chamam *Airires*, *patoris*, *masaricos*, *sericos*, *colhereiras* vermelhas e brancas, que dão maravilhosas plumagens. Outra sor-

te, a que chamam *caram*, a modo de maçaricos; *gaquara*, que é uma ave, que não pesca senão de noite; *gararuna*, que de ordinario mora dentro das aguas. De todas estas aves se acham grande cantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade á espinguarda, frecha, e outros modos, que pera isso buscam. E com isto confesso que tenho esgotado a memoria de tudo o que tinha conservado nella pera haver de dizer acerca das aves, com me ficarem outras muitas, que me não vieram á noticia

ALV.—Tendes dito tantas d'ellas, que me maravilha haverdes lhe podido recitar os nomes e propriedades, como tendes feito; e assim, conforme ao promettido, parece me que vos fica agora obrigação de vos passar a tratar dos pescados, que são os habitantes do terceiro elemento das aguas, conforme a ordem que dissestes tinheis determinado de levar enfiada vossa pratica.

BRAN.- Já que me quereis obrigar pela palavra, antes de me metter por ellas, não quero deixar de vos dizer uma couza de muita consideração, de que não tenho feito menção, que não é das que menos podem fermozentar o elemento aereo, a qual é que, nos annos seccos, costuma nestas partes a descer do sertão innumeraveis borboletas de diversas cores, que case occupam e enchem com a sua multidão o concavo do ar mais baixo; as quaes todas levam direitamente o seu caminho enfiadas com o norte, sem, por nenhum caso, se desviar d'aquelle rumo; de maneira que nunca vi ferro tocado na pedra iman que tão direito se inclinasse ao norte; e em tanto succede isto assim, que si acaso, pelo caminho por onde vão passando, encontram com algum grande fogo, antes se contentam de alevantar no alto, pera haverem de passar por cima delle, com levarem o seu rumo direito, do que desviarem-se pera uma das partes, que lhes foram mais faceis; com esta ordem vão correndo sempre, em igual multidão, por espaço de

doze e quinze dias até passarem, dando remate a sua jornada com se afogarem nas aguas do mar.

Alv.—Cousa estranha é essa e assaz digna de consideração, e creio que deve de haver causa que obrigue a essas avezinhas a buscarem direitamente o norte.

Bran.—Assim o tenho pera mim; mas não me quero cansar em a especular, por não vir a me lançar em algum rio, como Aristoteles, e antes me contento de dar principio ao que tenho pera dizer dos pescados que habitam no terceiro elemento das aguas; dos quaes é bem que demos o primeiro logar ao regalado *vejupirá*, porque creio delle que, entre os demais peixes de posta, póde levar a palma a todos em bondade, e que lhe fica muito inferior o prezado *solho* da nossa Hespanha; *carapitanga*, outra sorte de pescado medianamente grande, muito gostoso; *cavalas*, das quaes todas as que se tomam neste estado são excellentes. O peixe chamado *serra*, tão prezado na India Oriental; *camoropim*, pescado grande e de bom comer, cujas escamas são do tamanho de um meio quarto de papel, aos quaes vi fazer uma cousa extranha, na qual me mostraram claramente haver tambem amor entre estes mudos nadadores.

Alv.—E que é o que lhe vistes fazer pera conjecturardes que havia nelles amor?

Bran.—Em uma tapagem, que estava feita em certo rio, pera pescarem nella (a que nesta terra chamam gamboa), se chegaram dous peixes de semelhante especie, dos quaes entrou um pera dentro, ficando o companheiro de fora; o que entrára, tapando-se-lhe a porta, ficou preso, e, com a vasante da maré, foi tomado e morto. O companheiro, ou pera melhor dizer consorte, que tal devia de ser, que ficára de fóra, esteve esperando por elle todo o tempo que a maré lhe deu lugar pera o poder fazer, mas tanto que as aguas foram faltando, por não ficar em secco, se desviou daquella parte, e se foi, com dar primeiro algumas panca-

das grandes com o rabo sobre as aguas, case querendo mostrar com ellas o sentimento que levava, e despois tornou a continuar a mesma paragem por espaço de seis ou oito dias, sempre ao tempo que a maré enchia, como que vinha buscar o companheiro no logar onde o perdera, e alli dava as mesmas pancadas na fórma das de primeiro.

ALV.—Não é pequeno argumento esse pera se provar que em toda a cousa vivente se póde achar amor, posto que em uns em mais cantidade, e em outros em menos.

BRAN.—Pois assim passa, como vol-o tenho referido. Tambem se pescam muitos *dourados, meros, moreas, pescadas, tainhas, cações, albacóras, bonitos, lavradores, peixe espada, peixe agulha, xeréos, salmonetes, sardinhas*; todas estas sortes de pescados são gordos e gostosos pera se comer.

ALV.—Os mesmos se acham em Portugal.

BRAN.—Pois aqui os ha em mais cantidade; e, antes de passar mais avante, vos quero dizer da extranheza de um peixe, si assim se deve chamar, o qual é conhecido por *peixe boi*, nome que lhe foi posto por se semelhar no rosto case com o mesmo animal, posto que é maior dous tantos, não em ser alevantado, mas na largura e compridão; porque, em alguns desta especie, se acha mais pezo do que tem dous bois. Este pescado se toma e pesca ás farpoadas pelos rios aonde desembocam os d'agua doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vacca, sem haver nenhuma differença de uma cousa a outra, em tanto que, si misturarem ambas as carnes em uma panella, difficultosamente se conhecerá a uma da outra; e por este respeito se come este pescado cozido com couves, e se faz delle picados e almondegas, com aproveitar pera tudo o de que se usa da carne de vacca, e algumas pessoas a dei eu já a comer e lhes não disse o que era, e ficaram entendendo que comiam carne de vacca.

ALV.—Pois não deixára eu de ter muito escru-

pulo, si nos dias de peixe uzasse desse pescado; porque entendêra que comia carne.

Bran.—Esse mesmo houve já nesta terra, e foi questão assaz altercada; mas determinou-se por theologos que era realmente peixe, e que por tal devia de ser recebido geralmente, visto ter o semelhante peixe a sua habitação sempre nas aguas, e não sair nunca a pastar fôra dellas. *Ubarana* é bom pescado; e da mesma maneira outro chamado *guibicuarassú*. *Camorim* é um peixe pequeno, a que chamam peixe pedra, por ter outra dentro na cabeça em lugar de miolos; e por muito sadio é assaz estimado pera doentes, com se pescarem em grande cantidade.

Alv.—Nunca ouvi dizer de fera, ave, nem peixe, que tivesse dentro na cabeça pedra em vez de miolo.

Bran.—Pois estes peixinhos a tem, como vos tenho dito. *Corimã* é pescado de feição de tainhas, mas maiores e mais gordas; *carapeva* é peixe estimado por gordo, o qual se acha no mar e tambem nos rios d'agua doce; *curamatã* é reputado por savel de Portugal, porque são da propria feição, e tem tantas espinhas como elle; *piranha* é pescado pouco maior de palmo, mas de tão grande animo que excedem em ser carniceiros aos tubarões, dos quaes, com haver muitos desta parte, não são tão arriscados como estas *piranhas*, que devem de ter uma inclinação leonina, e não se acham senão em rios d'agua doce: tem sete ordens de dentes, tão agudos e cortadores, que póde mui bem cada um delles fazer officio de navalha e lanceta, e tanto que estes peixes sentem qualquer pessoa dentro n'agua, se enviam a ellas, como fera brava, e a parte aonde a ferram levam na bocca sem resistencia, com deixarem o osso descoberto de carne, e por onde mais frequentam de aferrar é pelos testiculos, que logo os cortam, e levam juntamente com a natura, e muitos indios se

acham por este respeito faltos de semelhantes membros.

Alv.—Dou-vos minha palavra que não haverá já cousa na vida que me faça metter nos rios desta terra ; porque, ainda que não tenham mais de um palmo d'agua, imaginarei que já são essas piranhas commigo, e que me desarmam da cousa que mais estimo.

Bran.—Bem podeis entrar por todos os rios sem receio, que nem em todo se acham estas *piranhas*, antes somente ouvi dizer que as havia no rio de S. Francisco, e no de Una, e outros semelhantes, que são bem conhecidos, e se sabe criarem-se nelles *piranhas*, as quaes são boas de comer, e se pescam ao anzol, posto que primeiro se perdem muitos, porque os cortam com os dentes. Ha outra casta de pescado, que chamam *peixe gallo*, por ter o espinhaço muito alevantado. *Salé* é de outra casta e tambem assaz bom ; *soassú* é peixe que tem grandes olhos, gostosissimo de comer ; *saúna* que é a modo de mugéns ; *mandeu*, da feição de solhos; *roncadores*, *corcovados*, e *baiacús*, cuja propriedade extranha em ser peçonhento causa espanto.

Alv.—E de que modo tem essa peçonha ?

Bran.—Este pescado, além de não ser muito grande, semelha a sapo e o fel delle é tão finissima peçonha, que toda a pessoa, que o come ou cousa que fosse tocada nelle, não póde escapar de perder a vida, por ser o mais refinado veneno de todos quantos se acham no Brazil ; e, com tudo, quando se tira o fel a este pescado, de maneira que se não quebre, nem se espalhe, tocando por algumas partes do corpo, se come a carne do pescado assada ou cosida, sem nenhum impedimento.

Alv.—Não o houvera eu de comer de nenhuma maneira, porque sempre cuidára que levava do fel.

Bran.—Pois ainda tem este peixe outra propriedade, a qual é que, despois de estar morto, se lhe esfregam a barriga, vae logo inchando como

sapo. *Tamoatés* são outros que se armam, e despois que o estão, as suas escamas parecem laminas; *arares* se armam tambem da mesma sorte, e tem a cabeça maior que o corpo; *jacundã* é peixe d'agua doce, excellente pera se dar a comer a doentes; *piabas* e *saras* possuem a mesma propriedade; *tararira* é pescado de muitas espinhas, que cria dentro na cabeça uns bichos. Tambem ha muitas *tartarugas*, que, com ser peixe maritimo, vem a desovar na terra, e nella, de ovos que põem, tiram seus filhos.

ALV.—Com já haver muitas vezes ouvido tratar dessas tartarugas, nunca me disseram dellas essa propriedade.

BRAN.—Pois passa na fórma que tenho dito. Tambem se acham muitos camarões, assim no mar, como pelas alagoas em terra, de extranha grandeza, e da mesma maneira cagados.

ALV.—Não passeis mais avante; porque tendes tratado de tantas castas de pescado, de differentes calidades e naturezas, que faz confusão o considerar nos modos delles.

BRAN.—Pois vos poderei dizer que a terra deste Brazil é tão caroavel de produzir pescados, que nos campos por onde nunca os ouve, quando pelo inverno se formam nelles alagoas, logo se acham nellas uns peixes, a que chamam *mussús*, semelhantes a inguas, e cantidade grande de camarões; de modo que todas as pessoas que vivem pelo sertão se sustentam delles, com mandarem metter de noite uns covos, com algum cevo dentro, pelas taes partes, e de madrugada os mandam tirar cheios de semelhantes pescados.

ALV.—Si com tanta facilidade se tomam, não devem de padecer os moradores desta terra falta delle.

BRAN.—Dos semelhantes que se tomam em covos ha muita copia.

ALV.—E de que modo se pesca o demais peixe nesta terra?

BRAN.—Com redes e trasmalhos, e em certas tapagens, que se fazem por alguns esteiros, aonde com a crescente da maré entra muito peixe, e, despois de estar dentro, lhe tapam a porta, e, como as aguas fallecem, ficam case em secco, e os tomam sem trabalho; mas a principal pescaria, de que se aproveitam os demais moradores deste estado, é a que mandam fazer por negros em jangadas, os quaes nellas saem fóra ao mar alto, aonde ao anzol pescam peixes grandes e fermosos, com os quaes se tornam a recolher ao pôr do sol, e desta sorte se toma muito pescado.

ALV.—E porque não se aproveitam de ir pescar no alto em barcos, como fazem as chinchas do nosso Portugal?

BRAN.—Porque não está em uso; e algumas pessoas, que o começaram a fazer, desistiram logo disso. Tambem se criam, pelas alagoas e rios, um animal a que chamam *capivara*, os quaes vivem nas aguas, e pastam sobre a terra, semelhantes á lontra na natureza, mas não nas feições, o qual é bom pera se comer.

ALV.—E esse animal é reputado por peixe ou por carne?

BRAN.—Por carne se reputa, porque a tem elle muito boa e gostosa; além de que, conforme rezam, era bem que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve de ter respeito pera semelhantes duvidas. Além destas *capivá-ras*, se acham tambem pelos mesmos rios e alagoas uns lagartos grandissimos, a que os naturaes da terra chamam *jacaré*, mas não tão carniceiros como os da India. Estes lagartos põem ovos ao modo dos de pato, mas não são redondos, porque são algum tanto chatos, os quaes tem em choco dentro na agua, somente com olharem pera elles, porque a sua vista é bastante pera produzir nelles os filhos, como as aves o fazem com o calor das pennas; e ao tempo nascem delles lagartinhos.

Alv.—Isso parece historia, a que se não póde dar credito.

Bran.—Pois não o tenhaes por cousa fabulosa, porque a mim me trouxeram uns ovos destes, que se acharam dentro na agua, e, quebrados, sairam de cada um dous lagartinhos já vivos, que se meneavam de uma parte pera a outra. E com isto me haveis por escuso de tratar mais dos pescados, dando-me licença pera que me passe aos mariscos, que ha muitos e diversos nesta provincia

Alv.—Não vos vi tratar das baleias, que de força deve de haver muitas, pelo ambar que lançam na terra.

Bran.—Sim, ha; porque nesta costa se acham muitas e mui grandes, principalmente no verão, e dellas saem algumas á costa, de que se faz azeite de peixe; e na Bahia matam muitas ás farpoadas alguns biscainhos, de que fazem o mesmo azeite, por ser cousa que tomaram por officio. Mas o cuidardes que as baleias lançam o ambar na terra, é engano manifesto; porque não ha tal, que a causa de vir á terra não é outra senão que essas mesmas baleias e outros grandes pescados o vão buscar pera o comerem no profundo das aguas maritimas, aonde nasce em grandes arrecifes, e, com a força que fazem pera o espedaçarem, se quebram alguns pedaços, uns grandes, e outros mais pequenos, que despois o mar lança á costa, aonde se acham; posto que ha poucos dias que me certificaram uma cousa, que succedeu nos limites do Rio Grande, assaz verdadeira, a qual desbarata tudo o que acima digo, acerca da criação do ambar.

Alv.—Pois não me tenhaes isso em segredo.

Bran.—Affirmaram-me dous homens dignos de fé e credito pelo haverem visto com o olho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma capitania, por nome Diogo de Almeida, condestable da fortaleza, achára nella um páo do comprimento de um braço e case da mesma grossura, que o mar lançára á costa, o qual ti-

nha dous esgalhos de rama na ponta, um delles já quebrado, e outro inteiro, que tinha algumas folhas já seccas, que semelhavam as de assipréste (cypreste?) e por este páo vinha pegado ao modo que o faz a rezina pelas arvores, tres ou quatro onças de ambar-gris, muito bom, que parece que no fundo das aguas se criam tambem arvores, da sorte daquelle páo, que dão o ambar por rezina. E se assim é, enganaram-se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram no alvo os que queriam que fosse rezina; porque o páo achado dá disso bastante prova. E porque o haver-se achado este páo não é cousa em que possa haver duvida, faço volta a tratar dos mariscos, dos quaes os primeiros quero que sejam cantidade grande de polvos, lagostins e lagartos, que se tomam pelos arrecifes nas conjuncções das aguas vivas, quando a maré está já descoberta de todo.

Alv.—E de que modo os tomam a tal tempo?

Bran.—Tomam-os de noite com fachos accesos, donde o tal marisco, espantado da luz delles, se deixa tomar sem fugir. Tambem ha somma grande de *perseves*, e outro marisco, a que chamam *lapas*, *caramujos*, e ostras, das quaes se acha tão grande multidão, que case ficam servindo de ordinario mantimento aos moradores desta terra, principalmente aos que vivem chegados ao mar. E destas ostras vi já algumas tamanhas, e não o digo por encarecimento, que era necessario ser partido o seu miolo ás talhadas com faca, pera se haver de comer. Dão-se pelos rios salgados, nas margens dos mesmos rios, e pelos pés, ramos e troncos de uma arvore, a que chamam *mangue*, de que já tenho tratado.

Alv.—Acham-se por ventura, nas taes ostras, perolas ou aljofares, como se acham nas que se pescam na costa das Indias?

Bran.—Não creio que sejam est'outras, de que trato, dessa calidade; porque as ostras, de que se tiram as perolas nas Indias, se pescam no mar

alto, e as de cá se tomam pelos rios; posto que em algumas, despois de assadas ao fogo, se acham algumas perolas, que já vêm desbaratadas delle, mas isto raramente, e eu tenho em casa uma destas que vos darei.

ALV.—Folgarei com ella pera a amostrar no reino, e poder dizer que no Brazil tambem achamse perolas.

BRAN.- Da mesma maneira ha muitas *amejoas*, e outro marisco a que chamam *sapimiaga*, e sobre tudo um de calidade extranha, a que dão nome de *sernambim*.

ALV.—Que calidade é a desse marisco?

BRAN.—Differente da que tem todos os mais, porque se acha nelle sangue, na forma que o tem os pescados, sem embargo de estar encerrado dentro na sua concha, cousa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo o que mais espanta é que, nas conjuncções das luas, lhe acode o menstro, como costuma a vir ás mulheres.

ALV.—Não ousarei eu contar isso em Portugal, porque me não darão credito.

BRAN.—Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato todos os moradores deste estado; porque o não preguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não asselle o que tenho dito por verdadeiro.

ALV. Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas.

BRAN.—Ninguem vos póde obrigar a que creaes senão o que quizerdes; mas no que digo não ha duvida. Acham se tambem na terra differentes castas de cangrejos, que são verdadeiro sustento dos pobres, que vivem nella e dos indios, naturaes e escravos de Guiné, pela muita abundancia que ha delles, e pouco trabalho que dão em se deixarem tomar; ha uma casta dos taes, a que chamam *ussá*, e outra *sery*, e tambem *goajá*, e da mesma maneira *guoazaranha*. *Aratú* é outra casta delles, que se tem por contra peçonha, posto que eu o

não experimentei. Tambem se acham uns de outra calidade, a que chamam *garaussá*; e sobre tudo os *guanhamús*, cuja natureza causa espanto.

Alv.—Pois não m'a deixeis encoberta.

Bran.—Esta sorte de cangrejo faz sua habitação em terra, ao longo dos rios salgados, por covas e lapas, que nella fazem com tirarem a terra pera fóra, pera lhes ficar despejado o lugar de baixo, ao modo que as formigas fazem os seus formigueiros, e d'alli se sustentam com as hervas e fructos, que se produzem na terra, porque, ainda entre as sementeiras cultivadas, fazem a sua morada, com lhes fazerem assaz damno. Estes taes se tomam, tirados das covas e por fóra dellas, com serem de maravilhoso comer, e criarem dentro em si grandes e fermosos coraes; e, o que mais espanta, é que, com as primeiras aguas, que costuma a chover por estas partes pelo mez de Janeiro ou Fevereiro, saem de suas furnas em grandes esquadrões, d'onde se espalham pelo sertão case uma legua, occupando os campos, aonde nunca chegou o salgado, nem sombra delle. E por os taes se tornam innumeraveis, e ainda se irem elles, de por si, a metter pelas casas das pessoas, que por aquellas partes moram, com serem os que se tomam por esta maneira os mais gordos e gostosos pera se comerem. E dizem os naturaes, quando se acham estes cangrejos por esta maneira, que andam ao *atá*, que soa tanto como andarem lascivos.

Alv.—Maravilhosas cousas me ides dizendo, as quaes, si houveram chegado á noticia dos antigos, creio que houveram composto sobre ellas grandes volumes, das quaes nós não fazemos caso, como se não foram dignas de muita consideração.

Bran.—Isso é por respeito de já serem entre nós muito sabidas e usadas, e de tudo o que se trata desta maneira não causa espanto; mas, porque tenho ainda muito que dizer das feras agrestes e domesticas, será bem que deixemos o mar, e

ponhamos a proa em terra, que é o quarto elemento, de que ainda não tratamos a respeito das feras.

ALV.—Assim vos peço que o façaes.

BRAN.—Não me envergonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei summamente de furtar o corpo por me não metter no labyrinto de haver de tratar das varias castas, differentes naturezas, extranhas feições, arrevesados nomes das feras agrestes e domesticas, de que é povoado todo este grande terreno braziliense; mas a obrigação da palavra, que vos tenho dado, me faz atropellar por tudo com accommetter a jornada, o que farei com entenderdes que não póde a memoria capacitar, nem o engenho destinguir, o muito que havia pera dizer sobre semelhante materia, da qual vos affirmo dante mão que, por muito que diga, me ha de ficar os dous terços por dizer; e com este presupposto quero dar principio ao que já tenho entre as mãos. Começarei pela neptunino, ligeiro e bellicoso cavallo, dos quaes, posto que ha muitos, abundara innumeravel cantidade estes campos americanos, em tanto que nos de Buenos-Aires se não criara tanta copia delles, mas tem crueis inimigos, que os perseguem com lhes tirarem a vida; os quaes são os escravos de Guiné, que os matam sem reparo, pera os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrebarias, onde estão, pera o mesmo effeito. E deixando isto de parte, digo que os cavallos desta terra são grandes soffredores de trabalho, com andarem desferrados; porque, ou seja por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não tem necessidade de ferraduras; e succede de ordinario a um cavallo destes correr-se nelle, em uma tarde, canas, argolinha e pato (páreo ?), acompanhado tudo de muitas carreiras, e ás vezes continuam neste exercicio tres e quatro dias a reo (a fio ?), com terem pera tudo alento, e os

acharem tão inteiros no principio como no cabo; sendo assim que um só exercicio destes bastára pera aguar vinte cavallos dos de Hespanha, e estes têm alento pera tudo, com comerem mal, porque o seu mais ordinario mantimento é herva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhe dá um pouco de milho, por quanto não se acha todas as vezes que se busca.

ALV.—E quanto val um cavallo desses?

BRAN.—Alguns, que eram summamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos; mas, quando no cavallo se acham as partes de ginete, sem manha má, sempre val ao redor de duzentos cruzados.

ALV.—São de tanta dura os cavallos nesta terra como em Portugal?

BRAN.—Sim, são, e ainda mais; porque aqui não se enxerga em um cavallo ser velho, a respeito que tão agil está pera todo trabalho o de quinze e dezeseis annos, como o de quatro.

ALV.—Dão-se tambem destas bandas bestas muares?

BRAN.—Sim, dão, mas não as ha.

ALV.—Não vos entendo esse modo de fallar.

BRAN.—Pois declarar-me-hei mais. Digo que se dão, porque de alguns asnos cavallares, que se mandaram vir do Reino, se produziram maravilhosos machos e mulas; mas, ellas mortas, seccou a geração delles, sem haver quem se quizesse cançar em mandar buscar outros, ou ao menos um asno e asna, pera que se produzissem dos semelhantes na terra: e por isso disse que se davam bem as bestas muares, mas que as não havia.

ALV.—Agora vos tendes declarado.

BRAN.—Tambem ha nesta terra cantidade grande de gado vaccum, todo de muitas carnes e gordura, excellente pera se comerem, que dão infinidade de leite, do qual não se sabem ou querem aproveitar, e a maior utilidade que do tal gado tiram, são os novilhos, de que se fazem bois man-

sos pera serviço dos engenhos e das lavouras, com ser das melhores fazendas que ha na terra. E conhecia eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vaccum, dividido por curraes, dos quaes tirava grande proveito; e outros tem menos, posto que todos pretendem ter curraes de vaccas, por ser fazenda de muita importancia.

ALV.—E por quanto se vendem cada uma vacca e novilho ?

BRAN.—A vacca, sendo boa, é estimada nestas capitanias da parte do norte em quatro e cinco mil réis, e o novilho, que serve já pera se poder metter em carro, a seis e a sete mil réis; e um boi já feito val de doze até treze mil réis. E este é o preço mais ordinario. Tambem se produzem na terra muitas ovelhas, carneiros e cabras, em tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dous carneiros, e das cabras a dous e a tres cabritos. (1)

ALV.—Isso é cousa extranha; e pois tanto multiplica o gado, de semelhante especie não deve de carecer a terra de queijos, nem de lã.

BRAN.—Antes não ha nella nenhuma cousa dessas, porque seus moradores não se querem lançar a isso; que podendo ter grande cantidade de lã de ovelhas, ainda que não fôra mais que pera enchimento de colchões, se contentam antes de comprar a que trazem do Reino, a tres e a quatro mil réis; e da mesma maneira os queijos. E passa esta negligencia tanto avante, que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor á cria delle, contentando-se cada um de criar somente o que lhe abasta pera provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha.

ALV.—Isso é uma cousa que convem não tratar della por honra do Brazil.

BRAN.—Deste gado, ovelhum e cabrum, se for-

---

(1) Segue por outra lettra: e «quatro».

N. do E.

ma tambem outra especie, da qual eu já tive e muito; a qual é uns mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que, representando a feição de ambos os paes, tomam de um uma cousa, e do outro a outra, com que se forma case outro animal differente na composição, e são excellentes pera se comerem.

ALV.—Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de semelhante mistura.

BRAN.—Pois aqui no Brazil cs ha, e tive já muitos delles, como tenho dito, pelo que não vos fique disso nenhum escrupulo. Tambem ha muitos porcos, excellentes, dos da casta do nosso Portugal, cuja carne, por se ter por muito sadia, se manda dar a doentes.

ALV.—Pois eu me achei, um dia destes passados, em casa de um enfermo, o qual, perguntando ao medico si poderia comer carne de porco, lh'a defendeu com grandes encarecimentos.

BRAN.—No principio da doença, sempre teria por acertado deixar-se de usar della, mas, no seu decurso, não se acha que houvesse feito damno a algum enfermo; posto que estes modernos medicos querem perverter isto, que sempre foi approvado pelos antigos: pode ser que o façam somente por serem reputados por scientes, sem mais outro fundamento.

ALV.—Assim o fazem muitos com notavel prejuizo dos enfermos; mas folgarei que me digaes si todo esse gado, de que tendes tratado, era natural da terra, e o acharam já nella os nossos Portuguezes, quando a vieram povoar, ou si foi mandado trazer de Hespanha.

BRAN.—Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta provincia, antes se trouxe todo pera ella de Portugal, excepto alguns cavallos e eguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes; e si quereis ouvir das naturezas e calidades das alimarias, que havia na terra natural de cá, dae-me attenção, e pó-

de ser que vos faça arcar as sobrancelhas d'espantado.

ALV.—Dizei tudo, porque me tendes disposto pera vos ouvir.

BRAN.—Acham-se, por estas partes, muitos animaes, a que chamam *anta*, do tamanho de um boi, os quaes se criam pelos campos, e se caçam á espingarda e em fojos, e tem boa carne pera se comer.

ALV.—E a pelle é como a qua nós uzamos.

BRAN.—Da mesma maneira, mas não se servem dellas, por se não disporem a cortil-as e concertal-as, e, sem nenhum beneficio, as deixam perder; tambem ha innumeravel cantidade de veados, corsas e porcos.

ALV.—E esses animaes tomam-se de modo que se costumam de caçar em Portugal?

BRAN.—Não; porque somente se matam á espingarda e á frecha, com os irem esperar aos postos aonde costumam de continuar, e tambem com armadilhas e fojos; e desta maneira se tomam grande cantidade delles, com ser carne muito boa pera se comer, semelhante a de Portugal. Os porcos são de differentes castas, como é uma a que chamam *teassu*, e outra *tahitetê*; e da mesma maneira *teasuitê*, que são os nomes por que são conhecidos os taes porcos, por serem uns maiores, e outros mais pequenos; e todos os de semelhante casta tem os embigos nas costas, differente dos que vieram de Hespanha, porque parece que assim os quiz criar a natureza..

ALV.—Cousa extranha é essa, e será dura de crer a quem della não souber muito.

BRAN.—Pois nisto não ha duvida, por ser cousa assaz sabida; e posto que estes animaes se matam á espingarda e frecha, e por armadilhas e fojos, como tenho dito, todavia ha uma casta delles, que se caça por um modo extranho; o qual é que vai o caçador á parte aonde já tem feito certo o bando delles, e alli, antes de se amostrar, escolhe

uma arvore, que lhe fique mais accommodada pera poder subir nella, quando lhe for necessario, e como a tem preparada, mostra-se ao bando dos porcos com dar alguns brados, os quaes, tanto que os sentem, arremettem a elle, como leões, pera o espedaçarem. O prevenido caçador se acolhe logo á arvore, aonde espera que o bando dos porcos chegue a elle, que incontinente o fazem, roendo-lhe as raizes e tronco, por não poderêm chegar ao que se acolheu em cima; mas o prompto caçador, como os vê envoltos naquella braveza, não faz mais que, com um agudo dardo, que leva nas mãos, picar um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lh'o vendo correr, arrematam a morder ao que está sangrado, e elle, por se defender, morde tambem aos que o perseguem; e assim se vão dessangrando uns aos outros, enganados com o cevo do sangue, que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até cairem mortos, estando a tudo isto o caçador segurissimo assentado sobre a arvore, donde com muito gosto espera o fim da contenda pera colher o despojo, o que faz de muitos porcos, que no mesmo lugar ficam mortos, os quaes faz levar pera sua casa, donde ordena delles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer.

Alv.—Aprazivel e deleitosa caça deve de ser essa, por se fazer preza de tão pouco custo; tomára eu occupar-me sempre em semelhante exercicio.

Bran.—Pois aqui não se exercitam nelle, senão os indios naturaes da propria terra. Tambem se acha cantidade grande de outro animal, a que chamam *pacas*, o qual é muito maior que lebre, listado de pardo e branco, cuja carne, por gorda, é semelhante da de porco, mas mais gostosa pera se haver de comer. *Cotia*, que é um animal pequeno, que se faz domestico, e anda pelas casas, quando o querem trazer nellas; e tambem outra

sorte dos semelhantes, a que chamam *coaty*, e assim uns como o outro são bons pera se comerem. *Tatú* é um bicho, que se vê pintado nos mappas pela sua extranheza e feição, de que é composto; porque anda armado de umas couraças, á maneira das que nós usamos, com não serem pouco fortes, e debaixo de semelhante armadura agasalham o seu pequeno corpo. E destes taes se acham muitos, que se estimam pera a meza.

Alv.—Estes dias atraz passados me amostraram um desses bichos, que me fez maravilha de ver o modo delle.

Bran.—Eu quiz levar um pera Portugal, mas não pude sair com a minha pretenção, por me morrer no mar.

Alv.—Não fôra lá pouco estimado.

Bran.—*Jaratataquáqua* (1) é animal do tamanho de um gozo, de côr parda, da mais rara e extranha natureza, de quantos o mundo tem, a qual é que se acaso, andando pastando pelo campo, fôr accommettido de alguma pessoa, que o pretenda tomar, vai fugindo della; mas, quando se vê apertado, larga, pera sua defensão, uma ventosidade, que é poderosa, com o seu ruim cheiro, de abater e lançar por terra sem accordo toda a cousa viva que o segue, quer seja homem, quer cavallo, quer cão, ou outra qualquer sorte de animal, sem nenhum reparo, e alli fica arvoado, sem dar accordo de si, por espaço de trez ou quatro horas; e, o que faz maior maravilha, é que os vestidos, sella, estribos, ou a coleira do cachorro, a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita pera nada, e se deve de entregar ao fogo pera que o consuma. E não basta ao homem, a quem isto succedeu, lavar-se uma, dez, nem vinte vezes

---

(1) Na primeira syllaba ha escripto por cima a emenda *May*, proveniente provavelmente do nome *Maitacáca*, porque tambem é designado em alguma outra provincia.

N. do E.

dentro n'agua pera effeito de perder aquelle ruim cheiro, antes prevalece nelle por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vai gastando. E a mim me succedeu, estando um dia vendo pezar assucar, e entrar na casa de um homem, ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabello e barba feita, e outro vestido, foi tanto o máo cheiro, que de si lançou, que nos obrigou, aos que alli estavamos, a desamparar a casa e sair fugindo pera fóra, com ignorarmos o caso, até que elle proprio contou o que lhe havia succedido.

Alv.—Cousa estupenda é essa, e certamente indina de se poder crer pela sua extranheza e raridade; assim aconselhára eu aos reis e principes que buscassem modo de industria pera criarem semelhantes animaes domesticamente, em forma que não soltassem a ventosidade senão quando lhe fosse mandado; porque com isso venceriam grandes exercitos sem arriscarem espadas.

Bran.—Pois não o tenhaes por graça; porque dessa maneira succederia, quando fôra cousa que se podera pôr em effeito. Tambem se acham na terra muitos coelhos, dos nossos de Portugal, não por serem naturaes de lá, mas parece que se deviam de transmontar alguns, que de lá vieram, e dos taes se produziram os muitos que agora ha. Tambem ha outra casta dos naturaes, a que chamam *sauja*, mas mais pequenos; e outros, por nome *pundry*, de rabo grande semelhante a rato; e da mesma maneira *apariás*, que são excellentes pera se comerem; e assim uma casta delles, muito pequenos, a que chamam *mocó*, os quaes se fazem domesticos, e se trazem pela casa, pera contra os ratos, por serem grandes perseguidores delles. Tambem ha outra sorte, a que chamam *reruba*, que todos são da especie de coelhos, uns pequenos e outros mais grandes.

Alv.—Não ha tantos em Portugal, e nisso parece que lhe faz o Brazil muita ventagem.

BRAN.—*Aquostumery* é um animal pequeno, o qual tem o rabo tamanho que lhe baste pera se cobrir todo com elle; e assim, quando o topam, não se lhe enxerga mais que o rabo, porque o corpo lhe fica escondido de baixo. *Mocós* ou *guoquy*, por outro nome, são uns bichos do tamanho de um laparo, com os quaes despensou a natureza que tivessem bolso debaixo da barriga, dentro no qual agazalham os filhos, despois que os parem; e quando caminham os levam alli dentro mettidos, e, estando parados, os soltam pera que pastem e comam pelo campo, e, querendo outra vez caminhar, os tornam a receber.

ALV.—E esse bolso é por ventura aberto até as entranhas?

BRAN.—Não, porque tem uma pelle sobre a outra, e, na de fóra, se forma semelhante bolsinho.

ALV.—Maravilhosas cousas me ides contando, com as quaes me tendes suspenso.

BRAN.—*Tamendoassu* é um animal de côr parda e branca, do tamanho de um poldro de seis mezes; o qual tem o rabo tão comprido e largo, que é bastante a cobril-o todo dos pés até a cabeça; e a sua carne é muito boa de comer. Tambem ha na terra diversos modos de *raposas*, grandes caçadoras, principalmente de gallinhas, que lhe não escapam, quando lhe póde chegar.

ALV.—Quanto a essas, melhor fôra que as não houvera, porque em toda parte são damninhas.

BRAN.—*Irará* é um animal do tamanho de um gato, de côr negra, focinho comprido, a bocca de feição de coelho, cujo verdadeiro mantimento são formigas (1) e dellas se sustenta.

ALV.—Não sei de que modo possa ajuntar tan-

---

(1) Parece que houve aqui engano da parte do autor, pois as formigas são alimento, não das Azeranhas, mas dos Tamandoás, de que estava tratando.

N. do E.

tas formigas, que bastem pera a sua sustentação, por ser a caça muito miuda.

BRAN.—Usa pera o effeito de uma extranha invenção, a qual é que vai buscar os formigueiros e outros (1) lugares por onde costumam a andar formigas; e alli, lançado em terra, bota fóra da bocca a lingua, a qual, por ser muito comprida, e ter muita viscozidade se cobre incontinente de formigas, que, umas atraz outras, concorrem a buscar o cevo, e, como o bicho sente que se ajuntaram já muitas, recolhe a lingua pera dentro, com levar nella um arrezoado boccado, e, elle comido, torna a largal-a outra vez, e muitas até se fartar do seu mantimento, que por outra maneira não lhe é difficultoso o buscal-o.

ALV.—Tambem não carece de muita consideração o modo desse animal, e calidade de sua sustentação, a qual, com parecer difficultosa, lhe fica sendo facil pela industria de que se aproveita.

BRAN.—Tambem ha nesta terra muitos camaleões, que se chamam pela lingua natural della *senebu*, os quaes são grandes e fermosos, e de côr verde, que é a sua natural; e acontece estarem sobre uma arvore, por espaço de dous e tres dias, sem se mudarem della, parece que sustentando-se do vento, como escrevem os naturaes.

ALV.—Pois é de saber si esses camaleões mudam tambem a côr, como elles affirmam.

BRAN.—Sim, mudam, porque eu vi já muitos, que, postos sobre pannos de differentes côres, despois de estarem sobre (2) elles por algum espaço, vão tomando case a mesma côr, posto que não tão perfeita, nem distincta; e o gentio da terra os comem e dizem delles ser boa carne. *Tejú* é um sardão, grande perseguidor de gallinhas, e com tudo estimado pera se haver de comer. *Gia* é ani-

---

(1) "E outros" está riscado e emendado "pelos".

(2) "Sobre" riscado, e posto em cima "n'".

N. do E.

mal de feição de rã, e tamanho como um kágado, muito bom pera se haver de comer, e quem quer que o tiver não carecerá de boa ceia. Tambem ha nesta terra um extranho animal, ao qual os nossos portuguezes chamam *preguiça*, e o gentio natural *ahum*, em cuja calidade, por ser assaz notoria, não me quero cansar em vol-a relatar.

ALV.—Antes vos peço que o façaes muito em particular, porque desse animal não sei, nem tenho ouvido dizer nada até agora.

BRAN.—Esta *preguiça* é do tamanho de um cachorro, posto que não tão alevantada, de um extranho rosto e feições, tem a còr parda e preta, e as mãos e pés com dedos mui distinctos e acompanhados de grandissimas e agudas unhas : é bicho dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, pera haver de subir ou baixar de uma arvore, posto que pequena, gasta pelo menos dous dias de tempo, e pela terra lhe succede o mesmo pera se haver de mover pequeno espaço; porque pera alevantar e estender um braço, e despois fazer o mesmo do outro pera ir avante, faz intervallo de um bom quarto de hora, sem bastar, pera que se mova com mais alguma pressa, açoutes, feridas, nem ainda fogo; porque, da mesma maneira e pelo mesmo compas (compasso), vai mostrando as mãos e pés, como se lhe não fizeram nada ; e tem tanta força nelles, que aonde quer que aferra, não ha poder lh'as desaferrar, senão com grande trabalho. Os filhos, emquanto são pequenos, trazem sempre comsigo pegados pelo corpo ; porque elles tem cuidado de se aferrarem no pai ou mãi, de maneira que nunca os largam até serem grandes.

ALV.—De cada vez me ides contando mais extranhezas, e taes que, pela calidade dellas, não capacita o entendimento podel-as haver no mundo.

BRAN.—Pois, no que vos vou dizendo, não me arredo em nada da verdade, nem haverá quem a ella me possa pôr glosa. *Aguará-assú* são uns ani-

maes á feição de cão. *Maracaia* são de feição de gato, posto que do mato, muito fermosos, por terem todo o corpo listado. *Tiquaum* é outro gato, tambem do mato, mui agourento pera os indios, em tanto que, si acaso os encontram, tendo começado qualquer jornada, desistem logo della, por lhes parecer que lhes não póde succeder bem, havendo visto semelhante bicho. *Heirate* é um animal grande, o qual sobe sobre as arvores, aonde vê que ha mel, do modo que o fazem os gatos, e despois de estarem em cima dellas, com os dentes e unhas furam o tronco pera haverem de comer o mel, e assim se fartam delle, sem arreceiarem o aguilhão das abelhas.

ALV.—Deve de ter esse animal a natureza de urso, em ser inclinado ao mel.

BRAN.—Eu não sei que natureza é a sua, mas sei que o seu verdadeiro mantimento não é outro. *Juparra* é outro animal grande caçador, e a elle caçam tambem os indios com cachorros, pera o haverem de comer. *Quoandú* é uma casta de ouriço, da feição dos de Portugal, de que tambem os indios se aproveitam pera seu mantimento. *Guasuni* é cachorro do mato, medianamente grande. *Jagaaruapem* é um animal, não muito grande, grandissimo caçador e mateiro pera semelhante arte.

ALV.—Já que tão bem sabe caçar esse animal, não deve de padecer fome.

BRAN.—Nunca se occupam senão na caça. Já tereis visto os fermosos e lindos *saguins*, que se criam nesta provincia, donde os levam pera Portugal, com serem lá estimados pelo seu bom cabello, pequeno corpo, feições de rosto, e viveza dos espiritos.

ALV.—Dessa calidade tenho visto muitos, e ainda tenho um em casa, de que me fizeram presente os dias passados; e são bichos de muita consideração.

BRAN.—Confesso-vos que arreceio de vos dizer

dos bugios, porque ha tanto que contar delles, que póde ser que me tenhaes por fabuloso ; mas, como estou em parte aonde posso logo abonar minha verdade, direi o que souber da materia. Nesta terra se produzem grande cantidade de bugios, de differentes castas, uns muito grandes, e outros mais pequenos ; os grandes são chamados *guaribas*, dos quaes direi por derradeiro. Destes, que não são tamanhos, se conhecem differentes habilidades e costumes, dos quaes o primeiro seja que tem de costume ir furtar o milho pelas milharadas, quando elle está de vez, e pera o effeito se previnem deste modo : antes de descerem das arvores, elegem dentre si tres ou quatro espias, que dividem pelas partes por onde melhor se descubra o campo de cima de grandes arvores, os quaes estão sempre vigiando com o olho aberto, e os demais bugios, havendo se com esta prevenção por seguros, descem abaixo a fazer seu furto, levando cada um delles, par uma extranha invenção, a tres e a quatro espigas, e si não forem sentidos, se recolhem com ellas ; mas, si acaso vem gente, estando ainda occupados no furto, lhe fazem signal as espias, com darem certos brados, que, como são ouvidos dos demais, se recolhem com presteza no estado em que se acham ; e si acaso as espias se descuidaram, e sobreveio gente, sem lhe haverem dado signal, estando elles occupados no furto, fazem o melhor que podem ; e o primeiro que fazem é arremetterem ás sentinellas, e aos bocados as espedaçam, com lhe darem por esta via o castigo do seu descuido

ALV. -Não póde fazer mais, nem governar-se com melhor providencia uma pessoa racional ; e folgára de saber que modo ha pera se tomarem esses bugios, porque vejo levar muitos delles mansos a Portugal.

BRAN.--Tomam-nos com laços e armadilhas, dos quaes um escravo meu lhe fazia uma assaz galante, a qual era que tomava uma botija de boca

estreita, e a meava de milho, e assim a punha lançada no chão com alguns grãos por fóra ao redor da boca della ; e, tendo assim a botija preparada na parte onde os bugios costumavam a vir fazer seus furtos, tanto que algum chegava a ella, vendo os grãos de milho, despois de os comer olhava pelo buraco a ver si achava mais, e tanto que os devisava dentro, mettia a mão pela bocca da botija, e quando a queria tornar a tirar pera fóra já cheia de milho, o não podia fazer, porque, como a mettera vazia, pôde bem caber pelo buraco, mas, trazendo-a cheia, não lhe era possivel podel-a tornar a tirar pera fóra, por este modo ficava preso ; e como ignorava que lhe era necessario tornar a soltar o milho, pera poder levar a mão, o que fazia era somente dar muitos gritos até que ao rebate delles acudia o caçador a lhe lançar um laço, com o qual, despois de quebrar a botija, o trazia pera casa.

Alv.—Modo de caçar é esse, em que eu sempre me exercitára, pelo gosto que havia de ter de ver preso aquelle animal por semelhante via.

Bran.—Outra cousa estupenda vi contar dos mesmos bugios, posto que a não posso testificar de vista, mas affirmaram-me pessoas dignas de fé ; a qual é que, quando o rebanho destes animaes vão fazendo o seu caminho pelo inverno, si acaso encontram algum rio crescido, que lhes empida a passagem, porque a nado o não podem fazer, pelo intervallo dos filhos pequenos que consigo levam, usam de uma maravilhosa industria pera não deixarem de continuar o seu caminho ; a qual é que buscam duas arvores crescidas, que fiquem fronteiras uma da banda d'aquem do rio e a outra d'alem, e subidos á arvore, da parte donde acham-se, logo em uma rama della, que penda sobre o rio, se aferra um dos taes bugios com as mãos, deixando o corpo dependurado pera baixo, e áquelle se lhe ajunta outro, com lhe fazer da mesma maneira presa com as mãos na petrina, e logo outro,

e muitos, até que se forma por este modo uma corda de bugios, e como está bastantemente comprida se embalança tanto com ella, de uma parte pera outra, até que o ultimo bugio, dos de baixo, possa aferrar com as mãos a rama da arvore que lhe fica mais vizinha da outra parte, na qnal, fazendo força, vai atezando a corda pouco a pouco, e despois que o está, por riba della passam os demais bugios com seus filhos ás costas; e, como taes estão já da outra parte, o primeiro, que se aferrou do tronco na arvore opposta, solta tambem as mãos della, e fica da outra parte com os companheiros; porquanto o que está d'alem não se solta, tendo a corda em perfeição até que o outro passou por esta via, e si ajunta com os demais.

Alv.—Cousa é essa que, pela sua raridade, não sinto tanta confiança em mim, que me atreva a contal-a no Reino; porque arrecearei que me dêm apupadas.

Bran.—Pois aqui achareis muitas pessoas que assim vol-o affirmem. A outra sorte de bugios se chama *garibas*, os quaes são muito maiores e tem barba, e no modo com que vivem e providencia com que se governam, case que se querem parecer com a gente humana. Estes fazem sempre sua habitação por cima de grandes matos e crescidos arvoredos juntos em cabildas, donde estão em continua grita, que se ouve de muito longe, e toda a pessoa que ignorar a causa terá pera si serem vozes humanas, ou som de instrumentos, porque daquella maneira respondem. Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as tem crescidas, ajudando-se pera isso de certas pedras agudas, unhas e dentes; e quando lhe tiram com algumas frechas e dellas são ligeiramente feridos, tornam com muita brevidade a tiral-a logo do corpo; e, com accendida colera, a arremessam contra o que lh'a tirou, intentando querer fazer o mesmo que lhe fizeram, e a ferida curam despois com facilidade, applicando-lhe certas hervas só

delles conhecidas. E quando succede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo o seu mal, antes de se entregarem a morrer, se dependuram na arvore em que estão, liando na rama delle o rabo, de sorte que morrem ali dependurados, sem cairem pera baixo, tanto aborrecem o serem presos de seus matadores

ALV.—E quando essas guaribas encontram acaso com algum homem por esses matos, folgára de saber si o deixam passar livremente, sem lhes fazerem mal.

BRAN.—A's vezes o deixam passar, porque não reparam nelle, e outras o perseguem com carrancas e biocos e outros medos que lhe fazem; em tanto que eu vi ja um mamaluco, filho da terra, vir assaz affrontado, de perseguido dellas, e me affirmou que tanto o apertaram que se via em termos de se perder. Tambem se acham nesta terra umas *onças* ou *tigres* muito listrados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado domestico, do qual costuma sempre matar muito.

ALV.—E de que modo o matam?

BRAN.—Com nenhum outro senão com se arremessarem a elle, e lhe darem com a mão uma bofetada sobre a cabeça, com tanta força que é bastante—oh cousa maravilhosa!—a lhes quebrar os cascos por muitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vacca ou novilho a quem isto aconteceu, sem por a parte de fóra lhe fazer ferida, nem mostrar signal por onde recebera tanto damno.

ALV.—Folgara de saber si assim como accommette e mata o gado, o faz tambem á gente.

BRAN.—A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos indios e negros de Guiné sim, quando se acham muito famintos. Tambem ha outra sorte desta mesma especie, de menor corpo, a que chamam *susurana*, que costumam de matar alguns bezerros e gado miudo, mas não são tão damninhos como os outros. Não quero calar as

differentes castas de cobras peçonhentas, que se acham por toda esta provincia, como são *jararacas*, *saracucús*, *cobra de coral*, e outra que chamam de *cascavel*, porque tem uns nós no rabo semelhantes a elles, e quando os meneia com força formam um som que se parece com elles. Estas todas são peçonhentissimas, e matam as pessoas a que mordem em breve termo, e por isso são mui temidas. Outra sorte ha tambem de cobra, muito mais grande, a que chamam os indios *boassú*, e nós cobra de veado, porque comem, engolindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sobre arvores, e de salto fazem a sua preza; e já succedeu arremessarem-se a homens que mataram, com lhe metterem o rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo acodem com elle. E destas semelhantes cobras vi eu uma tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido, e se affirma tambem dellas uma cousa assaz extranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Phenix, formando novamente sobre o espinhaço carne e espirito.

ALV.—Isso tenho eu por cousa indigna de se poder pôr em pratica, porque não mostra nenhuma apparencia de poder ser verdade, por encontrar as leis da natureza.

BRAN.—Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a vos mostrar muitas pessoas, que vos affirmem haver experimentado o caso, assim como vol-o tenho relatado. E com isto vos confesso que não me acho pera mais, nem me atrevo passar avante, posto que me ficam ainda muitos animaes terrestres de que pudera fazer menção.

ALV.—Tendes dito de tantos, e mostrado tantas maravilhas de suas naturezas e calidades, que não sei que vos possa ficar mais por dizer, senão dos costumes deste gentio da terra, e é a ultima cousa de que promettestes tratar.

BRAN.—Pera isso é necessario que cobre novo alento e novo animo, por ser materia tanto comprida como difficultosa ; e pera dar remate a esta nossa pratica, o que summamente desejo, amanhã vos virei buscar, a este mesmo posto, ás horas costumadas.

DIALOGO SEXTO

BRAN. — Assim como o que tem caminhado grandes jornadas, na derradeira se apressa mais pera haver de chegar á sua pousada, e nella descansar do trabalho que tem passado, assim havendo eu no dia de hoje de dar cumprimento á minha obrigação, nesta ultima pratica me apressei mais do acostumado em vir occupar este posto, no qual ha já pedaço que vos espero.

ALV.—Confesso meu descuido, de que foi a causa uma visita; comtudo si soubera que ereis já aqui vindo, atropellára pelas obrigações de comprimento por vos vir buscar.

BRAN.—Ainda não haveis feito falta, e pera dar principio ao que tenho entre mãos, digo que bem vos deve de alembrar haver-vos já mostrado o comprimento e largura de tudo quanto nós os portuguezes temos povoado nesta costa braziliense, e da mesma maneira as cidades, villas e lugares, capitanias que pelo districto de toda ella se acham, com as cousas de que abundam, e assim das que carecem; tratei tambem do bom céo, e melhor temperamento de que goza todo este terreno, sua riqueza, fertilidade, e abundancia de mantimentos, gados, aves e pescados, das qnaes cousas deveis de ter inferido, quando não querais ser reputado por herege das cousas do Brazil, o quanto vos enganaveis em o julgardes por ruim terra.

ALV.—Estou já bem arrependido do meu engano, e não pouco corrido de haver perseverado nelle; mas, com todas as suas abundancias que me tendes representado, vejo que, posto que tudo lhe sobeja pela fertilidade do seu terreno, vem a padecer muitas faltas, das quaes me alembra ha-

verdes attribuido a culpa á negligencia commum e pouca industria dos seus povoadores; mas faltou-vos por dizer o que se poderia fazer pera semelhante falta ter emenda.

Bran.—Condemno minha pouca memoria, com vos dizer que isso se remedeará, quando a gente que houver no Brazil fôr mais daquella que de presente se ha mister pera o grangeamento dos engenhos de fazer assucares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem occupação de força hão de buscar alguma de novo de que lancem mão, e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões, e exercitarão os demais officios, dos que hoje não ha nesta terra na cantidade que era necessaria houvesse; e como isto assim succeder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessario, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundancia, com não ter necessidade de cousa nenhuma, das que se trazem de Portugal, e quando a houvesse, fôra de poucas.

Alv.—Quando totalmente o Brazil se podera sustentar sem o provimento que lhe vem todos os annos de Portugal, nunca o podera fazer, si lhe não vier gente, por ser o com que elle se povoa.

Bran.—Enganaes-vos nisso, porque o Brazil tem já hoje em si tanta gente que basta pera o povoarem, e, ainda antes de poucos annos, lhe ficará sendo sobeja; porque a capitania de Pernambuco, com as mais do norte, póde já hoje pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quaes entrem muitos de cavallo. E porque nos imos desviando da materia sobre a qual havemos hoje de tratar, que é sobre os costumes geraes da terra, lhe quero começar a dar principio com dizer primeiro brevemente do que guardam os nossos portuguezes, dos quaes, os que não são mercadores, se occupam em suas lavouras, como tenho dito, e pera o effeito fazem a sua habitação pelos cam-

pos, aonde tem sua familia, em casas que pera isso fazem fabricar, umas de telha e outras de pindova ou sapé, que é uma rama com que se fazem semelhantes coberturas; e posto que tem suas casas de moradas nas villas e cidades, não fazem residencia nellas, porque no campo é a sua ordinaria habitação, aonde se occupam em grangear suas fazendas e fazer suas lavouras, com a sua boiada e escravos de Guiné e da terra, que pera o effeito tem deputados, porque a mór parte da riqueza dos lavradores desta terra consiste em terem poucos ou muitos escravos, sustentam-se de suas criações, tendo de ordinario um pescador, que lhes vai a pescar ao mar alto e tambem aos rios, donde lhes traz pescado bastante pera sua sustentação.

Alv.—E esse pescador é captivo ou forro?

Bran.—Não é senão escravo captivo do gentio da terra ou de Guiné, e tambem dos forros, que pera o effeito assoldadam a troco de pequeno premio; e muitos usam tambem de caçadores, que lhe trazem cópia grande de caça, e com isto e o mais de suas criações, leite de seus curraes, muito assucar, vivem abastadamente.

Alv.—Pois dizei me se usam todos, geralmente, de comerem farinha da terra?

Bran.—Alguns, e não poucos, usam tambem de pão, que mandam amassar e cozer em suas cazas, feito de farinha, que compram do Reino, ou mandam buscar ás casas das padeiras, porque ha muitas que vivem desse officio. As mulheres se trajam muito bem e custosamente, e quando vão fóra, caminham em hombros de escravos, mettidas dentro em uma rede.

Ala.—E não fôra melhor em cadeira, ou em palanquim, como os da India?

Bran.—Não, porque a rede é excellente pera se andar nella por caminhos; e da cadeira seria trabalhoso usar-se, por respeito que succedem estarem as igrejas desviadas, e da mesma maneira

as visitas que fazem a suas amigas e parentas; e tambem costumam de levar consigo, pera seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavallo, duas ou tres escravas do gentio de Guiné ou do da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rede, a que accommodam uma alcatifa por baixo. Os homens tem seus cavallos em que costumam andar, com os trazerem bem ajaezados, principalmente quando entram com elles em algumas festas: em summa são case totos liberaes, bellicosos e grandemente amigos da honra, pela qual se aventuram a muitas cousas.

ALV.—Tudo isso tenho bem enxergado nas pessoas com quem conversei; demais que os acho a todos mui bem fallantes.

BRAN.—Assim é; porque já vos disse que o Brazil era academia aonde se aprendia o bom fallar, e isto baste por agora acerca dos brancos; porque temos muito que dizer dos costumes do gentio da terra. Primeiramente este gentio não tem rei a que obedeçam, somente elegem alguns principaes, aos quaes reconhecem alguma superioridade, principalmente nas cousas da guerra, porque nas outras fazem o que lhes parece melhor.

ALV. - E a quem pertence a eleição desses principaes?

BRAN.—Posto que alguns succedem por herança de seus pais e avós, todavia a mór parte delles se elegem de por si, porque basta ser bom cavalleiro e reputado por tal, pera todos lhe darem obediencia; moram pelos campos em umas casas que fazem, muito compridas, cobertas de palha, divididas por muitos ranchos; porque cada casal, com sua familia, tem o seu, a que elles chamam lanços, sem se metter parede nem outra cobertura entre uns e outros.

ALV.—Não devem logo de ser ciosos das mulheres, nem das filhas.

BRAN.—Antes o são em grande maneira, e sobre isso fazem mil extremos. Antigamente, e ain-

da até o dia de hoje no sertão, andavam e andam todos despidos, assim homens, como mulheres, sem usarem de cousa alguma, pera com ella haverem de cobrir as suas partes vergonhosas.

ALV.—Deviam de ouvir contar de nosso padre Adam, emquanto esteve em estado de graça.

BRAN.—Mas já agora o gentio que habita entre nós, anda coberto, os machos com uns calções e as femeas com uns camisões grandes de panno de linho muito alvo, e os cabellos ennastrados com fitas de seda de differentes côres, costumes que introduziram entre elles com assaz trabalho os padres da companhia ; porque não havia quem os fizesse apartar de sua natureza, que os incitava a andarem nús.

ALV.—E tem esse gentio, por ventura, algum rito ou ceremonia de crença ?

BRAN.—Não tem nenhum ; e si algum modo de adoração fazem, posto que não se lhe conhece, é ao diabo, ao qual dão o nome de *juraparim*.

ALV —Si elles a tal santo se encomendam, não é muito que suas obras pareçam a elle.

BRAN.—E por isso se diz geralmente que este gentio do Brazil carecem, na sua lingua, de trez letras principaes, as quaes são *F. L. R.*, em signal de que não tem fé, lei, nem rei ; são todos inclinadissimos a guerras, e entre si as tem sempre travadas uma nação com a outra ; comem carne humana, o que mais fazem por vingança, como adiante direi, que pera sustentação ; affirmam que tem por tradicção de seus antigos passados, que S. Thomé lhes mostrara o uso da mandioca, de que se sustentam, que d'antes não usavam della, nem conheciam a sua calidade, mas isto sem nehum fundamento.

ALV.—... (1) de ser ; pois não sabemos, nem lemos de S. Thomé que passasse nestas partes.

(1) Faltam no principio as primeiras palavras desta linha, que provavelmente seriam " *Isso não póde ser* " ou " *não devia de ser.* " *N. do Ed*

Bran.—Isso podia Deus fazer quando fosse servido, como fez que Abacave levasse o comer ao propheta Daniel ao lago dos leões, aonde estava encerrado; mas, como disse, estes indios não dão, em prova do que querem dizer, alguma rezão que concluinte seja. Costumam de dar liberalissimamente tudo quanto têm, e se lhe pede, com muita facilidade, posto que aventurem a ficar despidos, como muitas vezes succede, em fórma que se não enxerga, entre elles, rosto (rasto ?) nenhum de ambição.

Alv.—Disso se lhe póde ter grandes invejas, por ser cousa de que a nossa Hespanha anda muito desviada.

Bran.—Tudo o que até agora tenho dito dos costumes destes indios, foi fallar em geral, e vindo ao mais particular, primeiramente digo que, quando a este gentio lhe parem as mulheres, a primeira cousa que ellas fazem no instante que acabam de parir, e póde ser que ainda sem terem bem livrado, é ir-se metter no mais vizinho rio ou alagôa de agua fria, que acham, no qual se lavam muitas vezes, e, despois de bem lavadas, se recolhem pera casa, aonde já acham o marido lançado sobre a rede em que costumam dormir, como si fôra elle o que parira, e alli o regalam, e é visitado dos parentes e amigos, e a parida se exercita nos officios manuaes de casa, fazendo o comer, e indo buscar agua ao rio, e lenha ao mato, como si nunca parira.

Alv.—E como é possivel que a agua não faça damno a essas paridas, fazendo-o ás nossas qualquer pequeno ar em Portugal?

Bran.—Antes lhes serve esta de medicina e preservativo pera lhes não fazer o parto damno, pelo costume que tem de se lavarem sempre nos rios, e pescarem nelles; e assim não quero deixar em silencio um caso que me succedeu a este proposito. Indo caminhando eu a cavallo por um oiteiro abaixo em um dia muito chuvoso, na la-

deira achei uma india assentada no meio da estrada, envolta case toda em sangue, e ao redor della tambem derramado muito; querendo eu saber a occasião daquillo, me respondeu que havia parido naquelle lugar, e que o sangue era do parto; perguntando-lhe mais pela criança que parira, me disse que um grande golpe d'agua, que por alli corria da chuva, pela rigeira (regueira?) de um carro, lh'a havia levado pera baixo; piquei então o cavallo depressa pera acudir á criança, que não perecera, e achei a meia morta, atravessada na mes.... (1) ir mão della a raiz de uma arvore, fil a recolher logo por um meu escravo, e despois, sendo entregue a outra escrava de leite, pera lh'o haver de dar, viveu e chegou a ser grande.

ALA.—E as mulheres portuguezas, que habitam por esta terra, usam por ventura de semelhante costume?

BRAN.—Por nenhnm modo, antes se guardam do ar, como as de Portugal, posto que não continuam tanto a cama.

ALV.—Não póde haver mais barbaro costume desse que me tendes referido; e creio que por todo o mundo se não achara seu semelhante, nem era licito que o houvesse senão entre estes indios, que não faço differeuça delles ás brutas feras.

BRAN. — Enganaes-vos grandemente nisso; que, posto que usam deste e de outros semelhantes costumes que aprenderam, e lhes ficou em uso dos seus passados, todavia se acha nelles bons discursos e agudas respostas, e não se deixam enganar de ninguem. Aos filhos ensinam de pequenos a que sejam guerreiros e inclinados a guerras, e pera o effeito os adestram no arco e frecha, de modo que, com terem pequeno corpo, são grandes frecheiros, pera que os exercitam na caça, e as fe-

(1) Falta de umas poucas de palavras, que facilmente se concebem: achara a criança na mesma estrada, detida pela raiz de uma arvore.

N. do E.

meas, como lhes a idade dá pera isso lugar, servem a seus pais, emquanto não casam.

ALV.—E que estylo é o que tem no seu recebimento?

BRAN.—As sobrinhas são as verdadeiras mulheres dos tios; e quando as querem tomar por taes, não se lhes póde negar; assim pela maior parte, se casa o tio com a sobrinha, filha de seu irmão ou irmã. E tambem casa o pai a filha com quem lhe parece bem; posto que pera isso se usa um modo assaz galante, o qual é que o mancebo que se namora de qualquer donzella, o remedio mais certo de alcançal-a é ir-se ao mato com um machado e fazer lenha, sem o fazer a saber a ninguem; a qual, despois de feita, acarretam ás costas em feixes, e a vai lançar ao rancho aonde habitam o pai e mãi da sua afeiçoada; e em semelhante exercicio continúa por espaço de alguns dias, com o qual dão a entender sua tenção, e nunca por esta via se lhe nega a esposa.

ALV.—Devem de ter logo estes noticia do modo com que Jacob ganhou a sua amada Rachel, e parece que nesse uso o querem imitar. E é de saber si tomam mais de uma mulher.

BRAN.—Podem tomar tres e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado, que a isso se tem principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres, que toma á sua conta pera esse effeito.

ALV.—Pois como não tem essas mulheres brigas entre si, causadas dos ciumes, que de força devem de ter umas das outras?

BRAN.—Por nenhum caso lhe alembra isso; antes são mui conformes, cousa que é digna de fazer grandes invejas. As donzelas, emquanto o são, se conhecem pelos cabellos, que trazem cortados, mas tanto que as fazem donas, o deixam crescer, sem nisso haver engano.

ALV.—Aprovo o costume, principalmente ha-

vendo nelle a certeza, que tendes dito; mas faltou-vos por dizer si esses indios que se fazem paridos, occupando o lugar das mulheres, estão muitos dias lançados na rede.

Bran.—Não, senão aquelles que bastam pera serem visitados dos amigos e parentes. E nas vizitas que se fazem uns aos outros, guardam tambem um extranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou a que de novo vem de fóra, sendo já de perfeita idade, se põem assentada aos pés do hospede, que chegou, ou do que vizita, e alli, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando, por grande espaço, as cousas passadas, que succederam a seus pais e avós, de infortunios, accommodadas todas a provocarem as maguas, sem aquelle que é chorado responder palavra; de modo que semelha mudo, emquanto dura o choro, e despois delle acabado, o recebem e agazalham o melhor que podem a seu uso.

Alv.—Tivera eu por grande agouro o ver-me chorar, e não consentira, por nenhum modo, que tal se me fizesse.

Bran.—Como todos andam despidos, tomam por abrigo contra o frio da noite fazer fogueira ao longo das redes, onde dormem, e como a casa é muito comprida e toda aberta por dentro, e as redes muitas, que se por ella armam, vêm por esta maneira a ter muitas fogueiras dentro em si, com as quaes se aquentam de sorte que não padecem frio, posto que estejam despidos.

Alv.—E de que movel é que usa este gentio pera seu serviço?

Bran.—De nenhum outro mais que da rede, em que dormem, e de uma cuia, que é um meio cabaço, em que vão buscar agua, com haver da communidade tres ou quatro fornos de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares; e com isto somente se têm por mais ricos do que Creso com todo o seu ouro, vivendo tão contentes

e livres de toda a ambição (1), como si foram senhores do mundo.

ALV.—Esse costume me faz grandes invejas, porque se me representa nelle a edade dourada; mas comtudo deve de ter, de força, cada um desse gentio mantimento de que se sustentam, porque, sem isso, não lhes era possivel terem de comer pera si e sua familia.

BRAN.—Nem disso fazem cabedal, porque tem de costume, pelo tempo das sementeiras, fazerem suas roças, aonde vão todos juntos a semear e a plantar seus mantimentos, e...(2) pam alguns dias até que lhes parece que os tem feitos pera lhes poder durar por todo o decurso do anno, e pelo mesmo modo acodem despois a lhe dar suas limpas, e fazer o mais beneficio necessario; e como dão cabo a este trabalho, se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande cantidade assim de feras como de pescados, por serem todos bons mestres do tal exercicio. E quando tem necessidade de farinha mandam ás roças, que são geraes, pera della a fazerem; porque ás mulheres toca semelhante officio e o de apparelhar a comida, a qual sempre tem prestes, feita a seu modo, pera quando o marido chega de fóra.

ALV.—Não é máo costume esse de ser o mantimento geral, quando não houvera nelle engano.

BRAN.—Por nenhum caso o ha; porque ninguem colhe mais daquillo de que tem necessidade pera sua sustentação, e por esta via vem o mantimento a abranger a todos; e quando ha tambem falta delle, ninguem carece della. Tem mais de costume, quando querem ir ás suas caças e pescarias, pera as quaes se ajuntam muitos, o primeiro, que se alevanta antes de amanhecer, anda pelo terreiro, e, a grandes brados, prega aos demais que se alevantem e botem a preguiça de parte, saindo

(1) Por cima escripto "cobiça".
(2) Faltam palavras; tatvez "nisso occupam".
N. do Ed.

dos ranchos, por ser já tempo de se pôrem a caminho, e com esta pregação vae continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com as quaes se põem a caminho.

ALV.—Serve-lhe logo o indio de espertador.

BRAN.—Sim, serve; porque nunca falta um que faça semelhante officio. Verdade seja que os seus principaes lhe ordenam estas saidas mais por rogo que por imperio.

ALV.—E esses principaes dominam por ventura muitas gentes, ou que jurisdicção têm nesse cargo, que lhes attribuis?

BRAN.—Em cada aldeia ha um principal, que não reconhece superioridade a outro, senão quando succede haver algum tão cavalleiro, que, pelo medo que tem delle, lhe guardam o respeito; mas os ordinarios são obedecidos dos da sua aldeia case por zombaria; porque, nas cousas ordinarias, cada um faz o que quer, sem embargo do principal lhe ordenar o contrario, mas, nas cousas tocantes á guerra, lhe guardam mais respeito; porque elle é o que as trata e ordena, determinando o que se deve fazer com receber as embaixadas e dar resposta a ellas, posto que, pera o assentar das pazes ou mover novamente guerra, se segue e guarda o parecer dos mais antigos. E certamente que, si este gentio tivera mais obediencia aos seus capitães, que foram mui valerosos soldados, segundo as forças e animo de que são dominados, e muita ousadia que sempre mostraram no accommetter do inimigo; mas as superstições de que usam, com darem credito a seus feiticeiros, os desbaratam e lançam a perder as mais das vezes.

ALV.—Pois que é o que tratam com esses feiticeiros?

BRAN.—Pera haverem de determinar qualquer guerra, se ajuntam em uma casa redonda, que só pera o effeito tem alevantada no meio da praça de suas aldeias, a que chamam *carpe*, e alli decretam as causas que têm pera fazerem guerra ao inimigo,

e o modo com que devem de proseguir nella, estando presente a tudo o seu feiticeiro, que é qualquer indio ou india, que se finge sel-o. E a este tal toca approvar ou desapprovar a jornada, com prometter bom ou máo successo, pera o que usam de uma cousa assaz ridiculosa, a qual é que, quando affirma que vencerão os inimigos, mostram umas redes pequenas, dizendo que nellas os hão de metter a todos manietados, como si fossem peixes, e outras vezes, com uns abanos que tem lavrados de palma, promettem haverem-nos de enxotar de modo que logo se ponham em fugida; e tanto credito dão a esta vaidade, que tem por sem duvida que assim lhes ha de succeder.

Alv.—Pois quando lhe isso sae pelo contrario, como senão desenganam ser tudo mentira?

Bran.—Nada basta o lhes tirar do pensamento semelhante erronia, em que seus pais os puzeram, com haverem já recebido grandissimos damnos por darem credito a estes feiticeiros; e, pera prova disto, vos quero contar uma historia assaz galante, a qual foi que nos tempos passados houve um feiticeiro destes, que affirmou aos indios que a terra, pera adiante, havia de produzir os fructos de por si, sem nenhuma cultura nem beneficio; por tanto que bem podiam todos folgar e dar-se á bôa vida com se lançarem a dormir, porque a terra teria cuidado de lhes acudir com os mantimentos a seu tempo. Tanto credito lhe deram os pobres indios, que o fizeram da maneira que lhes elle aconselhou, com virem a padecer, por esta via, a mais trabalhosa fome, que nunca se sabe haver neste Estado; em tanto que chegaram, obrigados da necessidade, a se venderem a si e as mulheres e filhos por uma espiga de milho, que não póde ser maior miseria.

Alv.—Comparo isso ao dos bugios, que me contastes, que mettiam a mão pela boca da botija vasia, e despois a não podiam tirar, e por não saberem largar o que apanharam se deixavam capti-

var; donde infiro que gentes que a semelhante cousa dão credito, devem de ser da maneira dos mesmos bugios.

Bran.—Já vos disse que não careciam de bom entendimento, posto que estão tão cégos com estes feiticeiros (que o não são nem nada), que se não acabam de desenganar de sua falsidade e mentira. A guerra determinada, a primeira cousa que ordenam é mandarem fazer os caminhos mui limpos, rasos e largos, pera sairem por elles e tornarem, quando vierem victoriosos; e do mesmo usam quando são visitados de algum honrado hospede. E, em o dia determinado pera a partida, tem cuidado o seu principal de ante-menham sair ao terreiro, e por roda delle anda fazendo uma pregação, e a grandes brados anima a todos os seus soldados, que pelegem e accommettam ao inimigo valerosamente, alembrando-lhes pera isso algumas façanhas e victorias dos seus passados e fraqueza do inimigo.

Alv. Não fazem mais os nossos capitães e generaes nas occasiões, que lhes importa animarem as suas gentes.

Bran.—Pois este costume é antiquissimo entre este gentio: a pregação feita, não preparam grandes bagagens, porque cada um leva comsigo o que lhe é necessario pera alguns dias; e quando lhe falta, o buscam pelos campos, matos e rios, porque delles se sustentam. As armas que levam são arco e frecha, espadas curtas de um páo pezado e forte, que desbaratam e põem por terra qualquer parte do corpo aonde assenta o seu golpe; e os cabos das taes espadas levam emplumadas de pennas de varias côres, e da mesma maneira as cabeças, pera com isso se fazerem mais temidos; as rodellas, que tambem comsigo levam, são grandes e pintadas, feitas de um páo leve, bastante a lhes cobrir todo o corpo, com que se reparam das frechas do inimigo.

ALV.—Não são más armas essas, e si o animo fosse egual, não deixaram de fazer boas emprezas.

BRAN.—Esse tem elles muito grande, como já disse; mas de sorte que, si indo caminhando com toda esta bravosidade, ouvirem cantar um passaro, do qual já fiz menção, agourento pera elles, desamparam a jornada, e se tornam a recolher; e da mesma maneira, posto que vão pera accommetter alguma grande empreza, si, antes de chegarem a tal parte, encontrarem acaso alguns poucos inimigos e os matarem, se contentam com isso, tornando-se a recolher, com deixarem o demais por fazer.

ALV.—Pois não me gaveis semelhante gente de animosa, porque quem isso faz, não póde ter semelhante virtude.

BRAN.—Pois ainda vos direi mais que, quando entendem que são sentidos, e que não podem por esse respeito sair com a sua pretenção, na mesma parte aonde disto se certificam, largam as armas, e sem ellas se tornam a recolher, e então o que mais corre fugindo, e primeiro chega a aldeia, de onde partiram, esse tal é reputado por mais valente; porque dizem ser acompanhado de grande alento e forças, por haver corrido mais que os companheiros.

ALV.—Bem ha que gente tão arrevesada nos costumes faça da cobardia esforço.

BRAN.—Pois ainda não concluo por aqui, porque em semelhantes occasiões, pera poderem melhor correr, serrafação as pernas com facas até derramarem muito sangue, tendo pera si que ficam por esta via mais ageis pera caminharem com mais presteza.

ALV.—Não lhes gavo essas prevenções de melhor fugirem.

BRAN.—Tambem o fazem pera melhor chegarem. E sempre accommettem a batalha ou escaramuça com muito animo, e todo o guerreiro que nella mata inimigo ás suas mãos, ou ajuda a afer-

rar nelle pera o matarem, posto que sejam seis ou sete pessoas, tomam todas nome, e ficam dalli em diante reputados por cavalheiros e se podem riscar.

ALV.—Tocae-me isso dos nomes e das riscas mais pelo miudo, pera que vos fique entendendo.

BRAN.—O nome tomam todos aquelles que mataram ou ajudaram a aferrar no inimigo morto, o que fazem desta maneira: na madrugada do dia seguinte, despois de haver precedido a batalha ou assalto, muito de madrugada, estando ainda todos lançados em suas redes, se alevantam os taes, e a grandes brados vão dizendo: *eu me hei de chamar daqui por diante fulano* (applicando-se o nome que querem), *porque tenho morto a meu inimigo em campo*, o que vai repetindo por muitas vezes, e *por este nome quero ser conhecido e nomeado daqui em diante;* e todos lhe fazem ao passar muita festa, e lhe dão salvas, principalmente as mulheres. O riscar é que fazem umas riscas pelo corpo, de preto, a qual lhes fica servindo pera o diante de insignia militar, e tambem se assignalam riscando com fogo, ou picando aquella parte que querem riscar com uma agulha, e estando em sangue fresco, lhe applicam tinta preta, que é bastante pera lhe fazer ficar o signal pera sempre.

ALV.—Não gavo muito essa cavallaria nem modo de insignia militar.

BRAN.—Pois ainda vos direi mais que, posto que este gentio pelo campo mate o inimigo ás estocadas, ou com tão poderosos golpes que o parta pelo meio, como o não matou com lhe quebrar a cabeça, logo hão que o morto não é morto, nem o matador se póde jactar de lhe haver dado a morte, nem poderá tomar nome nem riscar-se.

ALV.—Logo, dessa maneira, não morreu o que não tem a cabeça quebrada?

BRAN.—Assim o cuidam elles, e passa isto tanto avante que, despois de haverem ganhada alguma aldeia ou lugar do inimigo, a primeira cousa que fazem é acudirem aos cemiterios, donde des

enterram os cadaveres que alli estão enterrados, e a todos vão quebrando a cabeça, com ficar tão reputado por valente o que quebra por esta via, podendo gozar de todas as honrarias militares, como aquelle que a quebrou pelejando no campo, aonde teve a vida em risco de a perder.

ALV.—Ora não me digaes mais que esta gente é dotada de entendimento, porque não vol-o-hei de crer.

BRAN.—Niguem vos póde obrigar a que creaes senão o que quizerdes, nem a mim que deixe de relatar a verdade do que tenho tomado á minha conta. Quando captivam alguns dos inimigos o levam pera suas aldeias aonde os soltam das prisões.

ALV.—E se os tem soltos como lhes não fogem?

BRAN.—Não fogem porque as aldeias estão distantes umas das outras, e assim não lhes é possivel poderem fugir sem serem logo achados pelo rasto, porque em o saberem seguir fazem ventagem aos cães de caça; e, além disso, atinam tanto que eu vi algumas vezes a certos indios, que pera haverem de atinar pera a parte por onde querem ir por entre brenhas altas, que não mostravam caminho, não fazem mais que com uma frecha apontarem direitamente pera o lugar com lhe ficar aquelle horizonte tanto na memoria que fizeram o seu caminho sem o errarem em cousa alguma, de mais que tambem são os captivos bem guardados.

ALV.—E pera que querem esses captivos, senão for pera resgate?

BRAN.—Sabeis quanto isso passa pelo contrario que poderei affirmar, e não o tenhaes por fabula, qne si a estes indios lhe derem pelo resgate de um captivo destes, principalmente si for branco, outro tanto ouro quanto se affirmava que tinha Creso, e juntamente todas as riquezas do mundo, o não deram.

ALV.—Muito me dizeis.

BRAN.—Pois assim passa; porque antes o que-

rem matar no terreiro, o que fazem por este modo: mandam primeiramente que ao tal captivo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, em tanto que, si desejar a mulher do proprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo isto pera effeito de que se desmalenconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar um grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito, fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo pera haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres elles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas á corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festa o levam desta maneira, pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado, o tornam a trazer pera a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas, e alli, posto no terreiro, se chegam a elle seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a tem em tezo, de modo que o desaventurado preso se não possa bolir, porque em o querendo fazer pera alguma das partes, o tiram pera a outra, e desta maneira o tem em talas, até que entra o matador pelo terreiro muito arrogante, emplumado todo de pennas de varias côres, e, com vagarosos passos, rodeado dos principaes cavalleiros, se vae chegando contra o preso, e tanto que se lhe põe em fronte, com soberbas palavras e arrogantes meneios, lhe diz que tem muita rezão de se alegrar por vir a morrer ás mãos de um tão grande e bom cavalleiro, como elle o é, e muito mais de suas carnes haverem de ser sepultadas no ventre de tantos valerosos principaes e soldados, como os que estão por roda, os quaes só por isso esperam, por ser muito melhor assim, que serem comidos e sepultados nos ventres de immundos bichos; por tanto

que cobre animo, e se farte de ver ser o sol, e si a estas palavras desmaia o pobre preso, é julgado de todos por pusillanime e covarde; mas si tambem lhe ronca, dizendo que parentes lhe ficam vivos que o saberão bem vingar, e que por isso morre contente, se reputa por valerozo. Mas, comtudo, quer succeda de uma maneira quer de outra, o matador lhe ameaça com a espada a cabeça, mostrando querer descarregar o golpe, e tanto que o pobre, de assombrado delle, a quer desviar ou abaixar a cabeça, segunda logo com outra tão possante que lhe fende a cabeça pelo meio, e antes de cair em terra já lh'a leva feita em miudas rachas, com outros muitos que lhe dá. E si succeder que o preso, ao tempo de lhe descarregarem o golpe, fôr tão manhoso e tiver tantas forças que, com os braços e mãos que lhe ficam livres, arrebatar a espada ao matador, escapa da morte, porque pera esse effeito lh'as deixam livres.

Alv.—Grande façanha é a que faz por esse modo esse cavalleiro matador!

Bran.—Não a tem elles por pequena; e despois do desaventurado morto por esta via, o entregam ás velhas, a quem pertence o dividirem-lhe os quartos, e porem-nos a cozer e a assar, espedaçados pera servirem de iguarias aos circumstantes, repartindo-se por todos, que comem aquella humana carne com grande gosto, mais por vingança que por matarem com ella a fome.

Alv.—Bem mal si póde julgar si a comem por vingança, si por gosto.

Bran.—Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam á roda dellas com umas canas nas mãos, nas quaes trazem atados alguns anzoes que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nellas.

Alv.—Por fim que, com essa barbara crueldade, se hão somente por satisfeitos?

Bran.—Ainda fazem mais, porque tem já muitos vinhos preparados, precedendo logo grandes borracheiras, que duram por espaço de alguns dias.

Alv.—Os dias passados, indo visitar um amigo meu á sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns indios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

Bran.—Esse é o seu costume mais ordinario, porque pera effeito de se emborracharem, apparelham muitos vinhos que fazem do sumo de canas de assucar, que vão buscar pelos engenhos, e tambem de mel e de uma fructa que chamam cajù, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira sem dormirem, bebendo sempre de ordinario muito vinho até cairem todos por terra sem accordo, e ás vezes saem tambem d'alli alguns não pouco escalavrados.

Alv.—E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

Bran.—Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o passaro está sobre a folha, ou a folha sobre a agua, ou outra cousa semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outro. por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tipre, por alevantarem a voz mais delgada.

Alv.—Custoso entretimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho; mas, si acaso captivam algumas mulheres, folgara de saber si as matam tambem nesse terreiro, como aos homens.

Bran.—A's vezes as matam e outras não, que é quando succede tomal-a alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba; e por este modo escapam da morte, emquanto o que a tomou á sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercicio de trabalho do que ás demais mulheres, suas

naturaes; mas a graça é que, si algumas destas captivas acerta de fugir, e vae prenhe, despois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o proprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a creatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada della; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes.

ALV.—Não me espanto de semelhante barbaridade, a respeito de outras muitas que já me tendes contado, e cuido que tudo isso deve de nascer de não haver, entre essas gentes, rasto algum de amor.

BRAN —Antes se acham entre elles muitos que deram bastante prova de o terem assaz grande, e pera isso vos quero contar uma gallante historia, que aconteceu ha pouco tempo em uma capitania das deste Estado. Estava entre os petiguaras uma mulher captiva dos tabajaras, que são seus capitaes inimigos, a qual, sem embargo de a ter por manceba um petiguar, andado o tempo, determinaram os demais juntamente com elle, que póde ser que fosse o principal autor, de matarem a pobre tabajara, pera effeito de a comerem. a qual tinha já tomado estreita amizade com outra india das dos petiguares. irmão do namorado que fôra; e esta, ouvindo tratar entre elles da morte que pretendiam dar á cunhada e amiga, estimulada do amor que lhe tinha, lhe manifestou o perigo em que estava, aconselhando-lhe que fugisse delle, com se offerecer a lhe fazer companhia. Aceitou a outra o conselho e offerta, e a amiga não desistio de sua promessa, com fazerem ambas juntamente a fugida, a qual lhes succedeu tão bem, sem serem achadas, vieram aportar á povoação dos brancos, onde a que era de nação tabajar, achando-se entre os seus, que por alli á roda habitavam, se foi pera suas aldeias, aonde sendo reconhecida

de seus paes e parentes, lhe deu conta do muito que devia á outra india, sua amiga, pela haver livrado da morte, o que lhe foi agradecido de todos, e ficou vivendo entre elles; mas não passaram muitos dias que os tabajares, esquecidos do que havia passado, trataram de fazer na petiguara o que os outros queriam fazer na sua natural, e o puzeram por obra sem bastarem rogos da pobre india, sua parenta, pera se livrar a companheira do que della se ordenava; por fim, chegado o praso, a puzeram em terreiro pera effeito de a matarem, o que vendo a amiga, parece que, não esquecida ainda da obrigação em que lhe estava, arremeteu contra o esquadrão dos parentes, como uma leôa, e por força lh'a tirou das mãos, levando-a comsigo á casa de alguns brancos, com a livrar por esta maneira de indigna morte que se lhe apparelhava, pagando-lhe na propria especie o amor que lhe tinha mostrado, quando se resolvera a fugir dos seus, por lhe dar a vida.

Alv.—Poucos exemplos haveis de achar semelhantes entre tanta barbaridade.

Bran.—Pois tambem vos posso affirmar que, com ser este gentio assaz lascivo por natureza, ha muitas donzellas entre elles, que amam summamente a castidade, como são umas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e pera que o possam melhor fazer, exercitam no arco e na frecha, com andarem de ordinario pelos campos e bosques, á caça de brutas feras, nas quaes fazem grandes presas, recreando-se neste exercicio, pelo qual despresam todo outro.

Alv.—Essas taes deviam de ouvir contar de Diana e de suas nimphas, e pelas imitar tomam a caça por exercicio; e com tudo não me persuado a crer dellas que hajam de ser continentes, por ser dom da alma, que o não estima senão quem conhece o seu preço, e como a essas falta o tal co-

nhecimento, não vejo cousa porque haja de cuidar que possam guardar essa continencia.

BRAN.—Cuidae vós o que quizerdes, que eu não vol-o posso tolher, nem deixar de louvar as taes, por se saberem desviar do fogo na parte aonde elle mais arde; o que se deixa bem ver em outro costume, que tambem guardam, assaz pouco continente, o qual é que, quando são vizitados de algum nobre hospede, principalmente si é branco, os agazalham primeiramente sobre uma rede aonde os fazem assentar, que é o que lhes serve de cadeiras, e o principal fica em outra, e antes de travarem pratica se brindam um ao outro com um petimbabo de fumo de tabaco, que pera o effeito lhe trazem; e isto feito, despois de o tal hospede manifestar ao que viera, e o principal lhe dar resposta, lhe entrega logo uma donzella ou filha sua por mulher, pera que a tenha por tal emquanto alli estiver, que não póde ser mais barbaro costume.

ALV. E os brancos aceitam o usar dessas indias, sendo gentias?

BRAN.—Muitos o não fazem, antes as regeitam dissimulando com elles; mas não que o digam ao principal, que lh'a deu, porque se haveria por muito affrontado. Dos inimigos que matam, despois de se fartarem de suas carnes, tomam um pedaço della, que despois de secca envolvem dentro em um grande novello de fio de algodão, e desta maneira o guardam com muito cuidado; e quando succede fazerem alguma grande borracheira, pera mais se alegrarem nella desenvolvem a carne do novelo, e della fazem muitas partes em pequenas feveras, que repartem entre todos, pera que as comam; e isto costumam fazer em signal de vingança que tomaram e victoria que tiveram.

ALV.—Não lhe gavo o modo de semelhante vingança.

BRAN.—Pois sabei emquanto são vingativos, que, despois de matarem os inimigos, lhes tiram os dentes, os quaes enfiam por cordeis, fazendo

delles um collar, com porem os grandes queixaes nos extremos e os mais pequenos no... (1) destes que pezava catorze arrateis, e por aqui considerareis o grande nnmero de dentes que nelle haveria.

ALV.—Não lhe hão de dar os lapidarios muito dinheiro por essas pedras, porque as tenho por ruins, pera haver de ser engastadas.

BRAN.—Tudo isto fazem, imaginando que assim se vingam melhor, e reina nelles em tanto esta natureza de vingança que, si acaso, caminhando por um caminho, derem uma topada em algum páo ou pedra, não passam avante até por vingança arrancarem ou quebrarem aquillo que lhe fez damno; e com serem vingativos, são tambem alguns delles summamente crueis, porque um homem de credito me contou que vira a um indio destes, vindo de um assalto, que fóra dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter anno perfeito de idade, dependuradas em um páo, que levava ás costas, como gallinhas, a metade da parte de diante e a outra de traz; e que, despois de caminhar assim com ellas por grande espaço, as puzera sobre uma pedra, donde com uma pequena facca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que nellas lhes dava, pera que assim lhes ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e choros das pobres crianças.

ALV.—Nunca de nenhum Poliphemo, Lestrigon, ou Scytha, se contou semelhante crueldade.

BRAN.—Costuma tambem este gentio, pera effeito de mostrar maior fereza e bizarria, furar o rosto pelo beiço de baixo e tambem pelas queixadas, por onde mettem umas pedras verdes ou bran-

---

(1) Palavras cortadas: provavelmente "no meio; e eu vi um."...

N. do E.

cas de feição de botoques, com as quaes tem pera si que andam galantes e gentis-homens.

Alv.—Esse costume devia de lhes ensinar algum demonio, e á sua imitação o usam com darem maior mostra nelle de sua grande barbaridade.

Bran.—Pois com toda ella sabem muito bem dividir os tempos do anno em grande conformidade, regulando-se pera isso com os fructos de certas arvores, quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras, e outros exercicios em que se occupam, e tambem conhecem case todas as estrellas dos céos, que nós conhecemos, posto que lhe applicam nomes differentes.

Alv.—E' muito haver esse conhecimento entre semelhante gente.

Bran.—Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por elle habita, sem terem commercio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e baptisam os filhos, com se cazarem na fórma do sagrado concilio, e não tem mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns delles destros no canto, e assim são bons charameleiros, posto que sempre tiram á sua natural inclinação, como se vio em um caso, que succedeu os dias passados.

Alv.—E que caso foi esse?

Bran.—Os padres da companhia ensinaram a um destes indios, por sentirem nelle habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco das artes; mostrando-se elle em tudo mui agil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuido que ouvi dizer que tambem as d'epistola e evangelho, pera o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do indio, obrigado de sua natural inclinação, amanhe-

ceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus, pera o sertão aonde exercitou seus barbaros costumes até a morte, não se alembrando dos bons que lhe haviam dado.

ALV.—Isso só basta pera corroborar a minha opinião; mas folgára que me dissesseis si achamse nesta provincia mais castas de gentio, que uma, assim como entre nós ha francezes, inglezes, italianos e outros.

BRAN.—Sim, acham-se, porque ha muita diversidade de castas delles, assim como: *aimorés, tupinambás, tabajaras, petiguares, tapuias* e outros.

ALV.—E vivem todos esses, por ventura, com tanta brutalidade, como dos que tendes tratado até agora?

BRAN.—Case todos se parecem na vivenda, excepto os tapuias que desenfferençam-se grandemente nella, mas não em barbaridade.

ALV.—Pois dizei-me de que modo vivem esses tapuyas?

BRAN.—Dil-o-hei em summa brevemente; porque se vão já fazendo as horas de recolhermos e darmos remate á nossa pratica. Estes tapuias vivem no sertão, e não tem aldeias nem casas ordenadas pera viverem nellas, nem menos plantam mantimentos pera sua sustentação; porque todos vivem pelos campos, e do mel que colhem das arvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça, que tomam em grande abundancia pela frecha, se sustentam, e pera isto guardam esta ordem: vão todos juntamente em cabilda assentar seu rancho na parte que melhor lhes parece, alevantando pera isso algumas choupanas de pouca importancia, e dalli vão buscar o mel e caça por roda, por distancia de duas ou tres leguas. E emquanto acham esta comedia, não desamparam o sitio, mas, tanto que ella lhe vae faltando, logo se mudam pera outra parte, aonde fazem o mesmo; e desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sitios, sem se can-

sarem em lavrar nem cultivar a terra; porque a sua frecha é o seu verdadeiro arado e enxada, a qual tambem não usam juntamente com o arco, como faz o demais gentio; porque, com ella tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certeiros e com tanta força que causa espanto, de modo que case nunca se lhe vae a caça, a que lançam a frecha por esta via. E eu ví os dias passados a um destes fazer um tiro sem arco, que, alem de dar no alvo a que atirara, passou uma grossa porta de parte a parte. Tambem são na falla differentes; porque o demais gentio os não entendem, por terem a linguagem arrevesada; trazem os cabellos crescidos como de mulheres, com serem geralmente tão temidos de todo o mais gentio, que é bastante um só tapuia pera fazer fugir muitos; e assim entram mui poucos por grandes aldeias mui confiados, e dellas tomam tudo o que querem, sem ninguem lhes vir á mão; e ainda as proprias mulheres lhe deixam levar, tão grandissimo medo lhe tem cobrado. E com isto me parece que tenho já chegado ao limite de minha obrigação, o menos mal que pude, deixando-vos agora o campo aberto pera poderdes condemnar o Brazil por ruim terra, como de principio fizestes, se virdes que, com as verdades que delle tenho dito, se lhe pode de justiça attribuir semelhante nome dos avisados; porque dos nescios não trato, que os seus ruins discursos os desculpam.

ALV.—Tendes-me já tão convertido a vossa seita, que por toda a parte por onde quer que me achar, apregoarei, do Brazil e de suas grandezas, os louvores que ellas merecem.

FIM

POSTFACIO

Quem pode ter sido o auctor deste livro? E, qualquer que seja o seu nome, fôra elle nascido em Portugal ou em Pernambuco? Eis duas questões que assaltam logo, desafiando a nossa natural curiosidade, que se augmenta ao ler as paginas em que o proprio auctor dá de si tantas e tão explicitas indicações biographicas, apresentando ao mesmo tempo, para resolver a segunda questão, argumentos em favor de uma e outra opinião.

Com effeito, diz-nos o auctor que, em 1583, corria em Pernambuco com a cobrança dos dizimos, e que em 1586 viu em mato o logar em que hoje está a cidade da Parahyba; que em 1591 estava de novo em Pernambuco, e ahi militára perseguindo, com gente armada, Petiguares na mata do Brazil; que em 1599 fôra a Portugal; que ahi estava em 1607; que ahi tinha engenho e ahi escreveu a obra em 1618

Ao ler pela primeira vez mui por alto, ha mais de trinta annos, esta obra, encontramos tropeço quasi invencivel em ser filho de Pernambuco o auctor no dizer elle que em 1583 era *novo na terra*, usar muito das expressões os *nossos Portuguezes*, *nosso Portugal*, *nossa Lusitania*, *nós os Portuguezes*, especialmente empregando esta expressão: *temos povoado nesta costa braziliense*. Isto corroborado com o encontrarmos em Barcia a noticia de que um tal *Brandaon* havia sido auctor de outros semelhantes *Dialogos*, e em vista do nome *Brandonio*, que se dá o interlocutor que se inculca de autor e mestre, julgamos não ser esta a obra de que elle tambem trata, attribuindo-a a Bento Teixeira.

Hoje, com o estudo mais aprofundado do inedito, com o reconhecer que elle foi escripto em Pernambuco por um individuo que não hesita em

declarar essa capitania como superior á propria da Bahia, capital do Estado; que mostra pelos adiantamentos do Brazil todo tanto interesse que julga as tres capitanias já n'aquella epocha capazes de ter senhor livre e *isento* (independente), e de não necessitar o Brazil sequer de mais colonos de Portugal; que até quando censura, se reconhece que o faz por excesso de zelo, e chega a dizer que os filhos do Reino iam ao Brazil aprender a ser bem fallantes, e até a civilidade e a policia—«*Academia pubrica, aonde se aprende com muita facilidade toda a policia, bom modo, honrados termos de cortesia* », e « *os filhos de Lisboa e os das demais partes do Reino vem aprender a elle* (Brazil) *os bons termos, com os quaes se fazem differentes na policia que antes lhes faltava*»--não hesitamos em crer que foi ella obra de um Pernambucano, e então não pode o auctor ter sido senão o proprio tradiccional Bento Teixeira, auctor da *Prosopopeia*, pois não era possivel encontrar se em qualquer colono obscuro e que de si não deixasse a menor noticia tantas qualidades recommendaveis de instrucção.

Si elle diz que em 1583 era *novo na terra*, devemos interpretal-o, como ahi recem-chegado da metropole, depois de lá haver passado a adolescencia a frequentar os estudos, talvez desde 1569. E si defende a gloria das conquistas portuguezas, e diz *nossos Portuguezes*, não pode ser isso apresentado como argumento em contrario, quando de expressões analogas vemos que usavam outros antigos colonos, que ninguem duvida haviam nascido no Brazil, visto que as expressões *Braziliense* e semelhantes eram applicadas aos indios ladinos e mamalucos, distinguindo-se na colonia por Portuguezes os de puro sangue da Europa.

Por outro lado, o proprio interlocutor Alviano, que figura recem-chegado do Reino, e com todas as prevenções contra o Brazil, não hesita em reconhecer a Brandonio os foros de Brazileiro, quando lhe diz : « *o vosso Brazil.*»

Somos os primeiros a reconhecer que todos estes argumentos não são infalliveis, e que em parte se prestam tambem á defensa das opiniões oppostas, sendo que cada qual adoptará aquellas com que mais sympathise segundo a sua propria nacionalidade e prevenções. Pela nossa parte contentamo nos de emittir aqui o nosso veredicto, com toda a consciencia, depois de pezar maduramente as razões de um e outro lado; e a circumstancia de nos acharmos quasi no mesmo caso, em que suppomos o auctor, de ter ido na meninice a estudar á metropole, e de voltar de lá na juventude, já quasi alheio aos usos da patria, mas sempre no intimo favoravel a ella, sahindo em sua defensa, apezar de todas as prevenções da educação, nos faz julgar como jurado bastante apto para decidir na questão com conhecimento pleno de causa.

As muitas noticias anteriores, que só nesta obra se encontram, de factos presenciados pelo seu proprio autor, á par de sua naturalidade, de sua linguagem, não isenta de leves incorreções grammaticaes, lhe grangearam inquestionavelmente um honroso logar entre as primeiras publicadas acerca da terra de Santa Cruz.

O estylo dialogal, para o gosto de nossos dias, parece tirar-lhe certa importancia e reduzil-a a um simples cathecismo; mas é certo que estava então bastante em uso, e na lingua portugueza acabavam de empregal-o com mui feliz exito em Castella, Luiz Vivei, e em Portugal Garcia d'Orta, Amador Arraes, Heitor Pinto, Diogo de Couto e outros. Demais: o mesmo estylo dialogal é pelo nosso autor tão bem manejado, que quem ler a obra com attenção notará nisso mesmo muitos mais meritos e menos monotonia do que em uma narração corrente e seguida.

Para esta edição valemo-nos, como dissemos na Advertencia, de um M S, que se conserva na Bibliotheca de Leyde, depois de ter pertencido ao celebre philologo Voss. E' um codice de 157 folhas

em 4.º, de mui boa lettra, encadernado de modo que infelizmente no cortar das folhas algumas palavras foram tambem cortadas.

Na Bibliotheca Publica de Lisboa havia uma copia mais moderna da qual demos noticia na Obs. F. (p. 98 a 100) das *Reflexões Criticas* impressas em 1834 no T. 5.º das Mem. Ultr. da Acad. R. de Sc. de Lisboa. Constava de 106 folhas, sem rosto, nem o nome do A., lendo-se apenas na 1.ª pagina por outra lettra a declaração — *Foi composto por Bento Teixeira*—. Não será estranho que esta copia fosse tirada, nos fins do seculo 17.º, do proprio codice que hoje se encontra em Leyde.

Julgamos dever, em geral, respeitar a orthographia do MS até em suas irregularidades caracteristicas.

Desfazemos os breves escrevendo *com*, *um*, *nem*, em vez de *cõ*, *ũ*, etc. Adoptamos o uso do *u* consoante e do *v* sempre que deve ser vogal.

Regularisamos o uso dos *i*, *j* e *y* empregados indifferentemente no MS. Igualmente regularisamos a orthographia das palavras com as syllabas *ca* e *ga*, *qua* e *gua*, etc, preferindo sempre o uso das primeiras.

Substituimos o *y* por *i*, onde esta letra hoje se emprega. Regularisamos o emprego dos *i i* e dos *e e* trocados muitas vezes, talvez por não haver podido o copista distinguir uma lettra da outra no manuscripto original; assim como regularisamos o emprego dos *s s* e dos *c c*

O autor era inquestionavelmente homem de bastante saber e bom juizo, e quasi tudo quanto previa vemos hoje realisado. Era em Pernambuco senhor de um engenho e devia occupar na colonia muito boa posição, ao vermos que quando ia á metropole tinha conferencias ou audiencias dos individuos do governo, taes como o Bispo de Coimbra, D. Affonso de Castelbranco, quando governador de Portugal, o Conde Meirinho Mor, etc.

Limitando-nos a estas simples considerações,

concluiremos este postfacio, declarando que se antes não demos á luz este MS., foi pelo desejo de o fazer pela primeira vez por meio do *Jornal do Recife* e ao cuidado do nosso amigo José de Vasconcellos nesta propria provincia de Pernambuco, patria querida do autor. (1)

Recife, 30 de Setembro de 1877.

VISCONDE DE PORTO SEGURO.

---

(1) O *Jornal do Recife* publicou somente o 1°. dialogo.

N. da R

RELATORIO

Sobre o estado das Alagoas em outubro de 1643; apresentado pelo assessor Johannes van Walbeeck e por Henrique de Moucheron, director do mesmo districto e dos districtos visinhos, em desempenho do encargo que lhes foi dado por S. Exc.ª e pelos nobres membros do Supremo Concelho.

O districto das Alagoas da capitania de Pernambuco (tanto quanto os abaixo assignados poderam saber por informações dos moradores que ainda alli existem) tem o seu começo no rio de S. Antonio Grande, e estende-se ao longo do littoral para o Sul até o rio de S. Miguel, comprehendendo para o interior ou occidente o que tenha sido povoado, porque não é costume no Brazil marcar limites para o lado do *sertão*.

As *alagoas*, ou lagoas propriamente ditas, das quaes procede o nome desse districto, são duas, a do Norte e a do Sul, tendo ambas a mesma barra, e demoram na altura de 9º e 3/4 de lat. merid. Nas grandes marés tem somente dez ou doze pés d'agua, de modo que não podem servir senão para a navegaçao de barcos pequenos ou de pouco calado, tanto mais quanto o vento, soprando directa e constantemente do mar sobre a barra, faz quebrar constantemente o mar sobre ella, e assim a sahida torna-se ainda mais difficil, porque só póde effectuar-se com vento de terra e de maré cheia, devendo aguardar-se o concurso destas duas condições.

Trataremos em primeiro logar da lagoa do Sul, porque é a que foi melhor povoada. No tempo da primeira povoação foi seu proprietario Diogo Soa-

res da Cunha, pae de Gabriel Soares da Cunha, senhor do Engenho Novo, o qual a obteve por doação de Duarte d'Albuquerque, senhor de toda a capitania de Pernambuco. O donatario apresentou as cartas de doação aos antecessores dos Senhores Conselheiros Supremos, e essas cartas de presente se acham sob a guarda de Balthasar da Fonseca. O doadordeu a Diogo Soares, como bem allodial, duas leguas ao Norte e tres ao Sul da barra das Alagoas com sete leguas para o interior e mais quatro leguas da bocca do rio Parahyba (que desemboca na mesma lagoa) para o Sul, e sete para o sertão, de sorte que o donatario ficou sendo possuidor de toda a lagoa do Sul. Por sua vez e em virtude da doação a elle feita, Diogo Soares destribuio a diversas pessoas grandes parcellas de terra para serem povoadas; mas como os moradores (exceptuados mui poucos) se retiraram para a Bahia por occasião da passagem de Luiz Barbalho, levando as suas cartas de doação, não é possivel saber ao certo a parte de cada um, e o que soubemos por indagação é o seguinte:

As terras situadas entre Porto Francez e a ponte do rio Cabauna, que é o lado sudeste da lagoa do Sul, foram dadas por Diogo Soares a Gonçalo Ferreira, Gonçalo Fernandes e Francisco Martins. Todos tres retiraram-se e por consequencia as suas posses passaram para a Companhia. Essas ditas terras são boas para pastos e campos de mandioca; é campanha pela maior parte plana e no verão tem sempre agua.

As terras que se seguem para o occidente ao longo da lagoa, onde fica a povoação de Nossa Senhora da Conceição e onde de presente se acha a nossa guarnição, pertenceram á egreja da mesma povoação. Essa egreja foi feita por João Esteves, que era senhor da ilha Massagueina (1) sita abaixo

---

(1) Massangueira.

entre as duas lagoas, e tembem dada (?) á Misericordia.

Depois dessa região que mede meia legua de cumprimento ao longo da lagoa, segue-se uma outra meia legoa pertencente a Belchior da Costa que reside no rio de S. Francisco, e d'ahi seguio (?) para vir povoar as suas terras.

Em seguida se encontram as 600 braças de Antonio Fuentes e meia legua de Simão André; ambos retiraram-se. Gabriel Soares pretende haver, a titulo de credor, as terras e bens de um e de outro.

Segue-se a meia legua do capitão Manoel de Magalhães, que deixou-se ficar sob a nossa obediencia, e depois 600 braças de Pedro Gonçalves, ausente. Diogo Soares não fez doação das demais terras do lado do Sul, mas conservou-as para si.

Toda a região nomeada estende-se da lagoa para o Sul até o rio Itinga, e, como a que fica ao oriente da povoação, é tambem propria para creação de gado e plantações de mandioca. As terras que ficam proximas ou á vista da lagoa são as melhores, exceptuadas aquellas onde existem os engenhos; em geral as do lado meridional da lagoa do Sul são superiores as do lado septentrional.

Toda a parte septentrional da lagoa do Sul presentemente não está povoada; antes porém da vinda de Luiz Barbalho era occupada pelas seguintes pessoas que obtiveram terras por doação de Diogo Soares da Cunha:

Começando do oriente ou da pequena egreja, a primeira doação foi feita a Manoel Gonçalves Evangelio e comprehendia meia legua ao longo da lagoa. O donatario retirou se por occasião da guerra.

Segue-se meia legua dada a Nicol (Nicoláo) Fernandes, que ficou residindo nesta conquista. Depois egual parcella concedida a Marcos de Torres, ausente; idem a Gonçalo Fernandes, ausente; idem a Leonora Bezerra, que reside no rio de S.

Francisco ; idem a Balthasar de Mattos, ausente ; idem a Manoel da Fonseca, ausente ; idem a Domingos Martins, que retirou-se e cujos filhos residem no rio de S. Francisco ; segue-se uma legua inteira dada ao padre Antonio Gonçalves, ausente, e foi esta a ultima doação feita por Diogo Soares da Cunha.

Toda esta parte septentrional da lagoa actualmente não é povoada ; está talvez inteiramente inculta e deserta, porque os poucos moradores que ahi ficaram depois da guerra se transportaram para a parte do Sul, onde fizeram assento, e se acham mais seguros contra os negros dos Palmares, porque ahi permanece a nossa guarnição.

Outrosim, toda essa orla ou borda do mar, que é o declive ou descida dos montes, é propria para plantação ; a planicie, que fica em cima, offerece uma razoavel pastagem e tem abundancia d'agua. Os moradores desta parte não costumavam alimentar-se de peixe, porque a praia não é tão apropriada para a pesca quanto a do lado do sul. As terras da parte occidental da lagoa são do Engenho Velho, que fica á beira mar e pertence a Domingos Rodrigues de Azevedo.

Quanto á pesca nestas lagoas, industria de que os moradores tiravam o seu maior proveito, faz-se nos mezes de verão, que é quando a agoa das lagoas se torna salobra e menos profunda ; na estação chuvosa pouco ou nenhum peixe apanha-se, porque as chuvas fazem a agua fresca, e os peixes fogem para o mar. Os que se pescam ahi são lucios, carapebas e principalmente curimães ; este é um peixe de pé a pé e meio de cumprimento, e nos mezes de Novembro, Dezembro e Janeiro engortam tanto que servem-se da pelle delle como oleo para arder nas lampadas. De uma curimã fresca podem tres pessoas fazer o seu jantar ; vende-se por seis *stuyvers*, e a carapeba por um ; a carimã secca vale oito *stuyvers*. Pesca-se á noite com redes de 60 até 70 braças de cumpri-

mento ; deitam-nas no logar onde percebem o peixe e impellem-no para ellas, batendo com os remos (n'agua) ; de dia, porém, ou em noites de luar claro, quando as redes podem ser vistas, é infructuosa a pesca, e por isso no plenilunio deve cessar durante uns oito dias.

No verão as lagoas tem constantemente sete a oito pés de profundeza, e a agua é um pouco salobra ; mas no inverno, quando os rios transbordam, eleva-se mais seis a sete pés e torna-se então de todo doce, e não é clara. Anteriormente havia de ordinario na lagoa do Sul dezesete a dezoito pescarias, mas actualmente só existem quatro.

A lagoa do Norte (que não é menos piscosa que a do Sul) foi dada com as suas terras circumvizinhas por Duarte de Albuquerque a Miguel Gonçalves Vieira, provedor da fazenda d'el rei, pois ditas terras estavam comprehendidas na doação que se lhe fez de cinco leguas ao longo da costa de Paripueira para o Sul, e de dez leguas para o sertão. Assim como Duarte Soares destribuio as terras da lagoa do Sul, o provedor destribuio as do Norte a differentes pessoas em dez datas, sendo cinco na parte do norte e outras tantas na do Sul ; mas os donatarios tendo-se passado para o inimigo durante a guerra, todas essas terras (que tem a mesma natureza das da lagoa do sul) estão vagas e inteiramente incultas, pois não ficaram ahi senão as pessoas declaradas na lista que vae baixo, e essas residem na parte do Sul da lagoa, onde têm duas pescarias.

As ilhas que ficam para baixo e para a parte da barra entre as duas lagoas são as seguintes :

A ilha *Massagueira*, dada por João Esteves á Misericordia. *Precario*, habitada por Manoel de Caldas, tem pasto para 300 a 400 animaes e terras proprias para mandioca.

A ilhota defronte da entrada é habitada por um portuguez e um paisano hollandez, que vivem da pesca ; de maré cheia fica na maxima parte alaga-

da e por causa da salsugem é impropria para pasto ou plantação. Perteneu a um individuo que retirou-se.

A ilhota, que fica justamente ao occidente da precedente, onde os barcos surgem, é da mesma natureza; habitam-na duas ou tres familias portuguezas que vivem da pesca. Pertence a Gabriel Soares.

As ilhotas (marcadas) no mappa para o lado da lagoa do Norte ficam alagados de maré (cheia); são improprias para a cultura ou habitação.

A ilha do *Porto*, situada no começo da lagoa do Sul, pertenceu a Antonio Porto, ausente; em alguns logares é propria para plantação, mas em tempo chuvoso, quando a agua da lagoa cresce, fica pela maior parte submergida.

A ilha ao oriente da da Misericordia, situada entre a barra e o caminho do Porto Francez, é propria para pasto e plantação de mandioca. E' occupada por Antonio de Castro, que se estabeleceu nella o anno passado com sua familia, e ahi tem uma soffrivel partida de gado, bem como tem feito boa plantação.

A ilha que fica ao oriente da barra e se estende ao longo da costa para a ponta de Jocara, não é habitada, pois os moradores retiraram-se para a Bahia.

No districto das Alagoas se encontram seis engenhos—tres na lagoa do Sul e tres na do Norte Tem excellentes terras para pastos e cannaviaes; mas, pela pobreza dos donos, ainda este anno não poderão ser postos em estado de moer.

Na lagoa do Sul o primeiro é o engenho de Domingos Rodrigues de Azevedo, de que já fallamos, situado ao lado occidental da lagoa e chegado á margem. Faltam-lhe a casa de moenda e a roda d'agua, mas o dono está serrando madeira para preparal-a e pretende moer no anno proximo, pois que tem provisão de cannas. Domingos Rodrigues comprou este engenho a Gabriel Soares.

O segundo é o engenho *Novo* de Gabriel Soa-

res, situado no rio Parahyba. Tem provisão de cannas, mas como a casa de moenda não está completa, nem a casa de purgar coberta, adiou a moagem para o anno proximo.

O terceiro é o engenho *S. Miguel*. Pertenceu a Antonio Barbalho Feio, que o vendeu pouco tempo antes de retirar-se para o inimigo a Marten Meynderse, paisano mercador. Actualmente está deserto, nada tem de pé senão a casa de purgar, as caldeiras de moenda e a mesma moenda. As terras são mui boas.

Os tres engenhos da lagoa do Norte estão situados no rio Mondai, que despeja no mesmo lago pelo lado occidental.

O primeiro ou o mais proximo pertence a Huybrecht e Jacob Cloet, e só tem a casa de purgar; tudo o mais está inteiramente arruinado.

O segundo pertence a Lucas de Abreu, ausente, e somente está em pé a capella.

O terceiro pertence a Antonio Martins Ribeiro. Posto que, por causa dos poucos negros que ahi existem, esteja tudo acabado, ainda não se pôde até o presente fazel-o moer; mas parece bem provavel que dos cinco engenhos seja este o que primeiro moerá.

A'vista do engenho de de Cloeten fica a aldeia *Mondai*, que se compõe de dez ou doze familias de indios e foi transferida para ahi de S. Antonio, junto ao Parahyba. Convindo muito que, para tranquillidade e segurança dos moradores das Alagoas contra os negros dos Palmares, S. Amaro fosse de novo habitado pelos indios (pois S. Amaro fica justamente na passagem), tiveram elles ordem de retirar-se de Mondai e estabelecer alli a sua aldeia; mas por causa da sua fraqueza não ousam residir em S. Amaro, salvo si se mantiver alli constantemente uma força de trinta ou quarenta soldados.

No districto das Alagoas se comprehendem de ordinario os campos de *Inhaú*, situados no rio de

S. Miguel, que passa de permeio. São conhecidos esses campos como os mais bellos pastos de todo o Brazil. Antes da guerra existia ahi uma incrivel copia de gado, e de presente não só se acham deshabitados pelo homem, como quasi não tem gado, não tanto em consequencia das excursões que por ahi houve (com o que se destruio uma grande parte delle), quanto por causa dos tigres que nessa região augmentaram, e especialmente por causa dos morcegos; visto como estes cahem sobre os animaes e lhes furam o couro com os seus dentes agudos, as moscas pousam immediatamente para sorver o sangue, e os bichos ou insectos apparecem, o que faz morrer o gado. Esta é a razão porque o gado, em vez de augmentar por si mesmo, está destruido e aniquilado. Mas, em sendo os campos habitados e o gado tratado, o mal a que agora está sujeito póde ser prevenido mais facilmente.

O caminho ordinario do engenho S. Miguel ou da aldeia situada defronte para os campos de Unhaú, segue ao sudoeste e ao longo do rio primeiramente, durante duas leguas de boas terras de pasto, até Furado, ribeiro que sahe no S. Miguel, e depois por tres leguas de campina secca ou charneca até o passo do rio, onde começam os campos de Inhaú.

As ditas cinco leguas pertenceram a Antonio Barbalho, que foi senhor do engenho S. Miguel.

Os campos de Unhaú pertenceram ás pessoas seguintes: a primeira meia legua (a contar) do dito passo a Gonçalo Ferreira, ausente; depois uma legua a Manoel de Caldas, que mora na ilha da Misericordia; duas leguas de terras, uma do lado do Norte e outra do lado do Sul do rio S. Miguel a Manoel Pinto Pereira, que reside em Serinhãem, mas vae morar nas Alagoas; duas leguas situadas junto ao rio a Gonçalo da Rocha Barbosa, ausente; duas leguas situadas do mesmo modo aos filhos de Brasio Correia Dantas, que ficaram

residindo nesta conquista ; meia legua a Bastião Ferreira, que reside na lagoa do Sul ; meia legua a Mathias Correia de Brito, que tambem ficou ; meia legua a Belchior Pinto, que reside em Serinhãem ; finalmente tres leguas a Belchior Alves, e estas são as ultimas que se descobriram nestas regiões. Todas essas terras (a contar) do passo do rio são as melhores e mais bellas pastagens do Brazil, e, como dissemos, estão presentemente desertas.

Pois que tratamos do rio de S. Miguel, diremos quaes as pessoas a quem pertenceram as suas respectivas terras. As terras situadas ao longo do rio da parte do norte, estendendo se para cima meia legua até o engenho de S. Miguel, pertenceram aos herdeiros de D. Genevra (Genoveva ?), viuva de D. Felippe de Moura, os quaes se passaram para o inimigo. Conservaram as terras para si somente, sem querer dal as a outrem, porque, como eram ricos, não queriam admittir nellas senão quem tivesse meios para levantar engenho, e para este fim desejavam conservar a madeira no seu todo ; finalmente deram meia legua de terras abaixo do engenho S. Miguel a Bastião Ferreira, mas este foi muito perseguido pelos negros do mato, e cerca de seis mezes passados estabeleceu a sua residencia na lagoa do Sul. Em toda esta região não se encontra gado, porque a terra é mui coberta de matas, e mais propria para plantação. E' cortada de muitos ribeiros.

Sobre as terras, que ficam ao Sul do rio, desputaram Gonçalves da Rocha e Belchior Alvares, e a questão compoz-se do seguinte modo : Belchior Alvares possuiria uma legua em quadro, sendo a primeira da barra para cima, e Gonçalves da Rocha quatro leguas ao longo do rio até a egreja de S. Miguel.

Descripto assim o estado das Alagoas, passamos a tratar do modo por que, segundo o nosso juizo, se deve proceder para, de conformidade com

a resolução tomada pela Assembléa dos Desenove a 3 de Outubro do anno passado, povoar-se este districto.

Cumpre considerar a natureza e condição das terras, como são beneficiadas, e a natureza e condição dos da nossa nação hollandeza, que residem nestas conquistas.

Quanto ás terras das Alagoas, ellas em sua maior parte foram utilisadas anteriormente para pastos ou plantações de mandioca e fumo, e para um ou outro trabalho é necessario o serviço de negros ou capital com que sejam comprados, porquanto no Brazil desde tempos antigos é costume empregarem-se negros neste mister. Os brancos abstem-se deste e quasi que de qualquer outro trabalho, e pouco mais fazem a não ser inspeccionar os negros, salvo quando fazem profissão de algum officio, como os de ferreiro, pedreiro, carpinteiro e outros que taes.

Os hollandezes e os subditos de outras nações, que se passam para o Brazil afim de estabelecer aqui a sua residencia, são ordinariamente pessoas de pouca fazenda, e ás mais das vezes o seu fito é vender a retalho alguma mercadoria, estabelecer taverna, ou exercer algum officio, e poucos são os que nos engenhos se occupam com a criação de animaes, plantação de canna ou cultura das terras. Do pequeno numero que a isto se tem dedicado, quasi que nenhum ha que tenha tirado proveito não só por falta de conhecimento do trabalho que emprehendem, como principalmente porque, sendo no Brazil as mercadorias europeas mui caras, a agricultura não póde dar fructos que lhes permittam manter-se devidamente, conforme a condição (que tinham) em sua patria.

Os moradores portuguezes, tanto os simples camponezes como tambem os senhores de engenho, estão affeitos commumente a viver de agua, farinha, um pouco de bacalháo e legumes ordinarios, de modo que em alguns engenhos não ha vi-

nho por muito tempo; os nossos compatriotas, porém, não se contentam somente com tomar á mesa um trago de vinho ou de cerveja, mas gostam tambem de reunir ás vezes os seus amigos, do que resulta que as despezas de manutenção são mui desiguaes: onde um póde subsistir, o outro se arruina. Seria, pois, mui desejavel que os da nação hollandeza se aproximassem um pouco mais da sobriedade dos moradores portuguezes do Brazil, com o que se tornariam mais aptos para povoar as terras. Mas difficilmente se póde alterar as qualidades naturaes, e só a necessidade os força muitas vezes a essa abstinencia (?), de que a não ser assim não querem saber.

Passamos a uma outra consideração, que é a difficuldade de auxiliar os novos colonos com capital bastante para que possam comprar os negros ou animaes necessarios, e com elles estabelecer-se e empregar-se na agricultura. Como as pessoas que se fazem colonos são de ordinario pouco abastadas, é-lhes penoso ganhar primeiramente para tanto, e aquelles que prosperam no Brazil ao ponto de fazer um bom peculio—e os ha muitos—preferem ficar nas suas casas ou continuar nos seus officios, com que se deram bem, ou esforçam-se por voltar á patria com os seus haveres, a applicarem á agricultura o seu conquistado capital, porquanto veem que até o presente poucos por esse meio enricaram.

Em geral os portuguezes tem observado o seguinte a respeito dos nossos compatriotas, e é que nenhum delles, por muito firme que seja a sua vontade (ou por confiança ou por qualquer outro motivo) de tentar fortuna no Brazil, deixa de ter os olhos fitos na patria, e toma a resolução de terminar aqui os seus dias. Não é isto um pequeno embaraço para dar-se firmeza á colonisação dos nossos.

O meio mais prompto e menos dispendioso que tem a Companhia para promover a colonisação

das Alagoas, bem pesadas as difficuldades que ficam expostas, consiste, ao nosso ver, em fazer com que a guarnição desse districto (a qual presentemente consta de duas companhia) se componha de gente casada, e que se lhes pague ahi todo o seu soldo e pensão alimenticia, afim de que tenham recursos para se manterem. Não convem que se lhes fique a dever o soldo mensal para que não procurem mudar de guarnição ou partir para a patria; de modo que, não vendo elles no presente melhor situação para si, se esforcem por passar melhor, e para isto terão nas Alagoas ensejo mais favoravel do que em qualquer outro logar do Brazil, tanto por causa das boas terras, como porque a região é tão piscosa que, alem de terem peixe barato, o poderão exportar em abundancia, com o que muita gente póde ganhar o alimento. Em circulando dinheiro, não é duvidoso que cada qual cuidará de tirar proveito da plantação, creação de gado grosso ou miudo, ou da pesca, e si algum chegar ao ponto de obter um ou dous negros—o que não é muito difficil, porque o preço dos negros é sempre modico, irão de quando em quando augmentando os recursos.

D'antes era tão grande a abundancia de farinha que muitas vezes o alqueire se vendia ahi por um escalino, porquanto produziam mensalmente oito mil alqueires, de sorte que havia uma grande navegação para exportação de viveres para o Recife.

Por todos os modos se deve trabalhar para este fim, si se quizer ver estas conquistas em um estado florescente.

Entregue no Concelho (do Recife) a 26 de Novembro de 1643.

Johannes van Walbeeck.

Henrique de Moucheron.

Lista dos Portuguezes que residiam nas Alagoas em 1643

Gabriel Soares, senhor do engenho Salgado ou engenho Novo; Matheus Correia de Brito, lavrador; Amaro Fernandes, feitor do capitão Willem Lamberse; Antonio Ribeiro; Estevão Tavares e seu cunhado; Antonio Cardoso; João Rodrigues, cada um com sua familia; Domingos Rodrigues d'Azevedo, senhor do engenho Velho; João Bezerra, seu feitor; Fernando de Souza, mestre ferreiro do engenho; Manoel Rodrigues, secretario do tribunal (dos escabinos).

Na lagoa do Sul

Capitão Manoel de Magalhães, Gregorio de Araujo, Gaspar Monis, Gonçalo Affonso, Balthasar Soares, Simão Correia, Gaspar Gedos, Domingo Francisco, André da Rocha, José de Figueiredo, Antonio Jorge, Gaspar Luiz, Manoel Pereira, Henrique Tassel, Domingo Rodrigues Pereira, Sebastião Pereira, Francisco André, Francisco de Caldas, Antonio Monis, Manoel Machado, Braz da Rocha, Domingo Fernandes, Manoel Lopes, Antonio de Castro, Pero Rodrigues, Manoel de Caldas, Belchior Fernandes, Gonçalo Fernandes de Souza, Manoel João, Antonio Pereira, Felipe Pereira e suas familias.

Na lagoa do Norte

Manoel da Costa, Antonio Fernandes Castilho, Domingos Pinto, Antonio Mendes, João de Vedeiro, Huybrecht Cloet, senhor de engenho; Antonio Martins Ribeiro, idem; Belchior Dias, seu feitor.

——

DESCRIPÇÃO

DOS

Quadros que o Conde Mauricio de Nassau offertou a Luiz XIV (1)

QUADRO DA LITTERA—C (2)

N. 1—C'est une pomme nommée *caschu.* Histoire des Indes du Docteur Pison, fol. 121.

N. 2—Une chataigne crûe à la pomme ; étant rotie, a le même goût d'une chataigne.

N. 3—Un Tapoyer de la nation qui mange les hommes; leur façon de vivre trouvera-t-on f. 24 sub capite de Regionibus et Indigenis Brasiliæ et Chilii.

N. 4—Une couleuvre ou serpent qui a 20 et 24 pieds de longueur, qui mange les hommes et de la venaison, et tout ce qu'il peut attraper; la peau du dit serpent se trouve-t-encore en l'Académie de Leyden. (Pison, f. 277, 279, 281).

N. 5—C'est un mangeur de vremies (fourmis), et il met sa langue, laquelle est fort longue et plus d'un aune, dans des trous des vremies, lesquelles croyant de manger sa langue, il les avale tout d'un coup, car il n'a point d'autre norriture, et avec la langue étroite, laquelle il sait si dextrement manier il attire l'eau. (Pis. 320).

N. 6—Un oiseau ; sa langue est une plume. (Pis. 92).

———

(1) Esta memoria se encontra entre os papeis do Conde Mauricio; archivo particular do rei da Hollanda.

Reproduzimos fielmente o texto, corrigindo somente a orthographia para facilitar a leitura.

(2) Os quadros das letras A e B não se referem ao Brazil, mas ao Chile, Perú e Angola.

N. 7—Sont des cocos; il y a de l'eau là dedans, et du blanc, qui est en dedans, on peut faire du lait, un grand rafraichissement, principalement en mer ; chaque neud coute deux sous. (Pis 130).

N. 8—Un ananas, le meilleur fruit qui est en tout le Brésil, qui a le goût comme du musque ; la description de ce fruit on trouvera fol. 195.

N. 9—Une chèvre.

LE TABLEAU DE LA LIT.—D

N. 1—Cassia (Pis. 143).

N. 2—C'est un fruit qui a la forme d'un stomac. (Pis. 260).

N. 3—Fantaisie pour représenter une rivière, de laquelle il ne se faut pas servir dans les grands tableaux.

N. 4—Un poisson qui vole si longtemps, que ses ailes mouillées pour se sauver, quand les autres poissons le chassent, et plusieurs se jetent par hasard dans les bateaux en mer ; c'est un bon manger. (Pis. 61).

N. 5—Un cheval marin ; on l'a trouvé en Brésil, dont la peau est présentement encore en l'Académie de Leyden.

N. 6—Un léopard.

N. 7—Un Rhinoceros qui peut vaincre un éléphant à cause de la corne. N. B. Cette corne est très bonne contre le venin et d'autres maux.

N. 8—Une biche.

N. 9—Un sanglier. (Pis. 98).

N. 10—La canne, dont on presse le sucre dans les moulins, qui est á voir fol. 108, tournés par quatre bœufs.

N. 11—C'est comme on plante les cannes en terre, et de chaque neud il croit une autre canne, si grande comme les autres, et il est très remarquable, quand un harpan (arpent) est planté une

fois, en quatre vingts ans on n'a pas à faire de les replanter, non obstant qu'il a été brulé, comme les ennemis font souvent. (Pis. 109).

N. 12—Un loup.

N. 13—Un petit crocodile, dont il y en a qui ont cinq et six pieds de longuer.

LE TABLEAU DE LA LIT.—E

N. 1—C'est un animal qu'on appelle le *Paresseux*, qui va si lentement, qu'il lui faut plusieurs jours pour monter un arbre. (Pis. 32).

N. 2—Un moulin á sucre tourné par une revière. Des chaudières dans lesquelles on écume le sucre; on les trouvera dans l'histoire du Docteur Pison, fol. 110. On les peut mettre dans les grands tableaux aussi grands que nature; numéro un ce sont les formes, dans lesquelles on met le sucre.

N. 3—Un portugais qui conduit une *Senhora de Engenho*.

N. 4—La canne de sucre.

N. 5—La racine nommée *mandioca*, dont on fait de la farine pour la manger ou bien du pain. (P., 114).

N. 6—Une charrette à la mode de ce pays-lá, sur lesquelles on mène ordinairement les cofres du sucre.

N. 7—C'est un melon à eau, qui rafraichit extrémement.

N. 8—La vraie taille des bœufs du Brésil qui son extrémement furieux, principalement ceux qui ne sont pas chatrés.

LE TABLEAU DE LA LIT—F

N. 1—Un fruit qui se nomme *Bacovas*, fort

doux et bon à manger tout cru, l'arbre a le même nom; de ses grandes feuilles les Brésiliens couvrent leurs hutes. (Pis. 154),

N. 2—Une sorte de flèche avec un bouton pour tirer des perroquets ou autres oiseaux, pour les tenir vivants, et s'il y a une pointe du bois du Brésil, qui est très dur, ils percent une porte, même un corselet de fer, comme les picquiers les solent autrefois porter en Hollande. (Pis. 154).

N. 3—Une *mulata*, dont sa mère a été nègre, et son père un blanc; de cette façon ils portent toujours les fruits.

N. 4—Des raisins; ils murissent quatre fois l'année, fort doux, et le vin en est très agréable, et quand on les plante, trois mois après il portent du fruit.

N. 5—L'ornement des Tapoyers fait de plumes.

N. 6—Un fort nommé Porto Calvo, pris des ennemis.

N. 7—Des Tapoyers qui pêchent.

N. 8—C'est de la farine, qu'on mange au lieu du pain, fait d'une racine. (Pis. 114).

LE TABLEAU DE LA LIT.—G

N. 1—Un autruche, dont on fait les plumes, qu'on porte aux chapeaux; ils ne volent point, mais ils courent aussi vite qu'un cheval, et ordinairement ils mettent leurs courses afin qu'ils ayent le vent en poupe, et pour aller plus vite ils levent tantôt une aile et tantôt l'autre; on les prend à cheval avec des lances en pleine course; les cuisses son extrémement bonnes, et tout de même si delicat comme un chevreau; ils avalent des pipes de tabac, et même des morceaux de fer.

N. 3—Un animal qui s'appelle *anta*, quasi comme un éléphant, fort sauvage, mais bon á manger.

N. 4—Un vrai tigre, mais d'une extreme grandeur. (Pis. 103).

N. 5—Un sanglier (Pis. 98).

N. 6—Une autre espèce de tigre qui a le poil fort uni.

N. 7—C'est la feuille de la *mandioca*.

N. 8—La racine fendue, dont on fait la farine.

N. 9—Une bute en terre relevée, dans laquelle on plante des morceaux de bois de la susdite racine, tout de même comme on plante le houblon, et en huit mois de temps la racine gagne cette grandeur n. 8. Le (sic) liqueur de la dite racine étant pressé est blanc comme du lait, et grand venin tant pour les hommes que pour touts les animaux, hormis les chevaux (?); la racine étant coupée en petits morceaux engraisse un cheval, fol. 115. Une roue ferrée, litt. A, en façon d'une raspe, avec laquelle on rend la racine menue. Litt. B c'est une presse, dans laquelle on presse le liqueur de la dite racine. C'est un chaudron de cuivre, dans lequel on sèchel a susdite farine, fort nourissante pour les hommes.

N. B. Il faut peindre ceci dans les grands tableaux à la grandeur et proportion des figures. (P., 114).

N. 10—Un crocodile qui mange même les hommes, s'il en peut devenir maitre.

LE TABLEAUX DE LA LIT.—**II**

N. 1—Fantaisie pour représenter une revière, de laquelle il ne se faut pas servir dans les grands tableaux.

N. 2—C'est un arbre qui porte des figues, un fort bon manger.

N. 3—C'est ce perroquet, du quel on a entendu parler, qui repondait à tout ce qu'on lui mandait, et même il fit des questions aux hommes, mais tout à la langue brèsilienne; mais les truchements

en firent rapport, qu'il n'a vecu que trois semaines, tout le monde a cru qu'un diable brésilien a parlé pour lui. (1)

N. 4—La façon des pots, dans laquelle (sic) on va quérir de l'eau douce.

N. 5—Une femme d'un Tapoyer.

N. 6—Ce sont les armes des Tapoyers.

N. 7—C'est une nègre (sic), toute rousse, les cheveux et la peau de même.

N. 9—Un Tapoyer, qui dort entre quatre femmes nues sans se mouvoir.

LE TABLEAU DE LA LIT.—I

N. 1—Uu animal fort étrange. (P., 99)

N. 2—Un animal, dont ses jeunes sortent et

---

(1) E' este o celebre papagaio de que trata W. Temple, denominado *le Chevalier Temple*, em suas *Memorias*, p. 66. edic. da Hollanda, anno de 1692. citadas nesta parte pelo philosopho Locke no *Ensaio do Entendimento Humano*, liv. 2, cap 27, §8.

« Eu desejava saber do proprio principe Mauricio de Nassau, diz o autor das *Memorias*, o que havia de verdadeiro em uma historia que varias vezes haviam contado acerca de um papagaio que o principe possuio durante o seu governo do Brazil.

« Dizia-se que esse papagaio interrogava e dava respostas tão acertadas, como si fôra uma creatura racional, pelo que acreditava-se na casa do principe que o tal papagaio andava *possesso*. Accrescentava-se que um dos capellães do principe tomára tamanha aversão aos papagaios por causa daquelle, que não podia supportal-os, dizendo que elles tinham o diabo no corpo.

« Ouvi referir todas estas circumstancias e muitas outras que me asseguravam serem verdadeiras, e isto me levou a rogar ao principe que me dissesse o que de verdadeiro havia em tudo isso.

« Respondeu-me elle com a sua costumada franqueza e em poucas palavras: que havia alguma cousa de real, mas que a maior parte do que me haviam contado era falso. E então referio-me que, quando chegou ao Brazil, ouvio fallar nesse tal papagaio; e, com quanto suppozesse que nada de real havia no conto, teve a curiosidade de o mandar vir, apezar de achar-se o papagaio muito longe do logar onde o principe residia.

« O passaro era muito velho e muito gordo. Quando entrou na sala, onde se achava o principe acompanhado de varios Hollandezes, e tanto que os vio, foi dizendo: *que reunião de*

entrent dans le ventre, quand ils voient ou perçoivent quelque chose, dont ils ont peur.

N. 3—Un oiseau fort rare (P. 88).

LE TABLEAUX DE LA LIT.—**K**

Tout sorte d'oiseau peints à naturel

N. 1—C'est un animal; son poil reluit comme de l'or, et est doux et plus fin que le castor. (1)

LE TABLEAU DE LA LIT.—**L**

N. 1—C'est un poisson; quand on en mange,

———

homens brancos é esta? Alguem lhe mostrou o principe, perguntando *quem elle era?* O papagaio respondeu que *era um general*.

« Aproximaram-no do principe, e este lhe perguntou: *d'onde vens?*—Papagaio: *Do Maranhão.*—Principe: *A quem pertences?*—Papagaio: *A um portuguez.*—Principe: *O que fazias lá?* —Papagaio: *Guardo gallinhas.*—Principe, rindo-se: *Guardas gallinhas?*—Papagaio: *Sim, eu bem sei fazer chuc, chuc* (como se costuma fazer, quando se chamam as gallinhas, o que o papagaio repetio varias vezes.)

« Repito as palavras desse interessante dialogo em francez, como o principe m'as transmittio. Perguntando-lhe eu em que lingua fallava o papagaio, disse-me que em *braziliense*. Perguntei-lhe tambem si elle principe entendia essa lingua, respondeu-me que não, mas que teve o cuidado de fazer vir dous interpretes, um brazileiro que fallava hollandez, e outro hollandez que fallava *braziliense*; que os interrogára separadamente, e que ambos reproduziram as mesmas phrases.

« Não omitti esta historia, porque é ella extremamente singular e curiosa, e pode passar por certa. Ouso dizer que pelo menos o principe acreditava o que me dizia, e que elle sempre passou por homem de bem e de honra. Deixo aos naturalistas o cuidado de raciocinar sobre este caso, e aos outros homens a liberdade de pensar a tal respeito o que bem lhes aprouver. Seja como for, conclue o cavalheiro Temple, não é talvez de máo gosto destrahir o publico com taes digressões, venham ou não a proposito. »

Papagaio ou *arara*?

(1) O resto da pagina em branco.

on demeure soul, ou comme enivré si longtemps jusques à ce que la digestion est faite. (P., 301)

N. 2—C'est un petit perroquet.

N. 3—Changade (jangada) dont le bois est fort leger, et douse pieds de longueur; les négres sont dessus pour pêcher en mer.

N. 4—Sont les œufs ou semence d'un poisson en mer. (P., 51)

N. 5—Sont les chevilles qui tiennent ces trois bois ensemble.

N. 6—Ce sont des bâtons, auxquels ils atachent les poissons qu'ils ont pris; il faut savoir que en mer ils mettent une petite voile sur un bâton, qu'ils ont auprès d'eux, pour aller tant plus vite, et quand il ne fait point de vent, ils vont à la rame.

LE TABLEAU DE LA LIT.—M

Un Tapoyer peint au naturel de la nation qui mange les hommes, avec une femme de la même nation, ornés et habillés à leur mode ordinaire. Le blanc qu'il a dans les oreilles c'est du coton, de quoi il se sert, quand il fait du feu. Pour faire du feu, il met une flèche sur un bois, et la tourne vitement entre les deux mains, tellement qu'il en prend du feu.

Les deux os ou des pièces du (sic) pipe de tabac, qu'il a au côté de la bouche, lui servent d'un grand ornement, à ce qu'il croit. Ce verd qu'il a au dessous de la lèvre, c'est une certaine pierre, et marque qu'il est marié. Ce qu'il a dans sa main droite, c'est son épée de bois extrémement dur et pesant, de quoi il se sert pour tuer des hommes, ou quand ils ont guerre entre eux mêmes. Pour cacher leur nudité, l'homme se lie avec un petit ruban, et la femme met nn bouquet d'un arbre devant et derrière. Cet animal qui est auprès de lui, c'est le mangeur de vremis.

La danse des Tapoyers se fait en chantant avec un grand cri. de tout ce que leurs prédécesseurs et pères ont fait en temps de guerre, et combien de Portugais ils ont tué, et ce qu'ils ont souffert d'eux, tellement que chaque chanson leur sert de memoire, comme (chez) nous les histoires. Même on est assuré qu'ils chantent encore présentement au louange du prince Maurice de Nassau et de ses bienfaits à eux. puisqu'ils ont promis de le faire; une autre troupe de la même nation qui vient aussi pour danser ou entendre leurs histoires.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**A A** (2)

Un moulin à sucre tourné par une petite revière.

Au haut de la montagne c'est la chapelle, et plus bas la maison du seigneur du moulin. En bas c'est la maison du Portugais, qui plante le sucre. De delà la revière au haut de la montagne c'est la demeure d'un des principaux Portugais, qui plante le sucre, et la chapelle plus haut.

N. B. Tout ce qu'on voit dans le pays, ce qui a la couleur jaunâtre, c'est de la canne, dont on presse le sucre.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**B B**

Au haut de la montagne c'est la chapelle d'un village, qui est là auprès. Un cloitre des pères capucins de l'ordre de S. Franciscus. La maison d'un portugais noble.

N. B. Tout ce qu'on voit dans le pays, ce qui a la couleur jaunâtre, c'est de la canne, dont on presse le sucre.

(2) Ignoramos si falta a serie de M a Z.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**C C**

Un moulin à sucre tourné par quatre bœufs avec la maison du seigneur et la chapelle. La ruine d'une grande et belle église.
N. B. La même remarque.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**D D**

La demeure d'un labrador, c'est-à-dire,. qui ne se mèle d'autre chose que de planter de la canne.
N. B. La même remarque.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**E E**

Trois diverses maisons ou habitations des *lavradores* qui plantent le sucre, N. B. Idem.

Au bord de la rivière, laquelle s'appelle Parahyba, c'est un fort nommée *Margareta*.

Au haut de la montague c'est la ville de la Parahyba avec une tour blanche, laquelle sert pour un signal à l'entrée de la revière susdite, la nuit on y fait du feu.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**F F**

C'est la ville d'Olinda avec leurs églises et cloitres ruinés sur une montagne vis-à-vis de la mer; ce qu'on voit de loin est le Recife, la demeure de la regence et des marchands hollandais et juifs, et magasins du sucre, le havre des grands vaisseaux, comme aussi la demeure du prince Maurice de Nassau, gouverneur du Brésil, a savoir, la où est la maison avec les deux tours blanches.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**G G**

Un moulin à sucre tourné par l'eau avec les fours, où on cuit le (sic) liqueur de la canne dont on fait le sucre.

A' l'embouchure du fourneau, le feu est si ardent que les négres esclaves aiment mieux de mourir, et s'empoisonnent, s'ils peuvent, que de souffrir cette chaleur.

Les Portugais pour leur empêcher de faire, ils leur coupent le garet (jarret?). D'autres qui ont les véroles se guérissent devant un tel four. Au plus haut de la montagne c'est la chapelle, plus bas c'est la demeure du seigneur du moulin. N. B. Idem.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**H H**

C'est la ruine de la belle église das pères jesuites dans la ville d'Olinda, laquelle était fort ornée d'or en dedans; ils y disent encore la messe, et font leur service.

La revière se nomme *Bibaribi*; de delà c'est um moulin à sucre avec la demeure du seigneur, et plus haut la chapelle. N. B. Idem.

LE TABLEAU DE LA LIT.—**I I**

Un chàpelle et la demeure des Portugais. Un couvent des pères Augustins, et plus bas un village où demeurent des Portugais. N. B. Idem.

FIM

DOCUMENTOS

PELA MAIOR PARTE EM PORTUGUEZ

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS (1)

* Ao Illm. Sr. Mathias deAlbuquerque, governador e supertendente de guerra da villa e capitania de Pernambuco, como tambem todas as mais pessoas ecclesiasticas, cidadãos, moradores, indios e todo o mais genero de pessoas desta dita capitania de qualquer estado e condição que sejam, paz e saude.

Supposto que os altos e mui poderosos Senhores os Estados das Provincias Unidas e juntamente os illustrissimos Senhores participantes da Companhia das Indias Occidentaes sempre foram de intento tratar com os moradores naturaes e todas as mais pessoas assistentes nesta dita Capitania e mais Provincias com todo o amor, bom trato e em tudo mui amigavel commercio, sem que á pessoa alguma, por minima que seja, se lhe faça oppressão, nem menos os obriguem no particular de sua consciencia, ou lhe seja feita força alguma contra sua profissão e juramento, nem cousa em que possam receber damno ou prejuizo, senão em tudo favor e amparo; comtudo parece que foi Deus assim servido que a villa de Olinda, Recife, fortalezas com todas as mais dependencias se rendessem a força das armas, sendo que o nosso intento era e o desejavamos muito si para isso houvesse havido

---

(1) * designa os documentos existentes no Archivo Real de Haya, e ** os do Archivo particular do rei da Hollanda.

logar, que tudo se entregasse com bom accordo e composição, para que assim os cidadãos e moradores em tudo ficassem possuindo e gozando seus bens, liberdade de seu commercio e consciencia, como dantes faziam, e ainda aventajados em tudo no que podesse ser; e poisque tudo assim succedeu e são já passados alguns mezes que uns com os outros e outros com os outros nos havemos com toda a inimizade e guerra campal, podemos todavia com ajuda de Deus, sem que nos faça falta a muita força e poder que em breve esperamos, com muita facilidade sustental-a e attender a todas as difficuldades e quaesquer imposibilidades e acommettimentos que sejam, o que sendo assim consideramos e achamos que a dita villa de Olinda nos não é de proveito algum, mas antes poderia ser de perda e oppressão; pelo que commettemos a V. S. obrigados de um amor entranhavel e christão, como tambem pela muita lastima que das perdas e damnos de V. S. temos e do muito sangue que se deve derramar, indo o negocio adeante, se sirva de que nos accordemos e queira acceitar nossa amizade e bom zelo, e quando V. S. haja por bem de que isso assim seja e que nos communiquemos e vejamos, daremos assim aos ecclesiasticos como seculares em tudo todo o contentamento e gosto possivel, e será de sorte que ainda nos darão as graças dos accordos e partidos que com V. S. fizermos, o que tudo cumpriremos, e receberemos a V. S. e aos seus com os braços abertos com muito amor e amisade, e em caso que V. S. não responder, desestimando nossa paz e liberalidade naquillo que é resão, apezar nosso e de V. S. seremos obrigados levar a guerra adeante com todo o rigor, pondo fogo nos suntuosos conventos, edificios desta villa de Olinda até arrasar-se, e isto não obrigados por barbarismos humanos nem que nos dêm alegria as perdas e damnos de V. S., como resão que a teve de pôr fogo a sua patria, senão pela obrigação que nos corre, a lei de soldados e segundo es-

tylo de guerra, não consentiremos nem deixaremos ventagem a nosso inimigo, protestando a Deus e ao mundo que será muito contra a nossa vontade, lastimados da adversidade que d'ahi lhe virá a V. S. E por esta occasião usamos desta advertencia, pedindo a V. S. e a cada um em particular e a todos em geral, assim ecclesiasticos como seculares, tanto quanto amam e desejam a conservação e tranquillidade de sua patria, e fazendo hajam por bem V. S. e seus valedores dar ordem para que dentro no termo de 25 dias, que se cumprirão 20 deste mez de Outubro, se nos manifeste seu intento, aliás passado o dito tempo, sem que V. S. nos responda sobre este caso, no que não duvidamos, se porá em execução o acima dito, apartando de nós toda a clemencia, usando de todo o rigor, do que V. S. será causa, e dará conta a Deus das perdas e menoscabos que a esta villa virão, abrazando-a e destruindo-a até a deixar feita cinza, e assim queira V. S. com tempo deliberar-se atalhando os damnos que d'aqui hão de resultar. Guarde Deus a V. S. Feito no Concelho d'Estado a 6 de Outubro de 1830, (Sem assignatura).

———

** Sua Excellencia e mui nobres Senhores do Supremo e secreto Concelho, a todos os moradores desta conquista do Brazil, mandamos saber como para prevenir faltas de mantimento de farinha que causasse alguma fome entre os moradores, especialmente os pobres, que nos vae ameaçando por os negros dos lavradores de roças se occuparem em prantar assucares; portanto a todos quaesquer moradores, assi senhores de engenho e lavradores de canna e roças, sem alguma falta façam prantar por cada peça de trabalho que tiver 200 covas no mez de Agosto, sob pena de quem *negliger* (sic) prantar as ditas obrigações de 200 covas pagar por *amenda* (sic) o valor da falta que nisso houver;

portanto mandamos o nosso fiscal e officiaes de justiça que com muita attenção se informem sobre os que forem em falta por assi nos parecer servir pera o bem do povo todo. Felto em nosso Concelho, hoje 13 de Abril de 1638.

Por ordem de Sua Excellencia e Supremo Concelho

Carpentier

——

** Sua Excellencia e mui nobres Senhores do Supremo Concelho fazemos saber a todos os moradores do Estado conquistado do Brazil, mandamos saber como para prevenir faltas de mantimento de farinhas que causasse alguma fome entre os moradores, especialmente os pobres, que nos ia ameaçando por os negros dos lavradores de roças se occuparem em prantar cannas, tinhamos o anno passado publicado um mandado por onde obrigamos aos moradores a que plantassem roças, ao qual muito poucos obedeceram; portanto nos pareceu necessario renovar o dito edital, e de novo mandamos a todos quaesquer moradores, assi senhores de engenho e lavradores de canna e roças, que sem alguma falta façam plantar por cada peça de trabalho que tiverem 200 covas de mandioca, a saber, 100 covas neste mez de Janeiro e outras 100 no mez de Agosto proximo, sob pena de quem não quizer prantar as ditas obrigações de 200 covas digo 400 covas pagará por a emenda o valor da falta que nisso houver, e quem se achar por devassa que agora mandamos tirar não ter plantado o anno passado e mais negligente de plantar este anno pagará a emenda dobrada. Portanto mandamos o nosso fiscal e aos officiaes de justiça que com muita attenção e diligencia se informem sobre os que forem em falta e procedam contra elles até se executarem em conformidade deste e por assi nos prazer servir para o bem do povo todo.

Feito em nosso Concelho, hoje 18 de Janeiro de 1639—Recife. Por ordem de S. Exc. e Supremo Concelho

Carpentier.

——

" S. Exc. e os mui nobres senhores do Supremo Concelho a todos os moradores deste Estado do Brazil, debaixo da obediencia dos mui altos e poderosos Senhores Estados das Unidas Provincias dos Paizes Baixos e illustre Companhia das Indias Occidentaes, mandamos saber como pera boa economia deste Estado não somente será necessario prover de presente sobejem mantimentos e farinhas pera os moradores e nossas guarnições, mas pertencer a bons economos prever principalmente que não haja falta no tempo vindouro; portanto mandamos que todos os senhores de engenho e seus lavradores de cannaviaes, assi framengos como portuguezes, prantem neste mez de Agosto e Setembro que vem por cada negro e negra de trabalho 250 covas de mandioca e outras tantas no mez de Janeiro do anno de 1640, e os outros moradores assi portuguezes como framengos que não tiverem engenhos nem cannaviaes, mandamos que plantem por cada negro e negra de trabalho que tiverem 500 covas de mandioca no mez de Agosto e Setembro e outras tantas no mez de Janeiro proximo, sob pena de quem não tiver prantado as ditas obrigações no mez de Agosto ou Setembro, sendo portuguez ser tido por desleal e pouco afeiçoado a este Estado, e si tambem faltar em Janeiro proximo ir preso á cadeia e ser castigado como desleal, e mandado fóra desta terra, ou como nos parecer, e sendo framengo, alem do castigo acima pagará a real por cada cova que faltar, e pera que este nosso edital alcance seu plenario effeito mandamos a nosso fiscal, ouvidores, escoltetos, escabinos e todos os officiaes de justiça inquiram e se informem

das justiças, e o mandem executar conforme neste edital se contem sem respeito de pessoas framengas ou portuguezas, ou conveniencia nenhuma, sob pena de serem privados de seus officios, e pera que ninguem possa pretender ignorancia, mandamos aos nossos escoltetos e escabinos que mandem publicar este edital por todas as partes, praças e logares publicos e egrejas, donde é uso e costume, pera que venha á noticia de todos.

Feita em nosso Concelho, hoje 25 de Julho de 1639.—Recife. Por ordem de S. Exc. e Supremo Concelho

Carpentier.

Maurice, comte de Nassau.

O qual treslado de edital eu Manoel Ribeiro de Sá, publico tabellião do judicial e notas da cidade Mauricia e seus termos, capitania de Pernambuco, e secretario da Camara della o fiz tresladar do proprio que fica em meu poder, a que me reporto e com elle o concertei, subscrevi e assignei de meu signal raso em os 3 dias de Setembro de 1640 annos.

Manoel Ribeiro de Sa.

———

** S. Exc. e mui nobres senhores do Supremo Concelho fazemos saber a todos os moradores de nossa residencia nas capitanias conquistadas neste Estado do Brazil que, antevendo nós o anno passado a falta que havia de succeder do mantimento da terra, e querendo, como é resão, remedial-a com tempo, procurando e attendendo mais ao bem commum que a outro nenhum respeito, mandamos publicar por nossos editaes, que foram fixados em todas as partes publicas das ditas capitanias, que todos os senhores de engenho e lavradores de cannas de qualquer calidade e nação que fossem, pran-

tassem no mez de Agosto e Setembro por cada negro e negra de trabalho 250 covas de mandioca e outras tantas no mez de Janeiro seguinte, e outros moradores de qualquer nação que fossem prantassem por cada negro e negra de trabalho que tivessem 500 covas de mandioca em cada um dos ditos tempos, sob as penas contidas nos ditos editaes; porquanto a falta presente nos tem mostrado que o nosso mandado se não cumprio, e que a maior parte dos senhores de engenho e mais moradores não prantaram a dita cantidade de covas de farinha, como lhe foi mandado, e as penas que foram postas são de tal calidade que pera se executarem era necessario preceder primeiro (vistoria ?), e considerando que se podia allegar por escusa a perturbação que os moradores padeceram com as tropas inimigas e successos da guerra que os ameaçaram e outros justos respeitos e dependencias, houvemos por bem de nesta occasião não tratar da execução das ditas penas e somente attender e procurar o remedio da falta do dito mantimento da farinha da terra, pera o que de novo determinamos e mandamos a todos os sobreditos que nenhum senhor de engenho nem lavrador de canas de qualquer calidade e nação que seja, comece a fazer assucre esta safra seguinte que tem principio no 1° dia de Agosto, sem ter primeiro prantado 300 covas de mandioca por cada peça de trabalho negro e negra que tiver, sob as mesmas penas por nós postas nos editaes passados, em que serão executados a nosso arbitrio, e além dessas perderão os que o contrario fizerem todo o assucre que tiverem feito, si deitarem a moer antes de fazer a dita pranta de mandioca que lhe é mandada por este edital, e este assucre cobrarão os nossos escoltetos e applicarão a metade para si e a outra metade para a obra da ponte que ora se edifica na passagem do Recife, e para execução da dita pena correrão os escoltetos no mez de Outubro todos os engenhos de seu districto, fazendo pesquizas e exa-

24

me do cumprimento deste novo mandado ; e porquanto no mez de Janeiro é tempo da moenda do assucre, escusamos pela dita occupação aos senhores de engenho de mais pranta de mandioca no decurso do anno, mas não aos lavradores de canna, que a esses mandamos sob as mesmas penas referidas que no mez de Janeiro e Fevereiro prante cada um 200 covas de mandioca por cada peça de trabalho que tiver negro e negra na mesma forma que acima é declarado, e aos outros lavradores que não tiverem engenhos nem canna, que nos ditos tempos declarados de Agosto e Janeiro prantem por cada peça de negro e negra que tiverem 500 covas de mandioca em cada um dos ditos tempos, que vem a ser a mil covas por anno sob as penas contidas nos nossos editaes passados para se executarem a nosso arbitrio, e além dessas encorrerão em pena de metade dos escravos que tiverem de trabalho, a qual applicamos na mesma forma que fica applicada a pena posta aos senhores de engenho e lavradores de canna, sendo certos uns e outros que rigorosamente havemos de mandar executar e observar este nosso mandamento pela grande importancia que em si inclue, e pera cumprimento delle não permittiremos que haja esquecimento ou escusa, nem o haverá em nós de assi o mandarmos executar, porquanto delle depende todo o remedio deste Estado e bem commum, e o contrario seria destruirmo-nos por nossas mesmas mãos, ao tempo que Deus nos guarda evidentemente e defende das dos nossos inimigos, e desde logo mandamos pera bom cumprimento deste decreto a nossos escoltetos e escabinos e todos os mais officiaes de justiça façam suas inquirições e devassas contra os transgressores deste dito decreto e os mandem prender para serem punidos, como temos ordenado, o que farão sem respeito de pessoa, nem nacções (?), nem parentesco, nem outra alguma conveniencia, sob pena de serem privados de seus officios ; e declaramos que a dita pranta de man-

dioca se fará na forma costumada pera que bem fructifique, cuja approvação ou reprovação pertence aos escabinos a requerimento dos escoltetos: e pera que o povo possa ser livre de toda a molestia, concedemos que aquelle que tiver prantado sua obrigação o manifeste na camara de sua jurísdicção ao presidente dos escabinos, e com certidão da approvação da pranta a que é obrigado ficará isento de o escolteto o poder examinar, nem chamar mais a juizo por este caso senão a quem enganosamente passar ou mandar passar a dita certidão E porquanto a nossa tenção não é outra mais que acudir ao bem commum, encommendamos e mandamos a todos os parochos que nos dias festivos nas estações que fazem ao povo lhe encommendem, cada 15 dias ao menos, a pranta de mandioca, conforme lhe temos mandado, e que se guardem das penas postas, pera que depois não possam allegar innocencia nem arequerer perdão, e os parochos que não fizerem esta recomendação o teremos por suspeito a nossos Estados, porquanto nossa tenção não é outra que dar o devido cumprimento a este nosso decreto pera bem commum, pera o que mandamos fixar este em todos os logares publicos desta conquista.

Dado neste nosso Supremo Concelho aos 15 dias do mez de Abril de 1640.

Mauricio, comte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e senhores do Supremo Concelho,

João Walbeeck.

S. Exc. e os Senhores do Supremo Concelho fazemos saber que, porquanto assim convem ao

bom governo e segurança deste Estado, quietação e defensão deste povo, mandamos que, dentro em......... dias que começam o primeiro do dia da data deste nosso mandamento, a toda a pessoa de qualquer calidade, condição, nação e religião que seja, que morar fora do Recife e cidade Mauricia e fora da fortalesa, não exceptuando a ninguem, brancos, negros, mulatos e mamalucos, portuguezes, francezes ou flamengos, não sendo pessoa que actualmente serve em nossa milicia, logo entreguem todas as armas e toda a polvora e munição que tiverem aos comendores da freguezia mais vizinha, ou a quem alli estiver por nossa ordem para as receber; não exceptuando arma alguma feita pera ferir ou matar, ou seja espada ou adaga ou dardo, e em 1.º logar as armas de fogo. Mas não entendemos serem armas os instrumentos ou ferramentas dos engenhos e lavradores, tirados os facalhões dos carreiros que reputamos por armas, e receberão quitação da cantidade e calidade das armas que se entregarem, sob pena que, sem alguma remissão ou esperança de perdão, será morto enforcado aquelle que se achar que ficou com arma alguma depois de passado este termo, a qual pena se executará com o mesmo ou maior rigor do que foi antigamente no tempo da guerra, e achando-se armas escondidas a algum dos moradores serão obrigados todos de sua freguezia a responder por elle, e S. Exc., depois da dita entrega das armas, as concederá somente a quem lhe parecer digno dellas, e ninguem sob a mesma pena poderá d'aqui por deante fazer outras armas ou tel-as nunca sem ordem de S. Exc., nem ferreiro algum ou armeiro forjará ou fará arma alguma em nenhum tempo sob a mesma pena, das quaes cousas todo aquelle que for accusador em publico ou em secreto o teremos por mui fiel e honrado vassalo deste Estado, e lhe daremos sobre isto por premio 100 florins, e mais si o caso fôr tal que o merecer.

Dado em este nosso Concelho hoje.......... (sem data.)

Mauricio, Comte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e dos Senhores do Supremo Concelho.

J. van Walbeeck.

—

" Porquanto a pena de forca e morte natural para sempre, posta por nosso edital publico sobre a restituição das armas, infallivelmente se ha de cumprir e muito sentiremos que alguma pesssoa, ou por inadvertencia ou por malicia, incorra na dita pena, não havendo entregue as armas que tiver, como lhe foi mandado, e querendo desviar tamanho mal a todos nossos subditos, porque a todos desejamos larga vida, e não tiral-a, de novo os admoestamos a todos de qualquer calidade, e condição, e nação que sejam, que si, por inadvertencia, curiosidade ou malicia, ficou algum com alguma arma, entregue logo ao commendor do presidio mais visinho; o que se não entende com aquelles que, depois do presente edital, tem nova nossa licença e passaporte de S. Exc. para ter armas, e para isso lhe concedemos de termo....... (em branco) dias, depois do dia da data deste, dentro nos quaes o relevamos da pena posta, e acabados elles lhe fazemos saber que fica fechada a porta a toda a remição, e se executarão as penas de forca e morte natural para sempre conteudas no nosso mandado sobre a dita materia, e para nos virem á noticia os culpados retensores de armas mandaremos fazer as diligencias necessarias.

Dado no Supremo Concelho, aos........ dias de............... 1643 annos.

J. Mauricio, Comte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e mui nobres Senhores do Supremo Concelho.

J. van Walbeeck.

—

** Porquanto me ha chegado a minha noticia que o escoltete e dous escabinos portuguezes fizeram geral composição sobre penas e condemnações que podiam dever-se, sem examinar em juizo a verdade e justiça, as quaes composições são contra as instrucções do mesmo escoltete, e contra o que os ditos escabinos devem observar no cargo que tem de julgar, pois não podem condemnar a ninguem senão em juizo, ouvidas as partes judicialmente, o que tudo foi muito mal feito, principalmente sendo cousa tão geral e publica, mando que todos os que pagaram por este modo o possam pedir a quem o deram, ou sejam escoltete ou escabinos, e que se lhe tornem, e que mais não façam semelhantes fintas e composições tanto contra direito.

Mauricia........... (sem data nem assignatura.)

——

** De S. Exc. ao Sr. Alvaro Gomes, a quem Deus guarde, no rio de S. Francisco:

Tenho por informação que ninguem melhor que Vmc. me poderá ajudar nesta occasião, e espero que o faça de boa vontade, porque com a mesma lh'o saberei agradecer, quando me occupar.

Belchior Alvares ha de deixar nesse rio cantidade de gado de differentes marcas que me pertence, e outras cousas que lhe encarreguei; ordeno-lhe que tudo entregue a Vmc. pera que, com sua fabrica, o ajunte e m'o traga em um, ou dous ou mais lotes, como puder, e não bastando a fabrica de Vmc., occupe a que mais for necessaria,

pelo que lhe peço que tudo o que Belchior Alvares entregar a Vmc. e lhe der por rol, faça diligencia por trazer-m'o com a brevidade possivel, e de tudo será Vmc. mui bem pago aqui. Si Belchior Alvares fôr vindo á chegada desta, não faltará lá ordem pera se entregar a Vmc. o que lhe deixou.

Dada nesta ilha de Antonio Vaes aos 18 de Fevereiro de 1639.

Guarde Deus a Vmc.

Mauricio, comte de Nassau.

"Illm. Sr. João Mauricio, Conde de Nassau Catzinellenbogen, Diest, Senhor de Bilstein, Dignissimo Governador, Capitão e Almirante General de mar e terra do Estado do Brazil:

A Camera da villa de Olinda, como mais populosa e principal entre as mais Cameras do povo de Pernambuco e de todo o Estado conquistado, tendo experimentado em as benignas acções de V. Exc. a benevola propenção que tem a este povo e a todos os moradores deste Estado. e desejando constituir em a illustrissima pessoa de V. Exc. um refugio perpetuo e firme asylo e patrocinio contra as inconstancias da fortuna, pera que nas necessidades, apertos, pretenções, negocios e leaes intenções tenham aqui e em Hollanda um padroeiro que os empare e favoreça a sua sombra os povos e moradores do Brazil que com tanto amor governa;

Pede com amoroso affecto e encarecimento a V. Exc. seja servido aceitar debaixo do favor e patriocinio de sua illustrissima pessoa os moradores deste Estado do Brezil. e chamar-se padroeiro seu, quando os mui altos e poderosos Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas e S. A. o Senhor Principe de Orange sejam servidos concederno-lo pelas cartas que lhe havemos de escre-

ver, pedindo-lhe a confirmação deste patrocinio em a pessoa de V. Exc., pera que com esta segurança e refugio vivam os moradores alentados e contentes, e o Estado se conserve rendoso aos mui nobres Senhores da outorgada Companhia das Indias Occidentaes, e por penhor desta mercê pedimos a V. Exc. nos despache esta petição como pedimos.

Treslado do despacho de S. Exc.

Sempre tive ao povo portuguez, e a todos os moradores deste Estado a afeffção de que tem experiencia, e de novo farei o que a Camera da villa de Olinda me pede nesta petição, e mais particularmente, quando Deus fôr servido levar me a Hollanda, estarei sempre certo, como bom intercessor, com muito boa vontade pera tudo o que ahi se offerecer aos moradores do Brazil com os Senhores Estados Geraes, e S. A. e Concelho da illustre Companhia.

Antonio Vaes aos 3 de Agosto de 1639.

Mauricio, comte de Nassau.

E eu, Manoel Ribeiro de Sá, secretario da Camera da villa de Olinda, o fiz tresladar da propria,

Manoel Ribeiro de Sá.

(Continua)

INDICE